

REVISTA TRIMENSAL
DO
Instituto Geographico
E
Historico da Bahia

FUNDADO EM 1891, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta, quidem res temporis acti
In praesens, validusque in ventis stimulus.

JUNHO DE 1899

ANNO VI

VOL. VI

N. 20



BAHIA

Typ. e Encadernação—Empresa Editora
80—Rua do Corpo Santo—80

1899

veitámos as poucas horas de paz, para estudarmos os tempos coloniaes da nossa amada patria.

Se esta nossa primeira tentativa fôr bem recebida; se este nosso ensaio tiver bom resultado, conforme a acceitação obtida, trataremos ou não da litteratura em outras épocas, se Deus nos der vida e saude.

I

A litteratura brazileira nos seculos XVI e XVII

No campo das letras brazileiras, diz o Sr. Dr. Oliveira Lima, cabe ao indigena, além da contribuição propria, um quinhão na acclimação das tradições populares portuguezas transportadas pelos colonos. A's antigas serrauihas gallezianas que, como quer o Sr. Theophilo Braga, constituiram as nossas *modinhas* e *landis*, deram os aborigenes, às primeiras pelo menos, pois resentem-se as segundas da vantagem de influencia africana, uma boa parte do lascivo encanto e seducção irresistível que encerram essas arias, verificando-se semelhante acção pelo cruzamento das raças no producto nacional muito mais do que por influencia directa. (1)

Ao contrario do que se passava nas colonias hespanholas, em que se fundavam associações litterarias, em que funcionavam typographias e abriam-se livrarias para illustrar os colonos, Portugal impedia e perseguia mesmo qualquer tentativa nesse sentido.

No Chile em 1570 foi impressa parte da *Aracania* por Ercilla, e em 1605 Pedro d'Ona publicou o seu *Aranco Domado* em 19 cantos.

(1) Dr. Oliveira Lima—Aspectos da litteratura colonial brazileira.

Em Lima organisou-se uma Arcadia Antártica, já existindo nesta época uma typographia onde em 1602 Diogo D'Avalos y Figueiroa imprimiu a sua *Misselanea Austral y Defensa de Danças*. Em 1608 nessa Academia já se tornavam distinctos como arcades Mexia, Ona, Cabello e Duarte Fernandes.

Em 1611 compunha em Lima Fr. Diego de Hojeda a sua epica *Christiada* e Fernando Alvares de Toledo o seu *Puzen Indomito*. O Mexico tambem acompanhou o movimento litterario do Chile. Juan de Castelhanos cantou a historia dos hespanhóes, que desde Colombo mais se illustraram na America.

Em 1588 Gabriel Zasso e Antonio Savedra compuzeram epopéas a Cortez; e em 1604 foi publicado o poema *Grandezza Mexicana* pelo bispo Balbuena. Em 1610 o capitão Gaspar de Villagra publicou a sua Historia de lo Nueve Mexico onde descreve as festas do *Adiantado Onate* e seus companheiros.

Em um poema escripto em quadras, descreve o P. Rodrigode Valdez a fundação de Lima.

Em Buenos-Ayres tambem Martin del Barco Centenera procurou escrever a sua historia. (2)

Até mesmo em Cuba adeantou-se mais a imprensa do que no Brazil.

O grande poeta canarino Troya e Quesada escreveu o poema *Espejo de paciência*, considerado o poema mais antigo daquella ilha, versando sobre uma invasão de piratas francezes no porto Manzanillo.

De 1696 a 1760 em Santa Clara o poeta D. José Suri e Aguille poz em verso os preceitos da sua

(2) F. A. Warnhagen—Florilegio da poesia brasileira, Tomo I, pag. XII.

Em Lima organisou-se uma Arcadia Antártica, já existindo nesta época uma typographia onde em 1602 Diogo D'Avalos y Figueiroa imprimiu a sua *Misselanea Austral y Defensa de Damos*. Em 1608 nessa Academia já se tornavam distinctos como arcades Mexia, Ona, Cabello e Duarte Fernandes.

Em 1611 compunha em Lima Fr. Diego de Hojeda a sua epica *Christiada* e Fernando Alvares de Toledo o seu *Puzen Indomito*. O Mexico tambem acompanhou o movimento litterario do Chile. Juan de Castelhanos cantou a historia dos hespanhóes, que desde Colombo mais se illustraram na America.

Em 1588 Gabriel Zasso e Antonio Savedra compuzeram epopéas a Cortez; e em 1604 foi publicado o poema *Grandezza Mexicana* pelo bispo Balbuena. Em 1610 o capitão Gaspar de Villagra publicou a sua Historia de lo Nueve Mexico onde descreve as festas do *Adiantado Onate* e seus companheiros.

Em um poema escripto em quadras, descreve o P. Rodrigode Valdez a fundação de Lima.

Em Buenos-Ayres tambem Martin del Barco Centenera procurou escrever a sua historia. (2)

Até mesmo em Cuba adcantou-se mais a imprensa do que no Brazil.

O grande poeta canarino Troya e Quesada escreveu o poema *Espejo de paciencia*, considerado o poema mais antigo daquella ilha, versando sobre uma invasão de piratas francezes no porto Mauzanillo.

De 1696 a 1760 em Santa Clara o poeta D. José Suri e Aguille poz em verso os preceitos da sua

(2) F. A. Warnhagen—Florilegio da poesia brasileira, Tomo I, pag. XII.

profissão de medico e pharmaceutico. Era habil em improvisar lóas, que recitava diante das imagens nas procissões e festividades religiosas.

Poderíamos ainda mencionarl Avo y Monteagudo, Martinez Avileiro e a poetisa anonyma, autora do poemeto *Dolorosa y metrica expressiva del sitio y entrega de Habana*, no qual cantava a invasão ingleza em 1762.

Se bem que só fosse decretada a liberdade de imprensa desta bella ilha em 1811, pelas Córtes de Cadiz, comtudo antes dessa época, não só nas datas que apontamos como em outras, appareceram trabalhos de notaveis litteratos.

Em 1720 foram publicadas algumas obras e em 1790 foi impresso o primeiro periodico *El Papel Periodico*, em cuja redacção figurou o eminente poeta Zequeira, poeta que hombreou com os melhores litteratos ibero-americanos. Cultivou de preferencia o genero epico, escrevendo as odes: *Batalla real de Cortés en la laguna del Mexico*, *Dos de Mayo*, *El primer sitio de Saragoza*, etc. Escreveu tambem poesias lyricas como *A la pina*.

Quasi na mesma época appareceram os jornaes: *El papel Periodico* e *El Redator Americano*, fundados pelo illustre pae do jornalismo, Soccorro Rodrigues, que os fundou em Nueva Granada (Columbia). Foi um jornalista illustre, tendo sido director da Bibliotheca Nacional. Escreveu muitos epigrammas, decimas, lóas laudatorias, etc.

Outros poetas appareceram em Cuba, bem como em Havana e em Santiago, etc., que escreveram e publicaram seus trabalhos nessa época.

Em principios deste seculo surgiu o vulto eminente do maior poeta de Cuba e um dos maiores da America—José Maria Heredia—, que aos 10

annos já compunha versos e aos 17 (1820) bacharelava-se. (3)

Se continuasse a acompanhar os Srs. F. A. Warnhagen e Antonio Salles, estudando o desenvolvimento litterario nos paizes citados, notaríamos que em todos elles houve mais ou menos a mesma tendencia.

No Brazil porém os que escreveram sobre elle, os seus trabalhos ou foram impressos em Portugal ou publicados depois da independencia.

Sem fallar do thaumaturgo padre jesuita José de Anchieta que foi o precursor da litteratura brasileira, cujos trabalhos são puramente americanos, de quem trataremos quando apresentarmos um outro trabalho nosso sobre a instrucção publica durante o Brazil colonial, o documento mais antigo sobre o Brazil é uma carta de Pero Vaz Caminha, escrivão da frota de Cabral, escripta no seculo XVI e dirigida a el-rei D. Manoel de Portugal, na qual relata o descobrimento do Brazil.

Depois d'elle Pero Lopes de Souza, irmão do donatario Martim Affonso de Souza, escreveu um interessante *Diario da navegação da armada que foi á terra do Brazil de 1530 a 1537*, publicado em Lisboa por Warnhagen em 1839, e transcripto no tomo XXIV da «Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro» de 1861.

No seculo XVI, ainda em 1576, escreveu Pedro de Magalhães Gandavo, o *Herodoto portuguez*, a sua *Historia da Provincia de Santa Cruz*, a que vulgarmente chamamos Brazil. Offerecida ao Sr. Dom Lionis pro-governador que foi de Malaca, etc., das partes do sul da India, imprimiu-a na mesma data na officina de Antonio Gonsalvez em Lisboa, com 48 folhas.

(3) Antonio Salles—Poetas Cubanos. Revista Brasileira. IV anno, tomo XIV, fasciculo 78, pag. 301.

Tornando-se rara e esgotada, foi reimpressa em 1858 pela Academia Real das Sciencias de Lisboa; e neste mesmo anno publicada no tomo XXI da «Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro».

Escripta em estylo claro e attrahente, o seu autor, começando a tratar pelo descobrimento do Brazil, continúa narrando factos que se deram posteriormente à sua descoberta, e termina descrevendo os costumes dos indigenas e os seus usos.

Gandavo, o portuguez que primeiro tratou das cousas do Brazil, além da referida *Historia*, também escreveu um *Tratado das terras do Brazil*, no qual se contém uma informação das cousas que ha nestas partes. Foi publicado em 1826 na Collecção das Noticias para a Historia das nações ultramarinas.

Em 1587, o colono Gabriel Soares de Souza, compoz o seu *Tratado descriptivo do Brazil*, dedicado a Christovam de Souza.

Desse *Tratado* muito se aproveitaram em 1599 Pedro de Mariz para o seu *Dialogo de Varia Historia*, Fr. Vicente do Salvador para a sua *Historia do Brazil* e Fr. Antonio Jaboatam para o seu *Novo Orbe Seraphico Brasileiro*, ou chronica dos frades menores da provincia do Brazil, impressa em Lisboa em 1761.

Começado a imprimir pelo sabio Fr. José Mariano da Conceição Velloso, foi concluido pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, que o publicou no volume da Collecção das Noticias para a historia das nações ultramarinas.

Em 1851 foi editado em primeira edição, pelo douto historiador F. A. Warnhagen, e em 1879 em segunda o Instituto Historico e Geographico Brasileiro transcreveu-o no volume XLV da sua importante Revista.

Depois de ter tratado do roteiro geral das costas do Brazil, de descrever as suas grandezas, a sua historia e colonisação, a sua descripção topographica, enseadas, ilhas, etc., termina por uma noticia ethnographica de seus recursos e metaes.

Embora escripto em estylo rude e pouco castigado, comtudo encanta a sua dicção.

O Tratado descriptivo do Brazil de Gabriel Soares de Souza, se bem que não seja um trabalho de estylo elegante, comtudo prende a attenção pela formosura e correccão da linguagem. Constitue, na bella phrase do Sr. Dr. Oliveira Lima, um verdadeiro manual de propaganda da colonia para uso dos governantes. Inventario cuidadosamente executado, expõe circumstanciadamente as riquezas do Brazil. Colleccionando Gabriel Soares as notas em que poudes elaborar o seu *Tratado*, em breves capitulos methodicamente escriptos, descreve com minuciosidade: a costa do Brazil, indicando os seus rios, enseadas, recifes e baixos. Enumera os exemplares conhecidos da fauna e flora brazileiras. Bosqueja os costumes dos selvagens e dá finalmente informações dos metaes e pedras preciosas do interior do Brazil. Essencialmente descriptiva, essa obra tem se conservado entre os seus posteros com sincera admiracão, que d'ella se têm servido proveitosamente para a elaboracão de outros trabalhos.

Fernão Cardim, quasi contemporaneo do primeiro periodo colonial do Brazil, acompanhando na qualidade de missionario jesuita, de 1583 a 1590, o visitador padre Christovão Gouvêa pela Bahia, Ilhéos, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente, etc., escreveu uma brilhante *Narrativa Epistolar*, na qual descreve o estado em que se achavam esses lugares na época em que os visitou. N'esse precioso trabalho

nos dá uma pintura exacta dos usos e costumes dos indios, da conversão empregada pelos padres jesuitas, das festas e dos *descantes*, com que os indios entoavam os versos de Anchieta.

«As cantigas, diz elle, pias de José em propria lingua, contrapostas às que elles costumavam cantar vãs e gentilicas».

Em relação ao ensino nos refere o insigne narrador.

«Na Bahia os jesuitas tinham um collegio com uma livraria regular. Em Pernambuco uma escola em que ensinavam uma lição de casos, uma outra de latim, uma aula de lêr, escrever, pregar, confessar, etc. Em Porto Seguro haviam algumas aldêas de indios catechisados, e em todas ellas existiam escolas de lêr e escrever leccionadas pelos padres. Aos mais habeis eram ensinados o cantar e tanger frautas, viola e cravo, e officiar missas em canto d'orgão. Esses meninos fallavam o portuguez, cantavam a doutrina, e pela rua encommendavam as almas do purgatorio.

Na *Narrativa* ainda Cardim falla de uma graciosa representação, de um dialogo pastoril em lingua brazilica executado pelos indios; e de seus versos compostos aos martyrios do padre Ignacio de Azevedo.

Esse interessante trabalho impresso em Lisboa em 1847, mais tarde especialmente editado pelo Sr. F. A. Warnhagen, foi em 1881 publicado pelo Dr. J. F. de Souza Araujo, com o titulo de: *Do principio e origem dos indios do Brazil e de seus costumes, adoração e ceremonias*.

Escriptor correcto, singelo e verdadeiro, se bem que pouco observador, os trabalhos de Fernão Cardim comtudo são lidos com grande interesse.

No seculo XVII, em 1663, foi publicado em

Lisboa em primeira edição a excellente *Chronica da Companhia de Jesus* do padre jesuita Simão de Vasconcellos. Em 1864 o Sr. Francisco Antonio Martins publicou uma segunda edição, annotada pelo saudoso conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro. Em 1865 appareceu uma terceira edição, editada pelo illustre bibliographo Francisco Innocencio da Silva.

Simão de Vasconcellos descreve exacta e minuciosamente as cousas do Brazil. Tratando da entrada dos jesuitas n'esse Estado, nos falla dos seus trabalhos missionarios, dos seus collegios e seminarios, da educação que davam aos indios e pequenos colonos.

Abrange essa preciosa *Chronica* todo o periodo da administração do venerando padre Manoel da Nobrega, fundador e primeiro provincial da provincia do Brazil. Descrevendo a vida e a morte do venerando Nobrega, occupa-se tambem especialmente com o grande thaumaturgo padre José de Anchieta.

E' um trabalho completo, perfeito e minucioso, consultado e seguido por todos os historiadores, que depois d'elle trataram do Brazil. Foi o pharol que nos guiou, em um outro trabalho nosso—A instrucção publica nos tempos coloniaes do Brazil.

Simão de Vasconcellos é o pae da chronica do Brazil, como Sebastião da Rocha Pitta o é da historia e Ayres do Casal da chorographia.

II

Seculo XVII

Bento Teixeira.--Fr. Vicente do Salvador.--Gregorio e Eusebio de Mattos Guerra.—Padre Antonio Vieira e outros.

No seculo XVII, epoca em que o Brazil, diz o auctor da *Historia da litteratura Brasileira*, se viu a braços para repellir do seu solo invasores estrangeiros, em Pernambuco os hollandezes, que o dominavão de 1624 a 1644, e no Maranhão os audazes francezes; a instrucção publica, se bem que os successores de Nobrega e Anchieta continuassem a se interessar por ella, conservou-se no mesmo estado. O movimento litterario, porém, teve mais animação. (1)

Muita razão tem o Sr. visconde de Porto Seguro quando considera, que toda a guerra bem dirigida convém de tempos a tempos às nações, para as despertar de seu torpor. N'ella o sangue é fecundo quando bem derramado, e a conquista das glorias é tão necessaria como o augmento de suas rendas. (2)

Começou a dar nome ao seculo Bento Teixeira, pernambucano illustre e distincto litterato. Dotado de profundos conhecimentos, seus escriptos são elaborados com muita elegancia, bellas descrições e perfeita correccão de forma. O seu poema *Prosopopea*, impresso em Lisboa em 1601, e dedicado ao governador Jorge de Albuquerque, é escripto com grande imaginação e sentimento, em estylo doce e elegante. E' o poeta mais antigo e foi quem primeiro escreveu no Brazil depois de Anchieta.

(1) Dr. Sylvio Romero. *Historia da Litteratura Brasileira*.

(2) F. A. Warnhagen—*Florilegio da poesia brasileira*.

Os Dialogos pandegos do Brazil de Bento Teixeira, de instructiva e amena leitura, é um trabalho litterario de merecimento, no qual o seu auctor compendia as observações sobre as terras brasileiras, costumes dos habitantes, productos do solo e singularidades de organização social, que lhe haviam sido suggeridas nos annos de maturidade despendidos no funcionalismo e na agricultura. E' uma obra recreativa, repleta de annotações curiosas, engenhosas explicações, parallellos sensatos, interessantes descripções e dados valiosos de toda a especie.

Segundo o Sr. Dr. Oliveira Lima, o poema epico *Prosopopea*, de Bento Teixeira, nasceu visivelmente da influencia americana. (3)

O Sr. Dr. F. A. Pereira da Costa, porém, nota que além das flagrantes lembranças dos *Luziadas*, se encontram n'elle passagens bebidas directamente na leitura compassada de Virgilio.

E' um poema em que o seu auctor faz a apologia de um guerreiro, commemorando a bravura de Jorge de Albuquerque Coelho, quando de regresso do captiveiro africano. Cheio de sentimento de heroismo luzitano, o illustre pernambucano faz o elogio do heroe de Alcacer Kibir.

O franciscano Vicente do Salvador, nascido na Bahia em 1564, illustra tambem o seculo XVII, escrevendo a sua *Historia do Brazil*, concluida a 20 de Dezembro de 1627. Dedicada a Manoel Severino Faria, conservou-se em manuscripto na Torre do Tombo até 1857, em que foi extrahida uma copia por João Francisco Lisboa. Mais tarde tendo sido adquirida pela Bibliotheca nacional, o seu honrado e distincto actual director Dr. J. A.

(3) Dr. Oliveira Lima—Aspectos da litteratura brasileira colonial.

Teixeira de Mello, depois de revistal-a confiou-a ao douto historiador Capistrano de Abreo, que depois de tel-a prefaciado, publicou-a em 1888, em um dos numeros dos Annaes da referida Bibliotheca. O seu eximio auctor nos dá uma bella noticia do descobrimento do Brazil, descreve o seu estado na época do seu descobrimento, occupa-se com os governos dos governadores Thomé de Souza, Manoel Telles Barreto, Gaspar de Souza e Luiz de Oliveira.

Apezar de alguns defeitos e lacunas, mesmo assim o livro de Fr. Vicente é um testemunho de primeira ordem, possui tão subidos quilates que nunca poderá descer do lugar que occupa. (4)

Historiador mais antigo da America portugueza, descreve em linguagem clara, precisa e correcta o periodo da historia do Brazil de 1500 a 1627.

Dividida em cinco livros, os dois primeiros nada adeantam o *Tratado descriptivo do Brazil* de Pedro Magalhães Gandavo e a *Historia da Provincia de Santa Cruz* de Gabriel Soares; entretanto os tres ultimos capitulos são inteiramente novos e de grande ensinamento.

Segundo o Sr. Dr. Sylvio Romero, os tempos que precedem á guerra hollandeza não podem ser estudados sem o livro de Fr. Vicente.

Se bem que escripta por portuguez, em anonymo appareceu em 1619, uma obra intitlada *Dialogos da grandeza do Brazil*. Em forma de dialogos descreve o seu autor o estado em que se achava o Brazil nesta época.

Se passarmos da historia para a litteratura admiraremos, na poesia o lindo poema escripto em latim, *A Paixão*, pelo padre Domingos Barboza, e as bellissimas tragedias e dramas compostos por Salvador de Mesquita de 1622 a 1670.

(4) Dr. Sylvio Romero—Historia da Litteratura Brazileira.

Pernambuco foi a cidade em que primeiro brotou e floresceu a litteratura nacional. Muito concorreram o bom governo de Duarte Coelho, a fertilidade de suas terras, a facilidade de viagens à Europa, e finalmente a tendencia litteraria de seus capitães-móres, como Jorge de Albuquerque e seu filho D. Duarte. A Jorge de Albuquerque dedicou em 1710 Bento Teixeira a sua Prosopopéa. Na Bibliotheca Luzitana do abbade Barboza Machado, é citado um manuscripto de Jorge de Albuquerque em hespanhol—as *Memorias Diarias*, documento capital para a historia da invasão hollandeza em Pernambuco.

Ainda em Pernambuco existiu um grupo litterario, em que figuraram Fr. Francisco do Rosario, Jorge de Albuquerque, Bento Teixeira e outros.

Gregorio de Mattos Guerra, o *Ovidio Brasileiro* ou antes o *Bocca do Inferno*, como era appellido, poeta mavioso, lyrico, satyrico, mordaz e pilherico, tomou Quevedo para o seu modelo. As suas composições ressumbram de activismo, graça e ironia, ao mesmo tempo chistosas. Tão notavel jurisconsulto como poeta, foi, segundo o Sr. Dr. Sylvio Romero, um dos homens mais notaveis de seu tempo, e podia occupar as mais altas posições, se não fôra o seu genio tão mordaz e satyrico. Tomou quasi que por assumpto de suas composições a administração do governador Antonio Luiz. Perseguido por elle, não o poupou tornando-se muitas vezes maledicente. Delle dizia o padre Antonio Vieira: Mais se deve às satyras de Mattos do que aos sermões de Vieira. Nascido em 1623 na Bahia, falleceu em 1696 com setenta e tres annos de idade. Seus restos mortaes repousam na egreja da Penha no Recife.

Debalde procurámos encontrar o local em que devem estar, para lhe prestar as nossas home-

nagens. Com a restauração desse sumptuoso monumento ignora-se a sua verdadeira sepultura.

Gregorio de Mattos tomou por modelo os poetas hespanhóes do seu tempo: Lope de Vega, Gongora e Quevedo. Reintroduziu o verso de dez syllabas, já abandonado, e que foi denominado *Verso de Gregorio de Mattos*. (5)

Uma das figuras mais proeminentes das lettras coloniaes, foi um poeta essencialmente satyrico, porém de uma linguagem séria e não obscena. A sua satyra dos *Ratos*, verdadeira allusão pessoal aos costumes, é muito apreciada pelos seus typos allegoricos, se bem que cruel no espirito.

Satyrico, tambem cultivou o genero lyrico, peccando porém as suas poesias por uma certa affectação deformada, segundo o Sr. Dr. Oliveira Lima, pelo culteranismo da época.

Conhecedor profundo da lingua vernacula, em seu estylo guindado, de um rico vocabulario popular, empregava ao mesmo tempo com gosto os termos indigenas e africanos.

Seu irmão Eusebio de Mattos Guerra, se não foi tão popular como elle, foi entretanto muito reflectido, dotado de vasta illustração e de uma bella pureza de estylo em todas as suas composições. Segundo Eduardo Perié as suas obras passaram á posteridade como uma nota doce, vibrante, harmoniosa e reflectida, envoltas em uma atmospheria de sentimento e idealismo que lhes dão um encanto indefinivel.

Foi Eusebio de Mattos, na Bahia, o rival no pulpito de Antonio Vieira e Antonio de Sà. Homem prodigioso, Perié considera que elle foi tudo quanto quiz ser nas lettras e nas bellas artes. (6) Os seus

(5) F. Wolf.—Histoire de Littérature Brésilienne.

(6) Eduardo Perié—Historia da Litteratura Brasileira..

excellentes e copiosos trabalhos infelizmente acham-se na maior parte perdidos. O seu *Ecce Homo*, as suas *Praticas dos Espinhos*, das *Cor-das*, etc., o seu sermão de *Soledade*, a sua *Oração funebre*, são excellentes composições, sufficientes para recommendar o seu autor à posteridade.

Manoel Botelho de Oliveira que não foi igual a Eusebio de Mattos, comtudo a Academia Real de Sciencias de Lisboa o distinguiu considerando-o entre os classicos portuguezes, pela linguagem pura, castigada e correctá de seu estylo. Qual outro Anchieta, como este pertencia à escola americanista. Se o thaumaturgo brasileiro com as suas poesias na lingua tupy, foi a primeira vibração da litteratura brasileira, Botelho de Oliveira foi a primeira pedra do edificio intellectual que tantos e tão preclaros varões haviam de levantar bem alto. Autor de uma bella descripção da *Ilha de Maré*, de um poema a *Musica do Parnaso*, e de uma outra composição *Amôr, enganos y zelos*, foi o primeiro litterato brasileiro que mandou pessoalmente os seus trabalhos ao prelo. Foi contemporaneo de Frei Manoel de Santa Maria Itaparica.

Distinguiram-se ainda n'essa epoca Frei Christovam da Madre Deus Luz nascido no Rio de Janeiro em 1650, autor de dous preciosos trabalhos: *Cuidado contra o tempo* e *Cartorio da Provincia da Immaculada Conceição do Estado do Brazil*. D. Francisco Manoel de Mello, um dos maiores homens de Portugal e de Castella, testemunha occular, escreveu a *Epanaphora bellica* ou a *Historia da expulsão dos hollandezes de Pernambuco*. (7)

Manoel Botelho de Oliveira filiado à escola de

(7) F. A. Warnhagen. Florilegio da poesia brasileira.

Gongora, as suas poesias se resentem de muito a maneiradas, entretanto recommendam-se pelo sentimento nacional e pela sua côr verdadeiramente local.

O jesuita padre Francisco de Souza, foi um dos padres de Loyola, que mais trabalhou para a catechese dos indios. Erudito, seus trabalhos são escriptos com muito atticismo e pureza. O seu *Oriente Conquistado* é uma bella composição recommendavel.

Segundo uns nasceu em 1628, segundo outros em 1630. Barboza Machado julga ter nascido em Itaparica.

Tendo entrado em Goa para o noviciado dos jesuitas, fez ahi seus estudos e tomou as ordens sacras de presbytero. Depois de ter sido parochou da freguezia, veio de prestar serviços no Oriente, tendo sido depois disto deputado do tribunal de Santo Officio, e tomado assento a 9 de Agosto de 1700.

Poeta sacro classico, fez versos em latim exaltando as cousas sagradas.

Além do *Oriente Conquistado* foi-lhe tambem attribuido o poema *Eustaquidos*, cujo autor verdadeiro é Frei Manoel de Santa Maria Itaparica.

O *Oriente Conquistado* foi publicado a primeira parte, comprehendendo os primeiros vinte e dous annos da historia da Companhia de Jesus na India, e a segunda parte de 1564 a 1585 em dous volumes appareceu com a primeira em 1710, a terceira ainda está inedita.

Segundo Barbosa Machado é uma obra de methodo claro, estylo elegante, exacta na parte geographica e chorographica. (8)

(8) Poetas Bahianos. Seculo XVII. Dr. Manoel Brito. Revista Trimensal do Instituto Geographico e Historico da Bahia. Vol. IV n. 14, pag. 628.

Outro poeta bahiano d'essa epoca foi João Alvares Soares da Franca, filho de um fidalgo da casa real e de D. Catharina de Souza Barbalho; nasceu na Bahia a 8 de Sêtembre de 1676.

Tendo estudado no collegio dos jesuitas e obtido o grão de mestre em artes, assentou praça no terço da infantaria da praça da Bahia. Mais tarde em 1718 recebeu ordens de presbytero.

Poeta erudito e socio da *Academia dos Esquecidos*, deixou publicados seis sonetos em castelhano, apparecidos em Lisboa em 1704. Classico gongorico deixou ainda um sermão a Sant'Anna publicado em Lisboa em 1733, e um tomo de 72 discursos moraes e politicos e uma *Oração Academica* inedita, recitada na Academia dos Esquecidos. (9)

Tratemos ainda de um outro illustre bahiano, Domingos Barbosa.

Nascido em 1632 pertenceu a Companhia de Jesus. Tendo tomado na Bahia a roupeta, foi mestre em artes, professor de noviços e procurador geral da sua ordem. Compoz muitas poesias em latim, entre ellas: *Passio sercatoris Jesu Christi*, em que a elegancia do metro se coaduna á tonsura do affecto.

Morreu em 22 de Novemdro de 1685, no cargo de director do collegio, (10) com 62 annos de idade.

Que nos permitta o Sr. Dr. Manoel Brito, que tanto nos está auxiliando, continuarmos a aproveitar dos seus bellos trabalhos, para tratarmos de outros bahianos egualmente illustres do seculo de que nos occupamos.

Pedro Gomes Ferreira de Castilho, filho de

(9) Dr. Manoel Brito. Loco cito pag. 625.

(10) Dr. Manoel Brito. Loco cito pag. 627.

Antonio Gomes Ferreira de Castilho, instruido, talentoso e apreciado poeta, escreveu o soneto — *Despedida a meu filho*.

Antonio Gomes F. de Castilho, digno rival na satyra de Gregorio de Mattos Guerra, publicou satyras, elegias, sonetos etc.

José Borges de Barros, nascido na Bahia em Março de 1657, depois de ter estudado na escola da Companhia de Jesus, foi completar os seus estudos na Universidade de Coimbra, onde recebeu o gráo de mestre em artes e o de bacharel em sagrados canones.

Foi mestre de escola da Cathedral da Bahia, desembargador da Relação Ecclesiastica, vigario geral e juiz de residuos. Em Coimbra foi provisor e vigario geral e prior de Santa Maria de Aredo e S. João de Almediana e arcediago de Cêa.

Bastante estimado, philosopho e theologo illustrado, foi orador sagrado de grande merecimento. Dedicando-se á poesia latina, foi o melhor comedigrapho de seu tempo. Dotado de uma bella calligraphia, escrevia com os mais lindos e perfeitos caracteres. Dentre as suas obras deveremos mencionar: *Tractatus de Præceptis Decalogi 4º de M. S.*—*Pratica Indicial* com o Formulario do provisor e vigario geral.—*Tratado pratico das materias heralicias*. *A Constança com triumpho*, comedia.

Fr. Francisco Xavier de Santa Thereza, pertencente á provincia religiosa de Santo Antonio de Sergipe, nasceu no dia 12 de Março de 1686 na Bahia. Tendo estudado na escola dos Jesuitas, entrou para a Ordem de Santo Antonio em Sergipe do Conde a 4 de Julho de 1703.

Mais tarde passou para Pernambuco e depois para a ilha da Madeira, onde foi leccionar theologia,

indo receber finalmente as ordens de presbytero em Lisboa.

Commissionado para representar a sua Ordem em Londres, aproveitou a occasião para visitar a França, Hollanda, parte da Allemanha, regressando à Inglaterra em 1714, depois de ter visitado tambem os Paizes Baixos. Foi uma excursão muito aproveitavel, e adquiriu grande cabedal de estudos e observações. Depois de ter assistido o combate naval do golpho de Passavá, no archipelago de Corfú, na qualidade de capellão de uma frota que para ali partiu, voltou para Portugal a leccionar theologia e occupar diversos outros cargos honrosos.

Notavel orador sagrado, litterato e poeta latino, fallando correctamente diversas linguas, os seus sermões e obras litterarias foram tão apreciados, que lhe deram entrada na Arcadia Romana, com o nome poetico de *Elvedio*, já tendo tido igual distincção na Academia Real de Historia Portugueza.

Não se sabe ao certo a data de sua morte.

Escreveu diversas orações, sermões, elogios funebres e poemas. A comedia do *Martyrio de Santa Felicidade e seus filhas*, foi considerada por seus contemporaneos, como a obra prima de suas composições metricas e tragicas.

José de Oliveira Serpa, socio da Academia dos Esquecidos, foi outro frade bahiano illustre. Nascido em 1696, estudou com os jesuitas, entrando depois para aquella Academia, onde desenvolveu o seu espirito humoristico e poetico, revelado desde moço. Carmelitano, o seu soneto dedicado a seu collega de Academia Rocha Pitta, é um verdadeiro hieroglypho classico e gongorico, difficil de ser comprehendido por quem não conhecer a mythologia ou não tiver o Diccionario da Fabula de

Chompré. O seu *Romance joco-serio*, é de pouca importancia actualmente.

Gonçalo Soares da Franca, poeta bahiano, fundador da Academia dos Esquecidos, com o pseudonymo de *obsequioso* foi um grande latinista, tendo composto n'esse idioma um poema sobre o descobrimento do Brazil, e varias poesias de merecimento.

Socio da Academia Real da Historia Portugueza, estudou no collegio dos jesuitas, Dedicando-se ao sacerdocio, tomou o habito de S. Pedro, cultivando a historia sagrada e profana.

Segundo Barbosa Machado o seu poema *Brazilica*, de 1800 oitavas rimadas, foi lido em uma das sessões da Academia dos Esquecidos.

Manoel Pereira Rebello, biographo de Gregorio de Mattos, considera o padre Gonçalo Franca, um dos mais brilhantes engenhos bahianos.

Além do poema *Brazilica* escreveu Soares Franca: *Gloza* à oitava 50ª do canto 4º dos Luziadas de Camões; Cinco sonetos, dos quaes um só é de versos dos Luziadas; Quatorze emblemas com epigrammas portuguezes; Dissertação da historia ecclesiastica do Brazil; Oito dissertações de assumptos puramente brasileiros.

O padre Manoel de Macedo, notavel pernambucano, tomou ordens sacras em Portugal; dedicando-se à oratoria sagrada, tornou-se um dos prégadores notaveis dos meíados do seculo XVII. Sua celebridade foi tal, que sempre é citado como um padre de grande merito e illustração pouco vulgar.

Se bem que o famoso jesuita, o *Cheysostomo portuguez*, padre Antonio Vieira, tivesse nascido em Portugal e à sua patria tivesse prestado os mais relevantes serviços, comtudo como o veneravel thaumaturgo José de Anchieta, adoptou o

Brazil para a sua segunda patria. Distinguiu-se principalmente pelos seus admiraveis escriptos e pelos serviços prestados à catechese dos indios e à civilisação dos aborigenes. Foi um dos homens mais notaveis e illustres do seu tempo.

Segundo o Sr. Dr. Sylvio Romero, o padre Vieira é a figura mais alta da litteratura portugueza depois de Camões. Jesuita como Anchieta, tambem como o apostolo do novo mundo entregou-se à catechese dos indios e à prosperidade e riqueza do Brazil. O mais celebre pregador de sua época foi um consumado politico e diplomata e um dos homens mais eminentes que têm habitado o Brazil. Dotado de um grande talento, de uma eloquencia admiravel, fallando e exprimindo-se com a maior facilidade, escrevendo com grande pureza e elegancia, os seus sermões e as suas interessantes cartas são verdadeiros modelos de estylo epistolar e tidos por classicos.

Se para Renan, a litteratura de um povo é a mais completa expressão da sua individualidade, sendo mais instructiva do que a sua propria historia, para Louis Borné, a historia de um povo, sendo a biographia do seu egoismo, a sua litteratura é a historia da sua vida humanitaria.

A litteratura portugueza devendo a sua existencia a Antonio Vieira, que salvou a sua lingua da corrupção, do gongorismo que a influencia do castelhano creara, do estylo alambicado e dos trocadilhos da moda hespanhola; a brazileira tambem deve a Antonio Vieira as suas sabias lições nos collegios da Bahia e de Olinda, nos cursos de humanidade alli creados pela Companhia de Jesus, que vieram salvar a ignorancia indigena das trevas em que se perpetuava.

Ao padre Antonio Vieira, Portugal deve-lhe pois

a sua autonomia, e o Brazil a aurora da liberdade dos gentios. (11)

Descrever o character individual e politico do padre Antonio Vieira é declarar que o seu empenho pela civilisação dos indios é o traço mais refulgente da sua vida de missionario: assim se exprime o Sr. Candido Costa, em sua memoria—«Centenario do padre Antonio Vieira»—escripta no vol. IV n. 14 da Revista Trimensal do Instituto Geographico e Historico da Bahia.

Se Voltaire representa, como continúa a dizer o Sr. Candido Costa, no seculo dezoito a synthese do espirito francez na transição do cazarismo para o dominio das reformas politicas surgidas da revolução de 1789, o padre Antonio Vieira synthetisa a politica, a nacionalidade, a lingua, a litteratura de Portugal no seculo anterior, sóe guida «a nação do abysmo em que se precipitava necessariamente, como provincia da Hespanha.» Mas, se Voltaire, continúa o illustre paraense, pertencé como homem á França, como mentalidade ao Universo, Antonio Vieira pertence como mentalidade á civilisação e á humanidade.

Os indios Nheengaibas ainda hoje se gloriam de serem convertidos pela palavra poderosa do immortal Vieira, a quem chamam—*Padre grande*.

O padre Antonio Vieira não foi um homem, mas a eloquencia encarnada no homem—*Cicero non hominis, sed eloquentiae nomen habetur*, como diz Quintiliano de Cicero.

Em Janeiro de 1720 foram exhumados os seus restos mortaes e guardados em uma urna, cujo paradeiro ignora-se. Mas, segundo Monsenhor Dr. José Basilio Pereira, em uma carta dirigida ao

(11) Ovidio Filho—Centenario do padre Antonio Vieira. Revista Trimensal do Instituto Geographico e Historico da Bahia, Vol. IV n. 14, pag. 315.

Dr. José Francisco da Silva Lima, relativa ao centenário da morte do padre Antonio Vieira, parece que os seus despojos, como os do veneravel padre José de Anchieta, ainda se conservam em jazigo secreto no soberbo templo, que hoje serve de Cathedral, e são verdadeiros thesouros occultos que lá deixaram os padres da Companhia.

Quanto aos preciosos despojos do padre Anchieta, foram trasladados da capital do Estado do Espirito-Santo para a egreja do Collegio da Bahia em 1611, e depositados junto ao altar-mór de Sant'Iago, por ordem do padre Claudio Aquaviva.

O padre Antonio de Sá, fluminense e contemporaneo do padre Antonio Vieira, foi tão talentoso e a sua reputação de orador sagrado subiu a tal ponto, que era conhecido pelo Chrysostomo portuguez. O padre Vieira dizia: A sua ausencia não seria sensível, pois tinha no padre Antonio de Sá um substituto. Imitador de Vieira, procurava sempre imprimir em seus sermões uma linguagem e estylo alevantados, ricos sempre de grande imaginação poetica e de imagens vivas. (12) Nascido no Rio de Janeiro em 1620 e fallecido em 1678, tornou-se adepto da escola de Gongora, então predominante na occasião.

O distincto ex-bibliothecario da Bibliotheca Nacional, Sr. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, comparando o padre Antonio de Sá com o padre Antonio Vieira refere: «Se este foi o oraculo da tribuna sagrada, aquelle foi o principe da oratoria ecclesiastica». E tem bastante razão o escriptor do *Pulpito no Brazil*, pois o padre Antonio de Sá revelou em seus eloquentes sermões vasta erudição e completo conhecimento das escripturas sagradas. Nas paginas da historia litteraria do

(12) Dr. Sylvio Romero—Loco cito.

Brazil, o seu nome deverá ser inscripto como exemplo de uma erudição e eloquencia admiraveis.

Em 1689 Diogo Grasson Tinoco compoz um poema descrevendo os sertões brasileiros, tomando por heroe Fernando Dias Paes e intitulado: *O descobrimento das esmeraldas*.

Deveremos mencionar ainda Bernardo Vieira Ravasco e seu filho Gonçalo Ravasco, irmão e sobrinho do padre Antonio Vieira. O primeiro compoz os *Autos Sacramentaes*.

José Borges de Barros que escreveu uma comedia: *A constancia e o triumpho*.

Egualmente são dignos de nota os pregadores Fr. José da Natividade, homem de grande talento philosophico e especial subtileza; e o padre Angelo dos Reis, jesuita que se distinguiu como mestre de humanidades, de philosophia e theologia.

Não menos notavel foi ainda o infeliz paulista Manoel de Moraes, que escreveu diversos opusculos em hollandez sobre o Brazil, e especailmente a sua *Historia da America*, muito elogiada por João de Lery.

A actividade litteraria teve maior desenvolvimento depois da guerra com os hollandezes. Os padres Antonio Vieira, Antonio de Sá, Eusebio de Mattos e outros astros brilhantes d'esse glorioso periodo, com os seus instructivos e eloquentes sermões, despertaram o apparecimento de tantos outros illustres pregadores. Foi essa uma época de grande desenvolvimento intellectual, na qual figuraram os virtuosos jesuitas. Homens illustres, eximios poetas e eloquentes oradores, attrahiam para os templos a sociedade, para ouvir os seus bellos sermões. (13)

(13) Dr. Sylvio Romero. Loco cito.

Apezar da preocupação constante em que se via a metropole, durante o seculo XVII, para debellar o dominio hollandez de Pernambuco e desembaraçar-se do jugo dos hespanhoes, tornando-se novamente nação livre e independente, não se descuidava Portugal totalmente do desenvolvimento litterario da sua colonia. Acompanhando a tendencia que havia desde o começo da colonisação do Brazil, nos portuguezes e brazileiros, para escrever a historia das terras de Santa Cruz, por alvará de 8 de Maio de 1658, foi nomeado chronista do Brazil, Diogo Gomes Carneiro, que escreveu alguns fragmentos litterarios e historicos. Por carta regia de 11 de Janeiro de 1699, foi creada uma escola de artilharia e architectura militar.

III

Seculo XVIII

José Basilio da Gama—Santa Ritta Durão—José Francisco Cardoso—Academia dos Esquecidos, dos Felizes, dos Selectos, Litteraria.

No seculo XVIII ainda mais se accentuou o gosto pelas letras e por todas as cousas do espirito. Appareceram duas tendencias: a politica na *Inconfidencia* e a romantica no *Cacumari e Uruguay*, os dous melhores poemas que se têm escripto até hoje, o primeiro por José Basilio da Gama e o segundo por José de Santa Ritta Durão.

José Basilio da Gama, nascido em Minas Geraes, fez parte da Arcadia de Roma, da Academia de Lisboa e da Arcadia Ultramarina do Rio de Janeiro, da qual foi um dos fundadores e escreveu a *Quitubia*, a *Declamação Tragica* e o immortal poema *Uruguay* publicado em 1760. De um enredo vivaz, seu assumpto consiste em atacar os

jesuitas, condemnando os seus methodos, a sua politica e a sua educação. Fazendo figurar o indigena lutando face a face com o europeu, incidentalmente trata dos limites do sul do Brazil com as possessões antigas hespanholas.

Inferior ao poema *Caramurú* no assumpto, é-lhe entretanto superior no estylo e no brilho da forma. (1)

O *Caramurú* publicado em 1781 por Santa Ritta Durão, segundo o Sr. Dr. Sylvio Romero, é o poema mais brasileiro que possuímos. Superior ao *Uruguay* pelo assumpto, é tambem pela apreciação do problema ethnico, pela comprehensão do elemento historico e pelo justo equilibrio concedido ao colono portuguez entre os caboclos. (2) O seu verdadeiro valor consiste ainda em ser uma especie de resumo historico do Brazil, nos tres seculos em que elle foi colonia. A leitura d'esse primoroso trabalho nos faz assistir a fundação da mais antiga cidade brasileira, acompanhando ao mesmo tempo o crescimento da nação até quasi nossos dias. (3)

Se o veneravel padre José de Anchieta foi a primeira vibração da litteratura brasileira, e Manoel Botelho de Oliveira a primeira pedra do edificio intellectual, José Basilio da Gama e Fr. José de Santa Ritta Durão foram os verdadeiros fundadores da escola litteraria puramente brasileira.

Afastando-se da escola rotineira européa crearam uma outra inteiramente original, essencialmente americanista.

Tomando por assumpto o seu poema; factos, usos e costumes dos habitantes e dos aborigenes,

(1) Dr. Sylvio Romero. *Lococito*.

(2) Dr. Sylvio Romero. *Lococito*.

(3) Dr. Sylvio Romero. *Lococito*.

souberam ao mesmo tempo dar a precisa côr local, o exacto cunho da nacionalidade. (4)

Se o distincto soldado hespanhol Alonzo Ercilla foi o primeiro poeta americano que tratou em seu poema puramente americano *Araucania, O Chile e o Archipelago de Chiloe*, Santa Ritta Durão e Basilio da Gama, dous brasileiros não menos distinctos, foram os dous primeiros que cantaram em suas poesias factos verdadeiramente brasileiros. (5)

O poema *Uruguay* é considerado por Garret como o poema mais moderno de mais merito, e seu auctor é ainda julgado por Sotero dos Reis, como o poeta brasileiro mais notavel do seculo XVIII. No *Uruguay*, diz elle, Basilio da Gama soube-se aproveitar da mais pura côr local, applicando-a com bastante arte. No *Caramuru*, continúa o illustre maranhense, tambem se admira aquella côr local especial. Os usos, os costumes, as suas acções e sentimentos são exactamente os caracteristicos do Brazil.

José Agostinho de Macedo, referindo-se a este poema dizia: «Só faltava antiguidade para ser considerado grande.»

Sustentaram esta escola procurando consolida-la os saudosos e eminentes litteratos: conego Januario da Cunha Barbosa, no seu poema *Nictheroy*, Dr. Domingos José Gonçalves Magalhães, na *Confederação dos Tamoyos*, José de Alencar, no *Iracema* e Antonio Gonçalves Dias nas suas maviosas poesias.

Entretanto o Sr. Dr. Valentim de Magalhães considera que Santa Ritta Durão e Basilio da Gama, tendo sido os primeiros poetas que aproveitaram o

(4) Sotero dos Reis. Curso de litteratura brasileira e portugueza.

(5) Sotero dos Reis—Loc. cit.

elemento indico para se immortalisarem nos seus poemas, contudo não lhes pode competir a gloria de verdadeiros fundadores do genero ou da escola, mas sim a Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias e José de Alencar, que foram os que imprimiram o verdadeiro e puro character braziliense.

O illustre professor do Gymnasio Nacional pensa que os poemas de Durão e Basilio da Gama estão muito civados de lusitanismo. Segundo o illustre critico, o autor do *Uruguay*, apezar de brasileiro, fôra educado em Portugal, e ahí compoz o seu bello trabalho dedicando-o ao Marquez de Pombal. O cantor do «Caramurú» graduara-se em theologia em Lisboa, onde tomara o habito agostiniano. (6)

Basilio da Gama, nascido em 1740 e fallecido em 1785, no seu poema *Uruguay* celebrou as lutas entre as forças portuguezas do Conde de Bobadella e os indios das Missões sublevadas pela suggestão dos jesuitas. Admirador frenetico de Pombal; diz o Sr. Dr. Oliveira Lima, o poeta censura violentamente as intenções theocraticas da Companhia e os seus correlativos processos de educação, destinados a manter os aborigenes na inferioridade social, que lhes era aliás imposto pela rudimentar e pouco progressiva intelligencia de que davam testemunho. (7)

Afastando-se da escola mythologica, este poema offerece notaveis descrições, interessantes episodios narrados com um grande sentimento de realidade.

Fr. Francisco de Santa Ritta Durão, emulo de Basilio da Gama, nasceu em 1737 em Minas-Geraes, e falleceu em 1784. Tendo estudado as

(6) Valentim de Magalhães—A Litteratura Brazileira, Lisboa, 1896.

(7) Dr. Oliveira Lima.—Aspectos da litteratura colonial Brazileira, Pag. 219.

humanidades no Rio de Janeiro, partiu para Portugal e foi cursar as aulas da Universidade de Coimbra.

Mais tarde entrou para a ordem monastica dos Agostinhos. Depois de ter residido algum tempo na Hespanha e em Roma, voltou para Coimbra onde foi leccionar naquella Universidade.

Nessa occasião escreveu o immortal poema *Caramurá*. Baseado em uma lenda historica, como Basilio da Gama, Santa Ritta Durão abandonou as tradições mythologicas. Pediu a Christo inspiração, em vez de imploral-a as Musas. O dogma da existencia de Deus, a fé divina, a crença no Creador e a apparição da Virgem Maria entre as nuvens, taes foram os sentimentos esboçados em tão magnifica epopéa.

Possuindo menos fluencia, menos facilidade poetica, menos colorido e menos harmonia, diz o illustrado autor dos *Aspectos da litteratura colonial brasileira*, o seu plano porém é mais largo que o do poema *Uruguay*. Se o episodio de Diogo Alvares é de importancia inferior ao da guerra das *Missões*, continúa o distincto pernambucano, em compensação passa-se em um scenario mais espaçoso, tira da legenda grande parte da sua attracção, augmenta-se de um sem numero de referencias curiosas, e evoca uma multidão de feitos gloriosos. (8)

É um poema verdadeiramente indiano. Quasi todo elle é dedicado ao aborigene, nunca perdendo de vista o indígena, quando nos decasyllabos da sua epopéa condensa a historia do Brazil de tres seculos. (9)

Extremado patriota, o erudito monge exprime

(8) Dr. Oliveira Lima.—Loco-cito. Pag. 224.

(9) Dr. Oliveira Lima.—Loco-cito. Pag. 231.

verdadeira confiança no futuro do Brazil. Falla com enthusiasmo da grandeza do seu territorio e da riqueza de sua producção.

Na mesma época em que brilham estes dous admiraveis epicos, tambem figurou um outro epico, José Francisco Cardoso, autor de um poema escripto em latim e traduzido para o portuguez por Boccage. Constitue o seu assumpto a expedição de Donald Campben contra o Dey de Tripoli.

Se o meiado do seculo XVIII accentuou-se com a tendencia á creação de uma escola litteraria romantica, brilhantemente representada por Basilio da Gama e Santa Ritta Durão, o seu final celebrisou-se por uma outra tendencia, a politica manifestada pela inconfidencia mineira. No principio mesmo do seculo, houve uma certa animação, um verdadeiro renascimento das lettras. Iniciouse, a idéa da fundação de typographias e creação de associações litterarias. Surgiu a idade de ouro da oratoria ecclesiastica brazileira. A linguagem tornou-se mais pura, mais perfeita e mais elegante.

Subindo ao throno de Portugal D. João V, a Bahia, então elevada a vice-reinado, gozava de uma paz invejavel e de uma grande prosperidade. O vice-rei D. Vasco Fernandes Cezar de Menezes, conde de Sabugosa, desejando tornar conhecidos os homens de grande merito e não vulgar illustração, resolveu fundar nessa cidade uma Academia vasada nos moldes da dos *Generosos e Singulares* de Lisboa; nesse sentido dirigiu-se em circulares ás pessoas de maior graduação e entendimento pedindo-lhes o seu auxilio. Pressurosos acudiram ao seu convite, já pelo desejo de acompanhar o movimento litterario da metropole, já por despeitados por não terem sido contemplados na Academia Real de Historia, fundada em Lisboa em 1720,

Reunidos o padre Gonçalo Soares da Franca, o desembargador Caetano de Brito Figueiredo, chanceller do Estado, o desembargador Luiz de Siqueira da Gama, ouvidor geral do cível, o Dr. Ignacio Barbosa Machado, juiz de fóra da cidade, o coronel Sebastião da Rocha Pitta, o capitão João de Britto Lima e José da Cunha Cardoso, sob a presidência do vice-rei, depois de discutidas as bases da sua fundação, na tarde de 7 de Março de 1724 teve lugar a primeira sessão official.

Fundada sob a protecção do vice-rei e com a denominação de *Academia Brazilica dos Esquecidos*, os fundadores dessa Academia tomaram para empreza o sol—*Sol oriens in occiduo*.—Ficou determinado que os seus trabalhos teriam lugar no palacio do governode quinze em quinze dias, e que a sua materia consistiria no estudo da historia brazileira, dividida em quatro partes: natural, militar, ecclesiastica e politica. Os academicos seriam denominados: *obsequioso, nebuloso, occupado, laborioso, infeliz, vago e virtuoso*.

Dirigiu a primeira sessão em 23 de Maio do referido anno, o chanceller Caetano de Brito Figueiredo sob a denominação de *nebuloso*, e pronunciou o discurso inaugural o desembargador José da Cunha Cardoso, tendo o secretario recitado um soneto. A segunda sessão deveria ser presidida pelo juiz de fóra Dr. Ignacio Barbosa Machado com o cognome de *laborioso*. A terceira pelo padre Gonçalo Soares da Franca com o titulo de *obsequioso*. Finalmente a quarta pelo ouvidor geral do cível Luiz de Siqueira da Gama denominado *occupado*. O coronel Sebastião da Rocha Pitta, intitulado *vago*, o capitão João de Britto Lima, *infeliz* e o Dr. Ignacio Barbosa Machado, *centuroso*

completaram o numero dos academicos fundadores da Academia. (10)

Os mestres academicos das quatro sessões deveriam ser successivamente alternados, dous a dous. As sessões deveriam ser dirigidas por um presidente que as abria com uma oração ou discurso, sendo a materia ou assumpto escolhido á livre vontade de cada um. Nessas conferencias, além do discurso do presidente, deveriam ser lidas pelo secretario poesias heroicas, lyricas ou poemas anonymos. A oração do secretario, na primeira sessão, não foi mais do que um verdadeiro *laus perenne* ao vice-rei. Sobre o assumpto lyrico foi lido um soneto de Antonio Cardoso da Fonseca, relativo ao sol.

A segunda conferencia foi presidida pelo coronel Rocha Pitta, mais feliz do que seu antecessor, recitando uma bellissima oração, na qual tornou saliente o topico sobre a utilidade da religião. No genero lyrico foi lido o poema—*Quem mostrou amar fielmente, Elicie ao sol, ou Endimião a lua.*

Abriu a terceira conferencia João de Britto Lima, menos florido que Rocha Pitta, comtudo manifestou-se sentencioso, correcto e fluente. Foi seu thema lyrico: *Uma dama que sendo formosa não fallava por não mostrar a falta que tinha de dentes.*

Foi ainda lido um soneto pelo coronel Rocha Pitta.

Da setima conferencia incumbiu-se o padre Raphael Machado, reitor do Collegio dos Jesuitas da Bahia. Demonstrando uma vasta erudição, digno emulo de Rocha Pitta e Britto Lima, discorreu perfeitamente sobre o pensamento de Salomão: *Nihil sub sole novum.*

(10) Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro—Estudos Historicos.

Dezoito foram as conferencias effectuadas pela Academia. A ultima teve lugar a 4 de Fevereiro de 1725, data em que foram interrompidos os seus trabalhos. Distinguiram-se principalmente os academicos coronel Sebastião da Rocha Pitta, que além da sua importante *Historia da America Portuguesa*, nos legou ainda mais um bello soneto—*As damas de Carthago dão os seus cabellos para incharcia da armada Carthagínez, e umas delicadas Endechas*; e João de Britto Lima que escreveu uma decima, na qual descreve D. Joaquina Rosa de Tavora recolhendo-se ao convento por morte de seu esposo, o Marquez de Gouveia. (11)

Existem colleccionados os trabalhos desta Academia em tres grossos volumes pertencentes ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Interrompidos os seus trabalhos deixou de existir no Brazil outra sociedade litteraria, até 1736, época em que foi organisada no Rio de Janeiro uma nova associação denominada—*Academia dos Felizes*, a qual tinha por empresa—*Hercules a afugentar com a clava o ocio* e por divisa *Ignavia fugenda et fugienda*. Apesar da valiosa protecção do governador, em cujo palacio tinham lugar as suas sessões, apesar ainda de serem seus socios verdadeiras illustrações, contudo ephemera foi a sua duração. Creada pelo Dr. Matheus de Saraiva, era composta de trinta membros que se dedicavam ao estudo da botanica.

Mais feliz não foi a terceira academia creada em 1752, sob a denominação de *Academia dos Selectos*, destinada a cantar as gentilezas do capitão-general Gomes Freire de Andrade. Tendo celebrado apenas uma unica sessão em 30 de

(11) Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.—Loco-cito.

Janeiro de 1752, os seus trabalhos só foram publicados em 1754.

Se bem que, como diz Eduardo Perié (12), essas tres academias não fossem mais do que ensaios sem importancia, cômto serviram de proemio para a fundação de uma associação importante creada em 1772, sob a protecção do vice-rei marquez do Lavradio, intitulada—*Sociedade Litteraria*.

IV

Seculo XVIII

Academia Brazilica dos Renascidos—Arcadia Ultramarina—Sebastião da Rocha Pitta—Bernardo Pereira Berredo—Simão Marques—Fr. Santa Maria Jaboatão—Antonio José da Silva—Bartholomeu e Alexandre de Gusmão—Pedro Taques de Almeida Paes Leme—Fr. Garpar de Madre de Deus.

A imprensa, esse pharol brilhante do progresso, do mesmo modo que as tres malogradas academias, não se poude sustentar durante os tempos coloniaes do Brazil: o governo da metropole impedia e perseguia mesmo todo e qualquer desenvolvimento da sua rica colonia.

Em meiado do seculo passado Antonio Izidoro da Fonseca, tendo estabelecido uma typographia com autorisação do vice-rei Gomes Freire de Andrade, não conseguiu conserval-a por muito tempo. Conhecida a sua fundação pelo governo de Lisboa, mandou este logo destrui-la. D'ahi em diante não se cogitou mais na creação d'esta natureza, até a chegada no Rio de Janeiro em 1808 da familia real-portugueza, em que se instituiu a imprensa nacional. (1)

(12) Eduardo Perié.—Litteratura brasileira.

(1) Alfredo do Valle Cabral.—Annaes da Imprensa Nacional.

Entretanto clandestinamente n'ella se publicaram dous trabalhos: *Exame de artilheiros* por José Fernandes Pinto Alpoym, dedicado ao governador Gomes Freire de Andrade, e *Exame de bombeiros* pelo mesmo autor e com a mesma dedicatória.

Sete annos depois da extincção da Academia dos Selectos, na cidade de S. Salvador da Bahia de Todos os Santos, prestimosos cidadãos, no intuito de demonstrar a sua satisfação pelo completo restabelecimento de Sua Magestade Fidelissima, e de dar-lhe provas de affecto a sua real pessoa, resolveram crear uma academia sob o plano da antiga Academia dos Esquecidos, sob a denominação de *Academia Brazílica dos Renascidos*.

Composta de quarenta socios effectivos e setenta e seis supra numerarios, tomaram por empreza—*A Phœnix fitando os olhos no céo*, e por divisa—*Multiplicabo dies*.—Inaugurada a 6 de Junho de 1759, no palacio do governador conde dos Arcos a quem tomaram por protector, foi nomeado director perpetuo o conselheiro José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello. Nascida sob os melhores auspicios, dedicada aos estudos de questões importantissimas, e quando já apresentava o resultado dos seus trabalhos, foi inesperadamente interrompida, em consequencia da prisão injusta feita a seu venerando director, accusado de fazer parte da inconfidencia. Dos trabalhos que foram lidos em suas sessões apenas são dous conhecidos. (2) Um manuscripto intitulado—*Historia militar do Brazil desde 1754 até 1762*, escripto por José Miralles, academico da Academia Brazílica

(2) Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro—Loco-cito.

dos Renascidos, e offerecido a el-rei D. José I, e o *Culto Metrico*, trabalho de Joseph Pires de Carvalho e Albuquerque, impresso em Lisboa em 1760, na typographia de Francisco Luiz Ameno. E' um poema no qual seu autor narra a vida da Virgem Santissima desde a sua conceição até á assumção.

Com o fallecimento do Marquez do Lavradio, o seu successor Luiz de Vasconcellos e Souza, conjunctamente com o bispo D. José Joaquim Mascarenhas Castello Branco protegeram uma arcadia — *Arcadia Ultramarina*, — fundada nas mesmas condições que a Arcadia de Roma. Insti-tuida por Ignacio da Silva Alvarenga, José Basilio da Gama e outros, graças á protecção dispensada pelo vice-rei, teve logo no começo grande animação, conseguindo attrahir para seu gremio os homens mais illustres do seu tempo: Bartholomeu Antonio Cordovil, Domingos Vidal Barbosa, João Pereira da Silva, Ignacio Souto Maior Rendon, José Ferreira Cardoso, Manuel de Arruda Camara, José Mariano da Conceição Velloso, Domingos Caldas Barbosa, etc., e tantos outros eminentes litteratos, a quem se vieram ligar os mineiros Fr. José de Santa Ritta Durão, Claudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto e Thomaz Antonio de Gonzaga, que mais tarde tambem fundaram a Escola de Minas. (3)

Houve um verdadeiro prurido litterario nesse tempo; aos litteratos mencionados vieram se unir mais outros, e todos contribuíram para que houvesse uma abundante seara.

Dentre os que mais sobressahiram deveremos mencionar: Fr. Francisco Xavier de Santa Thereza e Manoel de Santa Maria Itaparica. O primeiro

(3) Eduardo Perié.—Loco-cito.

legou o poema *Espirito-Santo* e a tragedia *Santa Felicidade e seus filhos*.

Fr. Itaparica, superior a Fr. Santa Thereza, d'entre os seus trabalhos sobresahe o *Eustachidos*, poema sacro etrangi-comico em que se contém a vida de Santo Eustachio, martyr, chamado antes Placido, e de sua mulher e filha. Não menos importantes são a *Descripção do Inferno* e a *Descripção da Ilha de Itaparica*, poemas ineditos, publicados no excellente Parnaso Brasileiro do Sr. Dr. Mello Moraes.

O jesuita Prudencio do Amaral, exercitado na poesia latina, deu à luz o *Carmen de sacchari apificio*: o padre Francisco de Almeida, cultor tambem da poesia latina, nos legou o *Orpheu braziliense*, no qual descreve as virtudes dos padres Jose de Anchieta, Gonçalo Soares da Franca, autor da *Brazilica* ou poema sobre o descobrimento do Brazil: foi um dos fundadores da Academia Brazilica dos Esquecidos, e como Britto Lima, foi um dos poetas que mais poesias imprimiu.

Luiz Sancho de Noronha, contemporaneo de Itaparica e de Rocha Pitta, compoz um bello idyllo: *Um seraphim carregando um navegente naufragado, vence as ondas para conduzir à praia*. Esta poesia inedita foi publicada no Parnaso do Sr. Dr. Mello Moraes Filho, onde egualmente foram uns bellos sonetos de Antonio de Figueiredo Magalhães, de João de Oliveira Serpa, do coronel Sebastião da Rocha Pitta e de Antonio de Freitas do Amaral. No referido Parnaso desse illustre litterato ainda figuram: *uma Pregação* de Manoel Tavares de Siqueira e Sá, um romance lyrico endecasyllabo de Francisco de Almeida Jordão e um outro identico de Antonio Nunes de Siqueira, e um motte de Fr. Manoel da Encarnação. Quasi

todos estes poetas pertenceram à Academia dos Selectos.

No começo do seculo, de que nos occupamos, se destaca o vulto proeminente de Sebastião da Rocha Pitta, um dos fundadores da Escola Brazílica dos Esquecidos. A sua Historia da America Portugueza, desde o seu descobrimento até 1724, publicada em Lisboa em 1730, é um trabalho precioso que, segundo o Sr. F. A. Warnhagen, se recommenda pela riqueza das descripções e elevação de estylo, parecendo pela sua leitura amena mais um poema que prosa (4). Foi o primeiro brasileiro depois de Fr. Vicente do Salvador, que escreveu ou antes deu a conhecer a historia do Brazil. Antes d'elle, é verdade, do Brazil tambem trataram Gabriel Soares de Souza e Pero de Magalhães Gandavo, mas estes além de algum tanto omissoes, foram mais chronistas do que historiadores.

Sebastião da Rocha Pitta não pode ser comparado aos grandes historiadores modernos, nem pertence à sua escola, mas, pelos elementos que possuia em seu tempo, o seu trabalho é um monumento que muito honra o Brazil.

O coronel Rocha Pitta é pae da historia brasileira, como Ayres do Casal é da chorographia e Simão de Vasconcellos da chronica. (5)

Antes de escrever a sua Historia compoz Rocha Pitta um romance *Palmeirim*, alguns sonetos e outros trabalhos.

O Sr. Dr. Sylvio Romero, em sua Historia da Litteratura Brasileira, tratando de Rocha Pitta, refere: «Dotado de grande alcance moral a obra de Rocha Pitta, por seus idyllios, sobre a natureza physica desta porção da America, seu entusiasmo

(4) F. A. Warnhagen.—Florilegio da poesia brasileira.

(5) Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro—Curso de Litteratura Brasileira.

por nossos feitos, foi como uma especie de tela em que se acham debuchados o nosso valor, nossas acções e nossas esperanças (6). Continúa o illustrado autor dos Contos populares do Brazil: «Nas suas descripções ha grande vigor, expressões felizes e verdadeiras enumerações das grandezas naturaes do Brazil; desse modo é elle precursor da escola romantica, e nesse genero não foi ultrapassado ainda».

Para o Sr. Visconde de Porto-Seguro, os tres maiores historiadores do seculo XVIII foram: Sebastião da Rocha Pitta que, apesar de omisso nos factos essenciaes, não tendo recorrido ás fontes as mais puras, comtudo a sua Historia é bastante recommendavel, porque veio tornar o Brazil mais conhecido na Europa. (7)

Entretanto o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo pensa que, em estylo claro, elegante e correcto, revelando-se notavel litterato, a sua Historia descreve minuciosamente o Brazil desde 1500 até 1724. Escriptor copioso e erudito, colleccionador incançavel de noticias e factos relativos á historia do Brazil, a sua excellente Historia instrue e deleita (8). Compulsando documentos esparsos nos archivos publicos e nas ordens religiosas, não se contentou com as suas consultas, estudou tambem os idiomas francez, hollandez, inglez e italiano, tomando apontamentos nos autores que nelles trataram do Brazil. Seu cabedal de conhecimentos é vasto, suas descripções são verdadeiras e claras, que, com justa razão, poderá ser appellidado o *Herodoto brasileiro*.

O segundo historiador Bernardo Pereira de Ber-

(6) Dr. Sylvio Romero—Historia da Litteratura Brasileira.

(7) Visconde do Porto-Seguro—Historia Geral do Brazil.

(8) Dr. Joaquim Manoel de Macedo—Anno Biographico Brasileiro.

redo, governador do Maranhão, em 1749, escreveu os «Annaes do Estado do Maranhão», offerecidos ao Augustissimo Monarcha D. João V, e publicados depois da sua morte, constituem um dos livros mais preciosos sobre o Brazil; e, graças a elle, se pode escrever a historia do Maranhão no periodo de 1644 a 1713. A sua primeira edição foi publicada em Lisboa na officina de Francisco Luiz Ameno; e a segunda em 1849 no Maranhão na typographia Maranhense. Descrevendo o descobrimento desse Estado, os seus rios, a sua fauna, o dominio francez, etc., nos dá Berredo nos seus preciosos *Anaes* uma descripção mais ou menos exacta do Maranhão.

O terceiro grande historiador, Simão Marques, publicou a sua *Brazilia Pontifícia*, cujo assumpto consiste nas facultades especiaes concedidas pela curia aos bispos do Brazil.

Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão, insigne pernambucano e chronista da sua Ordem, nos legou um interessante trabalho intitulado *Orbe Seraphico*. A primeira parte foi publicada em Londres em 1767, e a segunda editada pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro de 1859 a 1861, em dous volumes. A *Chronica* de Fr. Jaboatão fornece abundantes subsidios aos estudiosos da nossa historia, tanto mais apreciaveis quanto o seu autor parece não ter em mira senão relatar factos concernentes á sua Ordem. (9)

O illustrado Sr. Dr. Sylvio Romero, que tanto nos tem auxiliado na execução d'este nosso trabalho, fallando de Fr. Jaboatão, na sua referida Historia da Litteratura Brasileira, faz o seguinte conceito: «Trabalho de estylo simples e claro, abundante

(9) Dr. Joaquim Manoel de Macedo—Anno Biographico Brasileiro.

em tradições, lendas e noticias locais, nos dando conhecimento dos estudos feitos nos conventos franciscanos desde a sua fundação até meiado do seculo passado, nos expõe ainda uma resenha das obras escriptas pelos religiosos da ordem. (10) E, na verdade, n'esse precioso trabalho encontram-se documentos importantes, que muito auxiliam a quem pretende tratar da historia do Brazil colonial, como sõe acontecer-nos.

Outro escriptor notavel foi o fluminense Antonio José da Silva, denominado *Judeu*. Foi autor de diversas comedias muito apreciadas no seu paiz e no estrangeiro. As guerras do *alcecin e mangeronã* escriptas em estylo chistoso e pilherico, cheias de idéas picantes e sobretudo dotadas de uma habil invenção dos enredos e de grande valor linguistico, ainda hoje são consideradas como modelo de classica litteratura.

Merecidamente apreciado por notaveis litteratos como Warnhagen, Wolf, Theophilo Braga, Machado de Assis e Sylvio Romé o, Antonio José foi o iniciador do estylo dramatico brasileiro. Escrevendo para o povo, as suas composições têm um tom popular e independente, ressumbrando n'ellas o seu grande talento lyrico, e ao mesmo tempo demonstrando ser um verdadeiro successor de Gil Vicente e de Camões. As suas obras foram colleccionadas por Francisco Luiz Ameno com o titulo de—*Theatro comico*.

Nasceu o *Judeu* no Rio de Janeiro em 1705 e foi educado em Lisboa, onde escreveu algumas composições dramaticas de grande merecimento. Victimado do Tribunal da Inquisição, morreu queimado em 1739 com trinta e quatro annos de idade. Filiado à escola de Gongora, então em moda, com

(10) Dr. Sylvio Roméro. Loco-cito.

Gregorio de Mattos, foram os precursores da escola mineira.

Entre as suas composições, quasi todas originaes deveremos mencionar: *Encantos de Medéa*, *Saca-trapo e Arpia*, *Esfuziote*, *Taramella e Sraquixuga no Labyrintho de Creta*, *Sevadilha*, *Facundes*, *Simicupio nas Guerras do Alecrim e Mangorona*, *Caranqueijo e Maresia nas Variedades de Proteo*, *Chichisbéo no Precipio Faelonte*.

Em quasi todas as operas os machinistas representam um papel importante. Algumas d'ellas são verdadeiras magicas, em que uma nuvem, um alçapão ou um feitiço poem fecho a um lance embaraçoso ou abreviam a chegada de uma scena esperada. (11)

Na sua estructura dramatica, a sua architectura é pouco complicada e pouco subtil, e de um pessoal limitado de typos que se repetem. Estas faltas porém acham-se suppridas pela veia comica com que nos apparecem tratados os assumptos.

O illustrado historiador dos Aspectos da Litteratura Colonial Brasileira, apreciando os trabalhos dramaticos do Judeu, assim se exprime: «A fluencia e a permanencia do riso são realmente notaveis. A gargalhada resalta amplamente dos ditos dos creados, que encarão o bom senso popular fustigando as pieguices de sentimento e os exageros de estylo dos personagens classicos.»

Realmente, profundo conhecedor da arte dramatica, Antonio José procurava não cançar a attenção de seu auditorio, despertando em occasiões appropriadas, com habilidade e pericia a hilaridade da platéa, sem entretanto afastar-se

(11) Dr. Oliveira Lima.—Aspectos da litteratura colonial brasileira.

da urdidura da peça que acompanhava com o máximo interesse.

Se os seus dramas não podem ser comparados aos de Metastasio, pela falta de suavidade e elegancia, entretanto são muito recommendaveis pela naturalidade e cliste com que são escriptos. A originalidade do estylo e a correcção da linguagem denotam uma especie de renascimento litterario. Elaboradas em um periodo de transicção litteraria, são as suas operas escriptas com grande força de imaginação, os caracteres pintados com bastante intuição e a sociedade ambiente em que viveu criticada com verve.

Popularisando as suas festejadas operas, procurava ao mesmo tempo o Judeu vulgarisar as suas melodiosas modinhas, que eram muito apreciadas pelos estrangeiros que as ouviam cantar.

O padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão e seu irmão Alexandre de Gusmão, foram dous paulistas illustres que muito se distinguiram no periodo colonial. O primeiro, pregador de grande nomeada, dispondo de muita illustração, seus sermões eram muito apreciados pela sua admiravel eloquencia, pela dicção correcta e pelas elegantes e castigadas phrases. Distinguiu-se porém principalmente esse notavel santista, pela sua descoberta dos aerostatos, denominado por isso o *Voador*.

Por insinuação de el-rei de Portugal D. João V, escreveu a *Historia do bispado do Porto*, que foi bem accollida pela Academia Real de Historia Portugueza, que o recebeu no numero dos seus cincoenta academicos fundadores. Foi um dos brazileiros mais illustres que o Brazil tem produzido. (12)

(12) Dr. Sylvio Romero—Loco-cito.

Alexandre de Gusmão, homem também de grande talento, dotado de vasta intelligencia e de uma erudição invejavel, foi até 1750 a intelligencia inspiradora das mais importantes negociações externas. Ministro recto, habil e energico, em sua sabia administração revelou-se um dos mais consummados diplomatas da sua época. Distincto literato como seu irmão, também como elle foi um dos cinquenta academicos fundadores da Academia Real de Historia Portugueza.

Não menos distincto paulista, foi o insigne historiador Pedro Taques de Almeida Paes Leme, que com a sua «Nobiliarchia Paulistana» ou «Genealogiadas principaes familias de S. Paulo», escripta em meiado do seculo passado, nos legou um primoroso e aproveitavel trabalho.

Manuseando todos os archivos e cartorios, dotado de vasta erudição pratica, perfeito conhecimento dos documentos historicos, a sua *Historia* é uma composição perfeita e copiosa, repleta de narrativas e descripções bem uteis. Dispondo de meliores documentos ineditos do que Jabotão a sua «Nobiliarchia» é mais perfeita e completa do que o «Orbe Seraphico» daquello illustre franciscano.

Outro eminente paulista foi Fr. Gaspar da Madre de Deus, provincial e abbade do mosteiro da sua Ordem no Rio de Janeiro. Quando exercia aquelles cargos escreveu Fr. Gaspar uma «Relação chronologica de todos os documentos do patrimonio do seu mosteiro». Retirando-se mais tarde para o convento de S. Paulo, em 1768 escreveu as suas «Memorias para a historia da capitania de S. Vicente, hoje chamada de S. Paulo do Estado do Brazil», impressas em primeira edição em 1797 pela Academia Real de Sciencias de Lisboa, e em segunda em 1847 no Rio de Janeiro na typographia de Agostinho de Freitas Guimarães.

Abundando em indagações originaes authenticas, se bem que não fosse o seu autor tão bem preparado como o seu contemporaneo e patricio Pedro Jaques, contudo revela um estudo profundamente pesquisador. (13)

Além das suas excellentes *Memorias* escreveu ainda Fr. Gaspar as «Noticias dos annos em que se descobriu o Brazil» e a «Historia das Minas de S. Paulo e expulsão dos jesuitas.»

Elaborados com a mais escrupulosa execução dos factos, baseados em documentos fidedignos e escriptos em estylo fluente e elegante, os trabalhos de Fr. Gaspar são recommendaveis pela pureza da sua vernaculidade. (14)

Capital Federal, 1899.

DR. CUNHA BARBOSA

(*Continua*)

(13) Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.—Curso de Litteratura Brasileira.

(14) Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.—Loco-cito.



EPHEMERIDES CACHOEIRANAS

POR

Aristides A. Milton

JUNHO

1.º de Junho

—Em 1754, o senado da camara desta cidade, então villa, declarou formalmente ao magarefe Antonio Antunes, residente em Jaguaripe, a deliberação que tomara de só lhe consentir cortar carne verde aqui, si quizesse vendel-a ao preço de 480 rs. cada arroba.

O homem submetteu-se, sem replica; e tanto basta para acreditarmos que fosse excellente o negocio que elle fez.

Ha ensejo, entretanto, de estabelecer-se um confronto. Em 1899 a carne verde chegou a vender-se á razão de 16\$500 aquelle mesmo peso, a saber, 34 vezes mais cara . . .

Na mesma proporção, quanto um bife ha de custar no anno 2.000?

—Em 1838, foram elevadas á cathegoria de parochias as capellas de Sancto Estevam de Jacuipe, e de Nossa Senhora do Desterro do Oiteiro-redondo, ambas então do termo e comarca desta cidade.

—Em 1842, tomou posse do cargo de juiz de direito desta comarca o Dr. Innocencio Marques de Araujo Goes, que foi depois barão de Araujo Goes, e aposentou-se como membro do Supremo Tribunal de Justiça.

Nomeado em 5 de Fevereiro de 1842, foi o primeiro que aqui serviu por força da lei de 3 de Dezembro de 1841.

Eis a relação dos seus successores, até hoje:

Dr. Manoel Joaquim Bahia, depois desembargador, nomeado em 21 de Dezembro de 1853; Dr. Polycarpo Lopes de Leão, depois desembargador, nomeado em 14 de Setembro de 1857; Dr. Antonio Ladislau de Figueiredo Rocha, depois desembargador, nomeado em 1858; Dr. Ignacio Carlos Freire de Carvalho, depois desembargador, nomeado em 26 de Outubro de 1861; Dr. Domingos Ribeiro Folha, depois desembargador, nomeado em 5 de Julho de 1872; Dr. Daniel Luiz Rosa, depois desembargador, nomeado em 13 de Dezembro de 1873; Barão de Anadia, nomeado em 23 de Outubro de 1875; Dr. Manoel Alves de Lima Gordilho, depois desembargador, nomeado em 23 de Outubro de 1879; Dr. José Joaquim de Oliveira Andrade, depois desembargador, nomeado em 28 de Junho de 1882; Dr. Antonio José de Castro Lima, depois membro do Tribunal de appellação e revista, nomeado em 2 de Março de 1884; Dr. Hormino Martins Curvello, removido depois para a capital do Estado, e nomeado em 5 de Agosto de 1892; Dr. José Machado Pedreira, que falleceu na comarca, nomeado em 28 de Fevereiro de 1898, e Dr. Joaquim Antonio da Silva Carvalho, que ainda serve, nomeado em 21 de Julho de 1898.

— Em 1845, foi preso pelo capitão Julião, muito conhecido por seus actos de bravura, o Dr. José Joaquim de Novaes Rocha, accusado de ter mandado espancar o Cap. Manoel dos Sanctos Maures, e o Dr. Antonio José da Fonseca Lessa, acontecimentos a que noutros logares alludo.

Como gozasse então o Dr. Novaes de grande influencia eleitoral, o acto da policia foi bastante commentado, e não errarei dizendo que causou profunda impressão, pois muita gente suppunha impossivel tamanho . . . arrojo.

O Cap. Julião fazia parte da 1.ª linha do exercito, mas consta que não sabia ler.

Num *levante* de escravos africanos, occorrido na cidade da Bahia, já se tinha celebrisado o Cap. Julião, por matar grande numero, e prender numero maior ainda, de negros insurgidos.

—Em 1869, foi dado á luz em S. Felix, o *Paraguassu*, primeiro periodico publicado naquella povoação, hoje cidade.

Em 1847, já tinha existido um outro com egual nome, nesta cidade; e, muitos annos depois, um terceiro *Paraguassu* sahia de S. Felix tambem.

—Em 1881, foi inaugurada a *União do Paraguassu*, sociedade creada pelos proprietarios de barcos da carreira entre esta e a cidade da Bahia.

Dos fins a que se propõe a utilissima associação destaca-se o compromisso de cobrar ella os fretes de seu serviço por uma tabella previamente conhecida, e mantel-o com a maxima regularidade, de maneira que todos os dias parta do nosso porto um barco, pelo menos, e chegue outro a elle tambem.

—Em 1884, falleceu o pharmaceutico Trajano Moreira Guimarães, que contava 50 annos, e fôra vereador da camara municipal desta cidade, onde nascera.

Era muito bem quisto e, além de ser um homem de espirito, decifrava facilmente as mais intrincadas charadas.

—Em 1891, finou-se na cidade do Rio de Janeiro, onde estava residindo, o engenheiro civil Leopoldo de Carvalho Ribeiro, nosso conterraneo.

Contava 32 annos de idade apenas, e fôra sempre muito bom parente.

2 de Junho

—Em 1851, foi sepultado o adv. José Ribeiro Pereira Guimarães, que era tambem vereador da camara municipal desta cidade.

—Em 1862, falleceu o capitão João Francisco de Oliveira, pessoa muito relacionada, e socio gerente

de um grande escriptorio de fazendas, nesta cidade.

—Em 1870, appareceu o 1.º numero da *Ordem*, que ainda vive.

Durante a monarchia, foi orgão do partido conservador, mas depois da proclamação da republica tornou-se *imprensa neutra*.

—Em 1886, foi instalado o *Club Regadas*, que teve uma vida ephemera.

3 de Junho

—Em 1702, tomou posse do governo do Brazil—D. Rodrigo da Costa, a quem se deveram varias obras de fortificação na foz do rio Paraguassú.

Foi elle quem mandou construir o fortim da *Varginha*, á margem direita do mesmo rio, o qual infelizmente está reduzido a ruinas.

Por provisão régia de Junho de 1550, tinha ficado reservada uma sesmaria de terras no rio para o 2.º governador D. Duarte da Costa, e seus successores.

Mas elles contentaram-se com o titulo de donatarios do Paraguassú, e, sem cuidarem de estabelecer ao menos uma povoação, deram de arrendamento as terras a varios particulares.

E' que isso era mais simples, e mais... rendoso tambem.

—Em 1705, o governador expediu providencias acertadas para bater e destruir o mocambo de negros fugidos, que havia se formado nos mattos de Jacuipe, do termo desta cidade, então villa, e se constituirá um verdadeiro flagello para os habitantes dessa grande zona.

—Em 1809, generalisou-se a todas as cidades e villas do Brazil o imposto da decima urbana, creado pelo alvará de 7 de Junho do anno anterior para as povoações á beira-mar.

Ao mesmo tempo, foi estabelecido o imposto da

siza por compra e venda de bens de raiz, e o da meia siza por transacções relativas a *escravos ladinos*.

—Em 1823, o Conselho interino do governo da provincia da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, mandou prender, e conduzir á sua presença o sargento-mór de Maragogipe —Joaquim Ignacio da Costa, provavelmente por faltas, que este commettera no exercicio do seu cargo.

—Em 1827, a administração da Sancta Casa de Misericordia desta cidade verificou,—que a despeza mensal com todo o serviço do seu hospital não excedera de 80\$000, ou sejam, 960\$000 annualmente.

A mesma Sancta Casa, no anno compromissal de 1896 a 1897, despendeu 29.901\$043.

—Em 1892, falleceu—contando 48 annos de idade —o tenente Manuel Amancio da Silva, natural de Maragogipe e director do *Gymnasio Cachoeirano*, collegio de educação para ambos os sexos.

—Em 1828, falleceu na capital do Estado, onde estava com assento na camara dos deputados, o coronel Juvencio de Rezende, que nascera nesta cidade, e tinha apenas 38 annos de idade.

Gozava de incontestado prestigio politico em Valença, logar de sua residencia.

5 de Junho

—Em 1640, chegou de Lisboa á Bahia D. Jorge Mascarenhas, governador do Estado do Brazil, trazendo uma frota de 8 navios e 2.500 homens de equipagem.

A população recobrou coragem com este acontecimento, pois pensava já não poder oppôr a minima resistencia aos holandezes que, sob commando do almirante Lichtard, tinham chegado do Recife, conduzindo 2.500 soldados.

Estes, ás ordens do coronel Tournalon, e por mandado do principe Mauricio de Nassau, vieram asso-lar o reconcavo da provincia, com a incumbencia expressa de destruir tudo, só poupando as creanças e as mulheres.

Vinte e oito engenhos de assucar, com egual numero de canaviaes, foram effectivamente incendiados, causando o facto um panico profundo e geral.

—Em 1754, tomou posse perante o senado da camara desta cidade, então villa, o primeiro juiz de fóra para aqui nomeado—o Dr. Paschoal de Abran-ches Madeira Fernandes.

—Em 1759, fundou-se na Bahia a *Sociedade Brasileira dos academicos renascidos*, destinada a escrever a historia da America portugueza.

Os estatutos dessa sociedade encontram-se na *Bibliotheca nacional* (Rio de Janeiro), em manuscrito.

A sociedade compunha-se de 40 academicos, e 66 supranumerarios. Tinha por emblema a Phenix, fitando os olhos no sol, com esta inscripção por baixo: *multiplicabo dies*; e seguiam-se á Phenix varias aves, tanto europeas como americanas, com estas palavras de Claudiano: *convenient aquila, curiteque ex orbe volueres. Ut solis conullentur avem.*

O sello de que a Sociedade usava em cartas, despachos e diplomas, trazia a Phenix tambem, alvasando-se em chammas, com esta phrase *Ut ciuam*; e na circumferencia o titulo *Acad. Bras. dos Renascidos*.

Aqui teve a Sociedade alguns socios.

—Em 1777, o senado da camara desta cidade, então villa, mandou distribuir por seus proprios membros, empregados, alcaide, e respectivo escrivão, a somma de 230\$000, afim de que todos elles puzessem luto pela morte de D. João I, de Portugal, *nosso rei e nosso senhor*.

O senado, ao que vejo, procedia qual corporação, que era, respeitabilissima por sua experiencia. Si não tivesse a cautela de fornecer aquella quota para a fazenda preta e o fumo dos chapéos, arriscar-se-hia a não ter *quem sentísse* a morte do soberano, por mais poderoso e distincto que houvesse sido o amigo do Marquez de Pombal.

Era um *luto official*, bem se sabe; mas o que ha

nisto de estranhavel, quando ainda hoje dão-se *ap-
plausos e palmas. . . officiaes?*

—Em 1875, foi inaugurado o serviço telegraphico entre esta e a cidade de Nazareth.

—Em 1894, chegou a esta cidade, pela primeira vez, o arcebispo D. Jeronymo Thomé da Silva, unico que neste seculo estendeu até aos sertões da archidiocese a sua visita pastoral.

No dia 11, S. Ex. Revm. voltou para a capital do Estado.

6 de Junho

—Em 1753, o senado da camara desta cidade, então villa, mandou fortificar a cadeia, que fica aliás no pavimento terreo do seu paço; e assim procurou evitar a fuga dos respectivos presos, pois que duas tinham já se dado, quasi seguidamente.

—Em 1826, falleceu o Visconde da Cachoeira—Luiz José de Carvalho Mello, desembargador do paço, conselheiro de Estado, e um dos collaboradores da Constituição do Imperio.

Nascera na cidade da Bahia, em 6 de Maio de 1764.

Formado em leis pela universidade de Coimbra (Portugal), fôra depois membro da Assembléa constituinte e um dos seus presidentes.

Era de illustração pouco vulgar. A elle deveu-se os primeiros Estatutos, dados aos Cursos juridicos do imperio, trabalho meditado e consubstancioso.

Por tres vezes, o visconde da Cachoeira serviu de ministro dos estrangeiros; e nesta qualidade assignou elle, de parte do Brazil, o tratado de reconhecimento da nossa independencia politica pelo governo de Portugal; assumpto que, como é sabido, se resolveu por intervenção da Inglaterra.

A esta, passados mais de 70 annos, retribuiu Portugal a fineza, servindo de medianoeiro no conflicto levantado entre a mesma Inglaterra e o Brazil, a proposito da ilha da Trindade.

O visconde nenhuma affinidade tinha com a Cachoeira. Parece, porém, ter determinado a escolha de seu titulo nobiliarchico o desejo de reunir o nome de um varão notavel por feitos referentes á independencia ao de uma terra, que para ella havia tão distinctamente concorrido.

— Em 1864, falleceu no arraial de Belém, do termo desta cidade, o Cap. Antonio Francisco Vieira, que ali dispunha de influencia incontestada.

7 de Junho

— Em 1823, começou-se a cunhar moedas de cobre, do valor de 80 réis cada uma, na Casa de moeda que o Conselho interino do governo da Bahia mandara abrir nesta cidade, então villa, e de que foi o 1.º provedor, interinamente, Joaquim José da Silva Seixas.

Nella serviram tambem: de thesoureiro—Francisco da Cunha Nabuco de Araujo, de mestre da fundição—Domingos Lapidario Mandacarú, de 1.º ajudante e 2.º cunhador—Manuel Camarão Côrte-nacional, de mestre de cunhos—Antonio Fructuoso Pessoa da Silva, de ensaiador—Zacarias Luiz Pereira de Britto, de 1.º cunhador—José Braz Quarasma, e de porteiro—Manuel Teixeira Ferreira.

O *engenho de cunhar* com que ali trabalhou-se, primeiramente, deveu-se á pericia de Francisco Xavier Carnide.

O facto de não se encontrar moeda alguma, que indique ter sido fabricada aqui, se explica pela razão de se haver trabalhado com os mesmos cunhos, que serviam na casa de moeda da cidade da Bahia, e não foram jámsis modificados.

— Em 1823, tambem, foram iniciadas as obras de reparo de que carecia o convento do Carmo desta cidade, o qual assim foi salvo de imminente ruina. Despendeu-se então 4.000\$000.

O convento, e a egreja, cujo frontespicio é bellissimo, estão de novo reclamando concertos urgentes.

— Em 1898, falleceu na cidade de Sancto Amaro,

onde desde muito residia, o nosso conterraneo Aureliano Helvecio Moniz Barretto, que era empregado no fóro.

Tinha 55 annos de idade.

8 de Junho

—Em 1754, D. João V que reinava em Portugal, de onde eramos colonia, mandou dar 8:000 cruzados para construcção da capella-mór, sacristia, e casa de fabrica da Matriz actual desta cidade, então villa.

Essa igreja tinha tido começo no fim do seculo XVII. Naquelle tempo, administrava as obras della Francisco de Amorim Silva, que succedera ao padre José da Costa, e foi quem recebeu os dictos 8:000 cruzados, após exame, procedido por uma commissão de artistas vindos da Bahia, sob a presidencia do engenheiro Antonio Pereira da Silva, nas construcções já feitas no novo templo.

Desde 1727, entretanto, havia sido creada a irmandade do Santissimo Sacramento da Cachoeira.

O orgão, existente na Matriz alludida, foi assentado em Abril de 1815; mas hoje não funciona, em consequencia de um desarranjo que soffreu.

—Em 1872, falleceu Francisco Americo Zenith, que nascera a 24 de Julho de 1809.

Este cidadão, alias muito estimavel, era victima de certas manias.

Entre ellas, destacava-se o apêgo ferrenho que tinha á *Grammatica philosophica* de Jeronimo Soares Babosa, cuja leitura o absorvia, ao ponto de contrariar-se com qualquer freguez, que por acaso o interrompesse para comprar algum objecto dos que vendia, na sua lojinha em baixo dos Arcos.

E o supremo desgosto, que soffreu o nosso conterraneo, foi quando furtaram-lhe, por gracejo piraento, aquelle livro de sua paixão. Nem que lhe houvessem despedaçado uma fibra d'alma!

Para obter-se um bom chá possuia o velho Zenith curiosissima receita. E era, mais ou menos, a se-

guinte: assim que a agua, posta na chaleira, começasse a ferver convinha apagar immediatamente o fogo para reaccendel-o logo após, e apagal-o de novo, quando segunda fervura apparecêsse.

Tres operações destas eram necessarias, e sómente depois da ultima deveria' alguem utilizar-se da agua para a infusão, que ficaria deliciosa, benza-a Deus!

Zenith encarregara-se de cuidar dos tamarindeiros plantados no largo dos Arcos, e si não fôra elle os *capadocios* não teriam consentido que essas arvores crescessem.

De uma feita a *enchente* do Paraguassú, que á noute crescera com surprehendente rapidez, penetrou na casa de Zenith, que estava então dormindo; e as aguas levaram-lhe as chinellas, postas em baixo da cama.

Pois o nosso patricio andou de pés descalços por muito tempo, á espera—dizia elle—que o rio, por occasião de outra cheia, lhe restituísse as chinellas!

Fizeram-lhe por tal motivo uma grandissima troça em varias cartas anonymas; e até houve quem dentro de uma dellas mettesse uma cedula de 2\$000, offerecendo-a ao nosso philosopho como auxilio para compra de novo calçado.

Tudo de balde! Zenith só tornou a usar de sapatos, quando começara a soffrer de uma infiltração, que era prova evidente de estar alterada a sua saúde.

Resumindo, esse Zenith era um verdadeiro zenith... de singularidades.

9 de Junho

—Em 1753, o senado da camara desta cidade, então villa, encarregou o *capitão-mór das entradas* —Antonio Rodrigues de Leão, de partir no encalço dos presos que no dia 6, haviam se evadido da cadeia publica. E para desempenhar bem a incumbencia foi a elle imposta a ordem de convocar os *capitães de*

matto e mais gente, e dada a faculdade de exigir do povo uma contribuição pecuniaria.

A despeito de ser *Leão*, e ainda por cima—*capitão das entradas*, não consta que o tal capitão-mór fizesse entrar de novo na prisão qualquer dos fugitivos a que dera caça...

—Em 1860, suicidou-se o tenente-coronel Alvino José da Silva e Almeida, pessoa de representação nesta cidade, de cuja camara municipal fez parte em mais de um quadriennio.

O inesperado acontecimento causou profunda mágua.

—Em 1898, falleceu o ten. Jesuino José Ramos, com 56 annos de idade.

Como autoridade policial, que tinha sido, contribuíra para a prisão do bandido Bazilio, de detestavel memoria.

10 de Junho

—Em 1858, o fogueteiro Manuel Martiniano de Farias, que tinha contractado todo o fogo para os proximos festejos do *25 de Junho*, soffreu sensível prejuizo.

Uma vela accesa, cahindo sobre a polvora com que elle trabalhava, queimou para cima de 300 duzias de foguetes do ar, e grande porção de bombas, além de muito damnificar-lhe a casa.

Tres pessoas ficaram gravemente feridas.

11 de Junho

—Em 1699, por accordo lavrado entre o senado da camara e o Cap. João Rodrigues Adorno, proprietario das terras em que acha-se situada esta cidade, então villa, fixou-se em 900 réis o preço de cada braça (1 m., 24) de terrenos que fossem aforados para edificação.

—Em 1852, o Papa fez publicar a bulla *Ad perpetuam rei memoriam*, ampliando a todo o imperio do Brazil o acto do arcebispo de Nisibi, internuncio da

Sancta Sé, que tinha abolido para a diocese do Rio de Janeiro algumas das festas de preccito, vulgarmente conhecidas por *dias sanctos*.

13 de Junho

—Em 1853, tiveram brilho excepcional as festas, realizadas em louvor ao thaumaturgo Sancto Antonio de Lisboa, quer nos templos, quer em casas particulares, onde é costume rezar as *trezenas*.

A proposito, trasladarei para aqui certos apontamentos curiosos, que encontrei na *Synopse da legislação brasileira* pelo sr. M. J. do Nascimento e Silva:

«*Carta regia de 7 de Abril de 1707*, faculta a praça de capitão entretido do forte de Sancto Antonio da Barra da Bahia, com o respectivo soldo, á Imagem do mesmo Sancto, collocado no convento de S. Francisco daquela cidade.

Carta regia de 21 de Março de 1711, confirma o posto de capitão, conferido pelo governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho á Imagem de Sancto Antonio, do Rio de Janeiro, pelo motivo de sua intercessão, quando entraram os francezes nessa cidade com o capitão Duclerc.

Decretos de 14 de Julho, e 13 de Setembro de 1810, promovem Sancto Antonio aos postos de sargento-mór, e major de infantaria.

Decreto de 26 de Julho de 1814, promove o mesmo Sancto a tenente-coronel de infantaria, por occasião da paz que o céo se dignou conceder, á monarchia portugueza, devido isto á sua intercessão; dispensando-se a despeza com a sua patente.

Decreto de 13 de Agosto de 1814, confere a Sancto Antonio a Grã-cruz de Christo.

Resolução de 29 de Outubro, e provisão de 19 de Novembro de 1750, concede á Imagem de Sancto Antonio de Goyaz o soldo de capitão.

Aviso de 26 de Fevereiro de 1799, concede á Imagem de Sancto Antonio, de Ouro-preto, o soldo de 480\$000.

Aviso de 15 de Outubro de 1890, da contadoria da guerra, declara—que emquanto não fôr, por acto especial, annullado o decreto de 26 de Julho de 1814, que conferiu o posto de tenente-coronel á Imagem de Sancto Antonio, do Rio de Janeiro, deve continuar a abonar-se-lhe o soldo a que tem direito, e que até agora tem sido pago.»

14 de Junho

—Em 1878, succumbiu em uma sua fazenda, situada na freguezia da Conceição da Feira, do termo e comarca desta cidade, o abastado proprietario João Nepomuceno Bastos, que deixou testamento, entre cujos legados é justo destacar o que fez á Sancta Casa de Misericordia da mesma cidade.

Contava 74 annos de idade, e havia mandado, em tempo, preparar a sua sepultura no recinto da igreja dessa irmandade.

—Em 1889, suicidou-se com um tiro de revolver a mulher de nome Francisca Cardoso *Lyrío*; que nascera na cidade de Nazareth, mas nesta residia a muitos annos.

Não se soube o motivo, que levou a tal extremo tão valente dama.

—Em 1895, falleceu na cidade da Bahia o Dr. Manuel Bernardino Bolivar, cachoeirano distincto por seus talentos, e formado em medicina.

No regimen monarchico, fora eleito deputado provincial para o biennio de 1881 a 1882.

Cultivava com amor as musas, e deixou varias produções litterarias, esparsas em jornaes e revistas.

Tinha 66 annos de idade, e ultimamente perdera a vista.

15 de Junho

—Em 1822, uma carta do principe D. Pedro, que foi depois imperador, escripta ao general Ignacio Luiz Madeira de Mello, ordenava-lhe—que se retirasse para Portugal com as tropas do seu commando;

e o responsabilisava pela desobediencia a essa ordem real.

Sua alteza dignou-se communicar o facto ao Conselho interino do governo, que se estabelecera nesta cidade, então villa.

Mas, para nenhuma duvida restar sobre sua attitude, D. Pedro dirigio—na mesma data—ao povo bahiano uma proclamação, em que lhe dizia, animando-o contra a metropole: *haja coragem, haja valor!*

—Em 1856, falleceu—contando 90 annos de idade—o procurador do fôro Francisco Gonçalves Barroso, que era artista tambem, e foi o progenitor de numerosa familia. Aqui nascera, e aqui residia.

—Em 1893, falleceu no engenho da «Ponte», freguezia do Iguape, do termo e comarca desta cidade, o africano Martinho Americo da Silva, com 119 annos de idade.

16 de Junho

—Em 1797, foi expedida uma *provisão* do Conselho ultramarino, subscripta pelo governador D. Fernando José de Portugal, em que se depara com uma informação exacta sobre os emolumentos, que os parochos então cobravam, bem como ácerca dos rendimentos, attribuidos a cada uma das freguezias desta archi-diocese.

O trabalho, organizado pelo conego Antonio Borges Leal, foi depois de prompto remettido—em 19 de Fevereiro do anno citado—á indispensavel approvação daquelle Conselho.

D'esse documento se vê—que os vigarios, não falando na congrua que era de 50\$000, em regra, além de uma quantia variavel entre 10 e 40\$000. para cavalgadura ou canôa, percebiam:

Das conhecenças 80 rs. por casal, e por pessoa solteira 40 rs. de communhão e 20 rs. de confissão, sómente. Por offerta de baptisado, uma moeda de prata, ou de ouro, sem determinação de valor. De cada missa solemne, festiva ou funebre, 2\$000.

A *provisão* referida orçava os rendimentos desta freguezia de Nossa Senhora do Rosario da Cachoeira em 650\$000 annuaes, inclusive a congrua; os da de Moritiba em 500\$000; os da do Outeiro Redondo em 400\$000; os da de S. Gonçalo dos Campos em 400\$000 tambem; e os da de Sancto Estevam de Jacuipé em 280\$000, sem real para cavallo.

O parochio da Moritiba tinha 40\$000, egual quantia o de Outeiro-Redondo, e 250\$000 o de S. Gonçalo dos Campos, cada anno, para um animal de sella

—Em 1865, o decreto imperial n. 1242 autorizou a incorporação da companhia, que se propunha a construir a estrada de ferro *Paraguassú*, convertida depois em *Estrada de Ferro Central da Bahia*.

—Em 1873, finou-se, no arraial de Belem, freguezia da Conceição da Nova Feira, do termo e comarca desta cidade, o Cap. Augusto Pimentel Coelho, juiz de paz do respectivo districto, e agricultor considerado.

Era quinquagenario.

17 de Junho

—Em 1755, por deliberação do senado da camara desta cidade, então villa, ficou taxado em 10 réis o preço de uma passagem de ida e volta, por canôa, daqui para S. Felix.

Hoje, se cobra 160 e 200 réis.

Pela ponte Pedro II custa 60 rs.; mas nem todos servem-se della, porque não está collocada no centro da cidade, como aliás convinha.

—Em 1860, foi sepultado o Cap. José Raymundo de Figueiredo Branco? distribuidor e contador do fóro, e regente de uma orchestra nesta cidade.

Durante a *Sabinada*, prestara elle serviços relevantes á legalidade.

—Em 1863, baixou á campá o Cap. Francisco de Assis, que era secretario da camara municipal desta cidade, e professor jubilado de latim.

Tinha sido aqui tambem subdelegado de policia,

e regera sua cadeira primeiramente em Minas do Rio de Contas, donde fora removido a seu pedido.

—Em 1872, falleceu com 69 annos de idade o barão de Nagé (Francisco Vieira Tosta.)

Presidente da camara municipal e commandante superior da guarda nacional desta cidade, supplente do juiz dos orphãos do termo, juiz de paz e chefe politico da freguezia do Oiteiro-Redondo, era o barão de Nagé cidadão muito prestimoso; e sua morte abriu grande vacuo na sociedade cachoeirana.

A nossa terra lhe deve serviços valiosos, e foi durante a administração municipal do illustre titular —que se começou o novo calçamento da cidade e a serie de obras publicas, felizmente até hoje não interrompidas.

O barão de Nagé possuia varias condecorações, e era um espirito eminentemente ordeiro e moderado.

18 de Junho

—Em 1823, o Conselho interino de governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, mandou executar a ordem imperial de 10 de Maio, pela qual fora restituída ao seu antigo estado a administração da justiça na villa de Urubú.

—E simultaneamente ordenou—que o 1º tenente da armada Manuel Joaquim José da Cruz fosse á Itapagipe inspeccionar e fiscalisar os trabalhos do arsenal, que ali se estava montando sob a direcção do capitão de mar e guerra Tristão Pio dos Sanctos, commandante da flotilha nacional.

—Em 1856, succumbiu á grave molestia o Dr. Pedro da Fonseca Mello, natural do Genipapo, que hoje faz parte do municipio de Curalinho, e pertencia então ao desta cidade.

O Dr. Mello era muito estimado e, durante a epidemia do *cholera-morbus*, havia prestado bons serviços.

—Em 1865, baixou á campá o antigo negociante Antonio Manuel Barretto, que tinha deixado o com-

mercio para estabelecer uma fabrica de colla, ainda existente, á rua da Pitanga' desta cidade.

Era um velho considerado como excellente pae de familia, e cidadão respeitador das autoridades e da lei.

—Em 1869, morreu Luiz Osana Madeira, que muito se distinguira nas lutas, travadas nesta cidade por occasião da independencia nacional.

Era homem de côr, dotado de intelligencia não vulgar, mas tambem de genio francamente mordaz.

Abolicionista sincero, alforriara em tempo os seus escravos todos; e sempre se offerecia para curador dos que litigavam por sua liberdade; quando aliás fazel-o era expor-se ás iras e vingança dos poderosos.

Madeira solicitava no fóro, mas acabou pedindo esmolas.

—Em 1881, após inveterados padecimentos, finou-se o Dr. Paulino Gil da Costa Brandão, que nascera em S. Felix, então pertencente ao termo e comarca desta cidade.

Medico estudioso, litterato e poeta, o Dr. Paulino Gil—como homem de talento—honrava a terra, que lhe fóra berço.

Republicano indefesso, o esforçado moço collaborara, nos tempos da propaganda, para manutenção e bons creditos do *Horizonte*, periodico que se publicava na cidade da Bahia, sob a redacção principal do conego Rodrigo Ignacio de Souza Menezes.

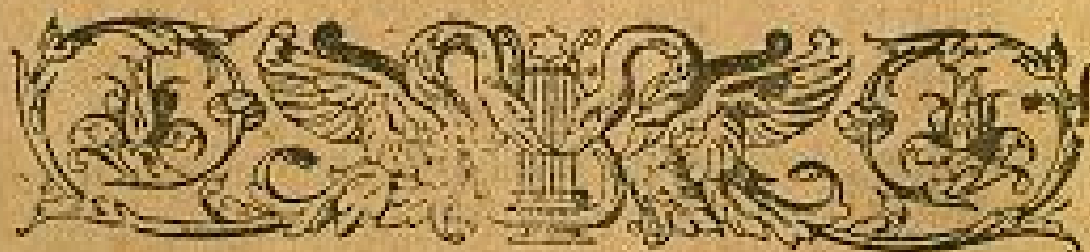
O Dr. Paulino Gil propendia para a escola materialista, e não attingiu aos 40 annos de idade.

—Em 1889, deixou de existir a mulher de nome Gertrudes da Silva, que tinha mais de 100 annos.

Além desta, e de outros macrobios aos quaes me refiro especialmente, é justo não esquecer a Ritta Maria de Araujo, que em Junho de 1882 morreu com 100 annos, e Manuel Galdino Mereira, que já completara 127, quando o chamou Deus a contas.

Manuel Galdino, que expirou no dia 19 de Dezembro de 1891, fóra barqueiro na sua mocidade, e tendo envelhecido passara a ser vendedor de rosarios.

Tambem aqui se vive!



REVISTA TRIMENSAL
DO
Instituto Geographico e Historico
DA BAHIA

Anno VI

Junho de 1899

Num. 20

A LITTERATURA BRAZILEIRA COLONIAL

MEMORIA DEFERECIDA AO INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DA BAHIA PELO SOCIO CORRESPONDENTE DR. A. DA CUNHA BARBOZA.

Não vimos escrever a historia da litteratura brasileira colonial, mas sim offerecer algumas *Notas*, para que outros mais competentes a desempenhem. Se apresentamos quadros mal acabados, temos comtudo consciencia de que nos esforçámos por traçar esboços interessantes e fieis. Rebuscámos e consultámos todos os autores notaveis nessa materia, e da nossa cuidadosa consulta colleccionámos o que de mais importante nos pareceu. Se nos faltaram a philosophia e a erudição, qualidades essenciaes ao historiador, restou-nos entretanto o espirito investigador para fielmente reproduzirmos o que pacientemente anotámos.

Para distrahir-nos das nossas tristezas, com o fallecimento de toda a nossa boa e saudosa familia, nossos queridos Paes e irmãos, e com as molestias gravissimas que temos soffrido, apro-

19 de Junho

—Em 1691, o governador participou á S. Magestade o rei a deliberação, tomadã pelo Dez. Antonio Rodrigues Banha, de fazer a medição das terras do Iguape, ou Uguape, como as denomina Gabriel Soares, no *Roteiro do Brazil*, e que ainda hoje pertencem ao município e comarca desta cidade.

—Em 1712, começou a ser construido o cães dos Arcos, nesta cidade, o qual só depois de um seculo e tantos foi prolongado até ao logar conhecido por *Alambique*, onde Antonio Paes Cardoso da Silva preparara um péqueno trecho, que serviu por muitos annos para venda do pescado.

Mais de 200 annos depois foi que se conseguiu concluir essa obra do cães da cidade.

A escada que fica no largo dos Arcos é toda de pedra, de excellente qualidade, extrahida das immedições do Caquende, onde ha porção della á espera de canteiros, que queiram aproveitá-la.

—Em 1823, o Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era aqui, nomeou o padre Manuel Gomes de S. Leão, que foi depois vigario da Conceição da Feira, para substituir gratuitamente o padre Manuel Dendê Bus na cadeira nacional de grammatica e lingua latina desta cidade, então villa.

Esse padre Dendê Bus tinha um craneo de fôrma original, que foi aproveitado opportunamente na meza de anatomia da Faculdade de Medicina da Bahia.

Aquella cadeira, como todas as de humanidades que existiam disseminadas pela provincia, hoje Estado, foram desde muito extinctas.

Ultimamente, crearam duas *Escolas normaes*, no centro, para formação de professores primarios.

—Em 1898, falleceu—com idade superior a 90 annos, o antigo negociante José Luiz de Carvalho e Silva, decano da colonia portugueza nesta cidade, mas dedicado amigo do Brazil.

Deixou numerosa descendencia.

20 de Junho

—Em 1718, o vice-rei deu ordens terminantes ao capitão-mór desta cidade, então villa, para que fizesse prender os ciganos e ciganas, aqui por acaso encontrados; pois s. magestade os tinha, a todos, mandado permanecer na cidade da Bahia, donde entretanto haviam muitos fugido em busca de outras paragens.

—Em 1822, o juiz de fóra desta cidade, então villa, assignou este officio:

«Hoje, pelas 5 horas da tarde, appareceu na praça desta villa quasi toda a guarnição da barca canhoneira, surta neste porto, unida com os marujos da lancha, que hontem chegou da cidade para conduzir o 1.º tenente Domingos Fortunato do Valle, por ser rendido no commando da sobredicta barca por outro official; e, armados todos de espadas, pistolas e espingardas, pozeram na maior consternação os pacificos moradores; mas, felizmente, a ordem se tem restabelecido, pois neste momento tudo parece tranquillo, tendo muito concorrido para pacificação da referida tripolação o zelo do 1.º tenente Domingos Fortunato do Valle: é me consta que a bordo da mesma barca se acha preso um frade, a quem imputam ter occasionado aquella assuada com razões, que tivera com um soldado da dicta guarnição.

Queira v. s. levar ao conhecimento do Governo o que exponho para que determine o que parecer mais justo, e não vermos repetidas taes acções, que podem arrastar males incalculaveis. Deus guarde a pessoa de v. exa. Villa da Cachoeira, ás 8 1/2 horas da noite de 20 de Junho de 1822—Ilm. exm. sr. Francisco Carneiro de Campos, secretario e membro do Governo provisorio desta provincia da Bahia.

De v. exa.—subdito muito respeitador—O juiz de fóra *Antonio Cerqueira Lima.*»

—Em 1823, desertaram do porto da Barra do Paraguassú todos os soldados das *ordenanças*, ahí destacados.

Naturalmente, assim procederam elles muito urgidos de precisões...

O certo é que, pelo motivo exposto, a força que guarnecia aquelle ponto, ficou reduzida a 58 praças, de outros batalhões; e destas ainda 13 foram tiradas para serviço inadiavel em Salinas.

—Em 1827, nasceu na provincia de Sergipe, hoje Estado, o Dr. Joaquim Antonio de Oliveira Botelho, que prestou á população desta cidade os mais assignalados serviços, durante a epidemia do *cholera-morbus*.

Formado em 1850, o Dr. Botelho era medico da armada imperial, quando aquella peste inopinadamente irrompeu.

Vindo então para esta cidade, transformou-se num verdadeiro heroe. Expôndo a propria vida a todo momento, conseguiu salvar a vida de centenaes de pessoas, tanto aqui, como em S. Felix, Iguape, S. Gonçalo dos Campos, Conceição da Feira, Sancto Estevam, Moritiba e Cruz das Almas.

Como testemunho do seu agradecimento, a população desta cidade offereceu ao medico honrado e caritativo uma rica medalha de ouro, com significativa legenda; tendo se realizado, para a respectiva entrega, uma festa brilhantissima.

O Dr. Botelho professou, quer na Faculdade de medicina, quer no Lyceu, da Bahia. Cedendo aos impulsos do seu patriotismo, partiu a 24 de Março de 1866 para a guerra do Paraguay, em cujo campo sacrificios novos elle fez, tanto á sciencia, como á patria.

A 22 de Junho de 1869, porém, a morte cortou-lhe o fio da existencia, que tão util e proveitosa poderia ser ainda.

—Em 1871, falleceu o commendador Egas Moniz Barretto de Aragão, proprietario de varios engenhos de fabricar assucar, commandante de um batalhão da guarda nacional, e presidente, que fora, da camara municipal desta cidade.

Descendente de uma das mais antigas familias da

Bahia, tinha cerca de 60 annos de idade, e fora sempre um excellente *causeur*.

—Em 1890, effectuou-se o primeiro casamento civil nesta cidade, por força de lei, que a respeito o governo provisório da Republica tinha decretado.

21 de Junho

—Em 1823, o Conselho interino do governo da Bahia, funcionando aqui, mandou que fossem recebidas, e circulassem como sempre as notas do *Lanço Nacional*, que os inimigos da independencia tratavam de desacreditar.

—Em 1846, pelas 11 horas da manhã, manifestou-se um grande incendio na fabrica de fogos artificiaes de que era proprietario, nesta cidade, o tenente José Luiz Pires Valença.

A catastrophe foi motivada por imprudencia do artista Zozimo José Barretto; e della sahiram feridas 4 pessoas, entre as quaes Antonio de Queiroz Marinho, que no dia seguinte falleceu.

—Finou-se, em 1877, o Dr. Benigno Tavares de Oliveira, que exercia então o cargo de promotor publico da comarca da Feira de Sant'Anna.

O Dr. Benigno, antes d'esse, occupará outros logares de nomeação do Governo; e como delegado de policia, que fora nesta cidade, se tinha recommendado pela intemerata energia com que procedeu sempre, e por diversas prisões importantes que realizou.

—Em 1895, foi solememente instalada a sociedade *Beneficencia Cachoeirana*, digna dos maiores applausos e de toda animação.

22 de Junho

—Em 1864, falleceu na povoação de S. Felix, hoje cidade, o negociante Germano de Barros Amorim, que era subdelegado de policia, e deixou fortuna bem regular.

S. Felix fazia, então, parte do termo e comarca desta cidade.

23 de Junho

—Com idade superior a 70 annos, finou-se em 1884 o capitão Antonio Francisco do Nascimento Vianna.

Era escrivão dos orphãos do termo desta cidade, e ao mesmo tempo o presidente da corporação musical de Nossa Senhora d'Ajuda, a cuja orchestra deu fama e realce, como artista consummado que sempre foi.

Em tempo, havia occupado o cargo de secretario da camara municipal.

24 de Junho

—Em 1882, ancorou no porto desta cidade a canhoneira *Traripe*, construida no arsenal de marinha da Bahia, e que adquirira certa celebridade, em virtude da discussão de que foi objecto entre pessoas competentes, empenhadas no estudo de suas condições nauticas.

Outr'ora, era costume vir—de vez em quando—um vaso da esquadra nacional visitar nosso porto, conduzindo a bordo muitos aprendizes marinheiros, que dest'arte exercitavam-se na faina propria da profissão.

Mas, hoje os navios apodrecem na bahia do Rio de Janeiro...

25 de Junho

—Foi em 1822.

Por causa de graves acontecimentos, occorridos na cidade da Bahia, o governador general Ignacio Luiz Madeira de Mello concebeu suspeitas de que o padre Lourenço da Silva Magalhães Cardoso, vigario collado da freguezia de S. Pedro, tratava de *alar-mar* o povo.

E como ao mesmo tempo lhe houvesse constado—que o benemerito sacerdote se retirara para esta

cidade, então villa, Madeira ordenou—que uma canhoneira da esquadra portugueza, surta na Bahia de Todos os Santos, viesse occupar o nosso porto, bem municuada e guarnecida.

O general, com muitos bons fundamentos, receiava—que a propaganda do vigario Cardozo assumisse o character de uma verdadeira revolução, despertando sentimentos de natural patriotismo, que tinham, estado até aquella hora adormecidos no coração dos bahianos.

E tanto mais era isto de temer, quanto aqui já se haviam feito sentir os prodromos da reacção, que a liberdade apparelhava nos seus arsenaes inexgotáveis.

Processos, ou melhor—*decassas*, pullulavam contra pardos, cabras, e pretos, que de ha muito moviam-se em favor da independencia do paiz; e ainda a 1.º do mez Manuel Ramão, Manoel Anselmo da Silva, Luiz Pereira, e outros, tinham promovido um *ajuntamento* revolucionario, do que resultara-lhes uma pronuncia criminal.

Como quer que fosse, a medida tomada por Madeira produziu effeito diverso do que elle provavelmente calculara.

De mais, no dia anterior se tinha propalado—que Joaquim Antonio Moutinho havia recebido da capital uma carta, escripta pelo Dr. Francisco Gomes Brandão Montezuma, que morreu visconde de Jequitinhonha, communicando—que o partido luzitano estava resolvido a tomar a iniciativa da acclamação do principe regente: pelo que convinha anteciparem-se nessa medida os patriotas do reconcavo.

Convém, no entanto, recordar—que o capitão-mór da villa de S. Francisco Joaquim Ignacio de Siqueira Bulcão, tendo recusado—desde os factos luctuosos occorridos em Fevereiro na capital da provincia—continuar a obedecer ao general Madeira, começara a receber e sustentar em seus engenhos do Iguape, do termo e comarca desta cidade, então villa, os soldados de 1.º linha que desertavam da capital.

E elles ahí se conservaram, até que o grande acontecimento explodiu.

De outra parte, alguns patriotas estavam, desde o dicto mez de Fevereiro, concertando o plano de uma revolução, que consistiria em acclamar-se a regencia do principe real D. Pedro, como precursora da independencia do Brazil. E a pequena demora, que houve, em levar-se a termo essa idéa proveio principalmente do trabalho que se teve para decidir os mais tímidos, que receiavam ser esmagados pelas forças portuguezas.

Afinal, os revolucionarios, começando a executar seu plano, conseguiram do sargento-mór Joaquim José Bacellar e Castro um officio para o coronel commandante do regimento de infantaria da villa, communicando—que a população desta andava agitada, pelo que convinha chamal-o ás armas, afim de enfrentar a imminente desordem.

Tendo acudido o coronel a essa insinuação, formou logo o regimento ao primeiro toque de corneta.

A verdade é—que a chegada aqui de um vaso de guerra aterrara todos os animos, pelo que cidadãos de reconhecido prestigio trataram de organizar a resistencia, que se tornou felizmente efficaz. E tanto mais justificada era ella, quanto—como já vimos—parte da guarnição da barca tinha vindo á terra promover desordens, que deram azo a um brusco movimento de repulsa popular. (*Ephem. de 20 de Junho.*)

O commandante do regimento de cavallaria miliciana—José Garcia Pacheco de Moura Pimentel e Aragão, sendo a patente mais elevada que ao tempo existia aqui, se pôz á frente da revolução para encaminhal-a, e servil-a com os elementos, que elle e varios outros brazileiros haviam pouco a pouco, e pacientemente, accumulado.

A's 8 horas da noite do dia 24, correu o boato de estar se reunindo no arraial de Belém grande grupo de patriotas, dispostos a vir no dia seguinte realizar nesta cidade, então villa, um golpe politico de alcance indubitavel.

O coronel José Garcia, porém, se antecipou; de modo que ás 3 horas da madrugada do dia 25, que foi uma terça-feira, achava-se já elle no Largo do hospital, hoje praça da Regeneração, na casa em que residia o major José Joaquim de Almeida Arnizáu, para onde foram chamados, além de outros, o advogado Antonio Pereira Rebouças e o padre José Marcellino de Carvalho, aos quaes o chefe da revolução encarregou de proclamar ao povo, e tambem convidal-o para comparecer á sessão da camara, em que devia ser aclamado o principe D. Pedro como regente do Brazil.

Publicados, que foram, esses dous importantes documentos em nome do coronel José Garcia, partiu este para se encontrar com a força armada que, tendo descido de Belém, achava-se acampada á margem do Pitanga. Antes, contudo, de fazel-o, o coronel havia mandado convidar para a projectada solemnidade os commandantes dos differentes corpos militares, bem como o Dr. juiz da fóra, afim de reunir a camara, e o vigario da parochia que devia cantar opportunamente um *Te-Deum*.

No entanto, depois que o coronel José Garcia seguira, se tratou com muito ardor, em casa do major Arnizáu, de formar um deposito de armas, e reunir toda a gente armada, a que veio tambem juntar-se a força de *ordenanças*, que afinal deliberara adherir.

A esse tempo, o coronel aggregado Rodrigo Antonio Falcão Brandão, commandando uma centena de bravos, que havia alistado por Iguape e outros logares circumvisinhos, levantava o acampamento, e deixava a margem do Pitanga, para onde viera de Belém, depois da celebração de uma missa votiva, que tanto elle, como seus destemidos companheiros, ouviram com verdadeira unção religiosa.

Conduzindo sua tropa a esta cidade, então villa, o coronel Rodrigo Brandão entrou pela rua dos Curraes-Velhos (hoje Marechal Deodoro), dahi tomou para a praça da Regeneração, até então denominada largo do Hospital, e, descendo pela rua da Matriz, veio surgir na Praça Municipal, onde fez alto.

A força patriótica dentro em pouco estava engrossada com o *regimento dos auxiliares*, a *companhia aggregada*, composta de homens de côr, o *esquadrão de cavallaria*, *quatro companhias de infantaria*, além de muitos *voluntarios*.

Estes, em geral, eram combatentes experimentados na revolução pernambucana de 1817; e que não se fizeram demorar á voz da patria em perigo.

Dominados, assim, por um só e nobre pensamento, os revolucionarios resolveram apressar a esperada aclamação de D. Pedro, como regente do Brazil. E não ha negar—que esse passo em muito contribuiu para a separação, e consequente independencia do novo, mas opulento paiz, que era então a principal colonia do reino.

Foi com aquelle intuito alevantado e digno, que a multidão chegou á Praça, onde a tropa, formando em alas, prolongou-se pela rua da Matriz e outras adjacentes.

Davam 9 horas da manhã.

Sahiu do seu paço, então, a Camara e, acompanhada por todas as pessoas gradas do lugar, encaminhou-se para a egreja Matriz de Nossa Senhora do Rosario, afim de assistir o *Te-Deum*, que foi cantado pelo padre Manuel Jacintho Pereira de Almeida, parochó encommendado da respectiva freguezia, e depois vigario collado de Nazareth.

Na brilhante solemnidade, prégou sermão eloquentissimo o vigario de Santo Estevam de Jacuípe—padre Francisco Gomes dos Santos Almeida, que veio a fallecer no anno de 1837.

Concluido o acto religioso, e após a benção que foi lançada ás tropas pelo padre Manuel Jacintho, a corporação municipal, tornando á casa de suas sessões, assomou sem demora á janella central desta. E, sendo desfraldado o respectivo estandarte, ella—pelo orgão do seu presidente—acclamou D. Pedro, filho de D. João VI, como regente do Brazil, á cuja liberdade ergueu *vivas*, que foram correspondidos estrepitosamente pelo povo e pela tropa.

A camara, nesse memoravel dia, foi presidida pelo

juiz de fóra Dr. Antonio de Cerqueira Lima, e á sessão compareceu tambem o capitão-mór de *ordenanças* José Antonio Fiuza, tendo sido encarregado de redigir a acta respectiva o advogado Antonio Pereira Rebouças.

E foi elle mesmo quem, annos depois, escreveu: *estando os povos bem dispostos a expor-se pela causa da patria, tiveram os patriotas mais influentes por opportuno o dia 25 de Junho do mesmo anno de 1822 para o rompimento da revolução, acclamando a regencia do principe imperial D. Pedro de Alcantara, como precursora da independencia em que, dentre nós, já havia quem meditasse.* (PRIMEIROS MOVIMENTOS PARA A INDEPENDENCIA DO BRAZIL).

Terminados, que foram, os *vivas*, a tropa deu uma descarga com cartuchos de festim. Tanto bastou para que da barca luzitana fossem disparados para terra varios tiros de bala, e não poucos de metralha, a despeito do compromisso de honra tomado pelo respectivo commandante, quando affirmara que por nenhum modo impediria aquella manifestação pacifica dos briosos cachoeiranos.

Uma das balas, atiradas do navio, passou pela cornija do sobrado n. 2 á rua da Matriz, e outra ricocheteou no cães dos Arcos, por estar então baixa a maré.

Uma bucha, alcançando o tambor-mór Manuel da Silva Soledade, o prostrou por terra a lançar golfadas de sangue.

Sahiram feridos dous soldados de cavallaria, que aliás tinham se portado heroicamente.

Quando começou-se a responder ao fogo da barca, fugiram do campo da luta os soldados das *ordenanças*, não por deslealdade ou cobardia, mas antes para obedecer á ordem, que neste sentido o capitão-mór terminantemente lhes dera.

Da casa do portuguez Manuel Machado Nunes, no entanto, fizeram repetidos tiros de fuzilaria, auxiliando assim a gente de bordo; e um delles varou a barretina do major Joaquim José Bacellar e Castro.

A luta se tornava de momento a momento mais accentuada e tenaz.

Em virtude de tão graves acontecimentos, deliberou-se eleger uma *Junta conciliatoria de defesa*, que teve por presidente Antonio Teixeira de Freitas Barbosa, depois barão de Itaparica, e como membros — Antonio Pereira Rebouças (secretario), Dr. José Joaquim da Silva e Azevedo, padre Manuel José de Freitas, que mudou o nome para Manuel Dendé Bus, capitão-mór José Paes Cardoso da Silva, e Antonio José Alves Bastos.

A's 5 horas da tarde, a *Junta* estava installada, e declarou-se em sessão permanente, como as circumstancias exigiam. Seu primeiro acto foi proclamar ao povo, em nome da salvação da patria, para que *resistisse ás machinações dos inimigos do Brazil*, uma vez que a intenção perversa da guarnição da barca estava patente pelas hostilidades que ella rompera, tanto quanto pela fé da palavra quebrada pelo respectivo commandante.

O juiz de fóra desta cidade, então villa, communicou immediatamente ao secretario da *Junta provisoria*, da cidade da Bahia, a brilhante acclamação do principe regente.

E desde então a tropa e o povo redobraram de energia e de valor para repellir a estranha provocação dos luzos, que de momento a momento se tornava mais cruel pelo fogo incessante e bem nutrido que a barca fazia.

Tomando, comtudo, as posições mais convenientes nos cães dos Arcos, de Maria Alves, e do Alambique, aquelle punhado de bravos respondeu com tiros de mosquetaria aos disparos da maruja portugueza, que pela inesperada aggressão mais aggravava a deslealdade do seu commandante.

E, assim, por um heroismo incontestavel, e valor indefesso, a Cachoeira conquistou na historia nacional um logar de primazia, que ninguem jámais lhe poderá disputar.

«A Cachoeira, disse o Visconde de Cayrú (*Historia dos principaes successos do Imperio do Brazil*), tem

a fortuna de ser a que não só fez publico acto de reconhecimento da regencia do principe real, mas tambem a que o confirmou com a valente e feliz destruição do bloqueio, com que o regulo Madeira imaginava poder obstar a qualquer movimento contra sua prolongada oppressão.»

A. Rebouças (*Recordações da vida patriótica*), referindo-se aos acontecimentos dados em fevereiro na capital, observa—que elles unicamente «deixaram de ser nefastos por induzirem á emigração para a villa da Cachoeira e mais partes do reconcavo, e á aclamação, a decorrer de 25 de junho de 1822, precursôra da independencia, e constituição da nacionalidade brazileira.»

Por sua vez, o Visconde de Jequitinhonha escreveu: «não teve a camara da capital a gloria de ser a primeira em acclamar o principe regente. Esta gloria estava destinada ao brioso, e não egualado, povo da grande e muito patriótica villa da Cachoeira.»

E Accioli (*Memorias Historicas*) accrescenta: «foi o primeiro logar da provincia (a Cachoeira), onde teve principio o impulso á causa da independencia.»

Finalmente, o Dr. Mello Moraes (*Brazil imperio e Brazil reino*) accentúa «que a villa da Cachoeira, hoje cidade, foi o logar da provincia da Bahia, onde se deu—pela resistencia armada—o primeiro impulso para a independencia do Brazil.»

Em 1832, se começou a festejar a data memoravel do *25 de Junho*; e dahi para cá todos os annos, ella é commemorada dignamente pelo povo cachoeirano.

Agora, é justo abrir espaço á importante acta, que dos acontecimentos occorridos foi lavrada na camara municipal.

TERMO DE VEREAÇÃO DO DIA TERÇA-FEIRA 25 DE JUNHO, EM QUE FOI ACCLAMADA A REGENCIA DE SUA ALTEZA REAL

Aos 25 dias do mez de Junho de 1822 annos, nesta villa de Nossa Senhora do Rosario do Porto da Cachoeira, em os paços do Conselho e casa da camara della, onde se achavam presentes o Dr. juiz de fóra presidente Antonio de Cerqueira Lima, e vereaa-

dores o mais velho o tenente-coronel Jeronymo José Albernaz, o Cap. Antonio de Castro Lima, e por ausencia do sargento-mór Francisco José de Almeida, que se acha na Bahia, veio o do anno transacto Joaquim Pedreira do Couto Ferraz, com o procurador actual o cidadão Manuel Teixeira de Freitas, para onde todos foram convocados por officio do coronel de cavallaria miliciana José Garcia Pacheco, que se achava á frente do corpo do seu commando na praça desta villa, para que se achassem em camara, onde com effeito sendo vindos e juntos em meza de vereação, o dicto ministro presidente, vereadores e procurador: logo ali compareceu o coronel José Garcia Pacheco effectivo, e o coronel Rodrigo Antonio Falcão aggregado, e por elles foi dicto—que haviam convocado a camara e autoridades do districto para o fim de que, com presidencia da mesma camara, se acclamasse sua alteza real o senhor D. Pedro regente, e perpetuo defensor, e protector deste reino do Brazil, na fórma que foi acclamado na cidade do Rio de Janeiro. O que ouvido pelo dicto ministro e membros da camara, accordarão que a mesma camara chegasse ás janellas dos paços do Conselho para saber a vontade do povo e tropa, que na praça se achava postada, assim a de cavallaria, como a de milicias de infantaria com o chefe commandante Joaquim José Bacellar, e a de ordenanças presidida pelos officiaes respectivos, achando-se o capitão-mór José Antonio Fiuza de Almeida na casa da camara. E sendo perguntado o povo e tropa pelo procurador do senado da camara Manuel Teixeira de Freitas, que se achava com o estandarte na mão, se eram contentes que se acclamasse sua alteza real o senhor D. Pedro de Alcantara por regente e perpetuo defensor do reino do Brazil assim, e na forma que foi acclamado na cidade do Rio Janeiro? E logo pelo povo, e tropa que se achava postada na praça, foi respondido que sim. E lançando o procurador o estandarte fóra das janellas, todos houveram por acclamado sua alteza real o senhor príncipe D. Pedro na fórma acima dicta e da mesma maneira que foi

acclamado na cidade do Rio de Janeiro, dando todos muitos e repetidos vivas á sua alteza real com grande alegria; conservando-se esta villa, e todo o seu districto debaixo da sujeição e obediencia das autoridades constituídas na capital da provincia, logo que esta tenha adherido ao systema da corte do Rio de Janeiro, que acabamos de proclamar; ficando esta camara obrigada na primeira occasiã, representar á sua alteza real a retirada da tropa européa, por ser esta, além de desnecessaria, prejudicial ao sossego desta provincia. E de como assim se cumpriu e declarárão, fiz este termo. E declaro que o vereador, que assistiu a esta conferencia por empréstimo, foi Joaquim Pedreira do Couto Ferraz. E mais declaro que neste acto só compareceo o capitão-mór José Antonio Fiuza de Almeida somente, não a sua tropa de ordenanças. E outrossim que esta camara participará ao governo civil da provincia este acto da acclamação com autentica do termo da vereação. E declarárão mais os mesmos chefes e pessoas, que concórrerão a este acto, que na representação que esta camara deve levar á presença de sua alteza real expresse a falta que houve em quasi todos os habitantes desta provincia de declararem sua vontade acerca da desunião publica, que se fez desta provincia para com as mais deste reino do Brazil. E assim mais declarou o capitão-mór que, posto não tivesse comparecido á testa de sua corporação por não ter sido requerido para isto, comtudo se obrigava, como com effeito se obrigou, a manter e guardar a ordem estabelecida, e harmonia publica com todos os meios a seu alcance. Do que tudo fiz este termo. Eu Jacintho Lopes da Silva, escrivão da camara, escrevi e declarei. Lima.—Albernaz.—Castro.—Pedreira.—Teixeira.—José Garcia Pacheco de Moura Pimentel e Aragão, coronel commandante de cavallaria.—Rodrigo Antonio Falcão Brandão, coronel aggregado de cavallaria.—O capitão-mór José Antonio Fiuza de Almeida.—José Joaquim de Almeida Arnizáu, sargento-mór.—Joaquim José Bacellar e Castro, major.—José Moreira

Guimarães.—Francisco José Damasio Mattos.—O vigário Francisco Gomes dos Santos e Almeida.—Fr. José de S. Jacintho Mavignier, prégador regio, examinador das tres ordens militares.—Padre Manuel Alves Móreira da Fonseca Guimarães.—O padre Manoel José de Freitas.—O vigário encomendado Manuel Jacintho Pereira de Almeida.—O vigário foraneo Francisco Borges de Figueiredo.—José Garcia Cavalcante de Albuquerque Aragão.—Antonio Teixeira de Freitas Barbosa.—Manoel José da Silva Lemos.—O padre Manoel Teixeira de Santa Anna.—José Peregrino da Gama.—O coadjutor Luiz Antonio dos Sanctos.—Manuel Joaquim Pereira.—O cirurgiãomór José Caetano Alvim.—Felippe Pereira Pinto de Souza e Araujo.—Ignacio Antunes de Abreu Carvalho Contreiras.—Francisco Teixeira de Freitas Barbosa.—Antonio Pereira de Araujo.—Manuel dos Santos Maures.—Francisco de Salles Ferreira.—Manuel Francisco do Nascimento Vianna.—Feliciano Pereira da Silva Castilho.—José Ribeiro Berlinque.—Ajudante Germano José da Silva Pinto.—Francisco José da Costa Faria.—José Francisco de Nascimento Vianna.—Padre Sebastião Navarro de Andrade.—Luiz Ferreira da Rocha.—Miguel Barbosa Cabral.—Francisco da Silva Pinto.—Joaquim dos Santos Gonçalves.—Francisco Antonio Fernandes Pereira, tenente quartel-mestre.—Carlos José Coelho, capitão.—José de Azevedo Motta, ajudante.—Domingos José Fernandes, tenente.—Antonio José Alves Bastos, alferes.—Matheos da Franca Adrião, tenente.—Francisco Gomes Moncorvo, tenente.—Luiz José Pinto da Silva.—Antonio Teixeira de Freitas Barbosa Junior, alferes.—Bento José de Almeida, alferes.—José da Silva Gomes.—Manuel Rabello.—Joaquim Antonio Amorim Vianna.—Manuel Lopes de Menezes, alferes.—O capitão José Paes Cardoso da Silva.—Manoel Gonçalves do Coutto.—João Peixoto de Miranda e Veras.—João Pedreira do Coutto.—Manoel Pinto de Azevedo, tenente.—José Venancio da Cunha Ribeiro.—Francisco Antonio de Souza Lemos.—José Gomes Moncorvo.—Manuel Rocha Galvão.—Clemente Jorge

Martins Milagres, tenente.—Virissimo Cassiano de Souza Gomes—Joaquim Simões de Araujo—Francisco de Paula Castro, primeiro ajudante—Manoel Pereira de Macedo e Aragão, capitão—José Rocha Galvão—Victor da Silva Torres—Joaquim Cardoso de Magalhães — Antonio Gomes da Costa—Francisco Gonçalves de Oliveira França.—Francisco Rocha Galvão—Fructuoso Gomes Moncorvo—Joaquim José dos Santos Sousa—Manuel Vicente Pereira Mascarenhas—José Pinto da Silva.—José Martins de Azevedo.—Francisco Antonio de Araujo.—Joaquim Cerqueira Mascarenhas.—José Alexandre de Oliveira.—Francisco José Corrêa.—Antonio Simões de Oliveira.—Eduardo Francisco da Trindade e Oliveira.—Felippe Pedreira Lapa.—O padre Antonio José Lopes de Carvalho Portugal—Manoel Ferreira Campos.—Francisco Pereira de Araujo.—Clemente Alves Maia.—Calixto José dos Santos.—José Ferreira da Silveira.—José Antonio da Silva Castro.—Antonio Martins da Silva Reis.—José Ferreira Sarmiento.—Ignacio Joaquim Ferreira Lisbôa.—Manoel da Rosa.—Manoel José Rodrigues da Silva — José Leonardo Muniz Barretto—Luiz Lopes da Silva Castro—Antonio Pereira Rebouças—Manoel Affonço Fraga—Manoel Ferraz da Motta Pedreira—Manoel Joaquim Cerqueira —Francisco Xavier da Motta—Manoel Gonçalves de Oliveira—Ignacio Xavier Barradas—José Ferreira da Cruz—José Leandro de Oliveira—Ignacio Ferreira da Costa—Manoel Felippe da Silva—Manoel Benardo de Amorim—Antonio Francisco Ribeiro Guimarães—José Moreira Guimarães Junior—Francisco José dos Santos Corvino—Francisco Pereira da Silva—Manoel Pereira da Resurreição — Antonio Fernandes da Silva—Alexandre Peixoto Mascarenhas—João Pereira de Souza—Antonio Joaquim Lisboa—Alferes Domingos Ferreira da Silva—José Lopes de Menezes e Aragão—Francisco Manoel dos Santos Barretto—Joaquim Miguel dos Santos Gama.—Manoel Joaquim de Sant'Anna—Cipriano Gonçalves Barroso—Eugenio Marciano dos Santos—Domingos Francisco de Souza—Manoel Pereira Fialho

—José Bernardino de Magalhães Cerqueira—Antonio Maria de Moura Mattos—José Joaquim de Oliveira—Manoel Ancelmo de Almeida—Antonio Mendes Loureiro—Joaquim Thomé da Silva Pimentel—Francisco de Amorim—Angelo Custodio da Silva—José da Rosa—Antonio Dias de Passos—Bernardino José do Valle—Felippe da Silva Teixeira—Francisco Marcario Leopoldo—Thomaz Joaquim Ladislau—José Antonio de Souza Lopes—Vicente Ferreira Villasboas—João Evangelista—Dyonisio Luiz de Queiroz—Bernardino da Silva Neves—Joaquim Matheos da Silva Couto—Francisco Rodrigues Salgado—Manoel Gonçalves da Silva Rocha—José Henrique da Silva—Antonio Xavier Braga—José Thomaz Pereira—Manoel da Silva Lobo—Manoel do Carmo Ferreira—Joaquim José de Almeida—Francisco Antonio de Mello—Pedro José da Purificação—Manoel Pereira de Jesus—José João de Campos—Joaquim José de Almeida—Mancio Fermino Ernesto—José Francisco da Costa—Joaquim José da Costa—José Maria—Antonio José Alves Pereira—Francisco Vaz Lordello—Joaquim José de Sant'Anna—Basilio José Dias—Manoel José da Cruz—José Joaquim da Silva Azevedo—Severo Mendes Monteiro—José Luiz Chaves—Francisco Maria Pereira Muniz Barretto—Antonio Alves da Fonseca—José Bernardino de Miranda—Antonio Pinto de Sousa—Francisco Pereira de Araujo—Manoel Joaquim de Mello—Eusebio da Costa Tavares—Antonio José Marinho Sodré—Leandro Joaquim de Araujo—Florentino Rodrigues da Silva—Manoel Paulino de Oliveira Béo—Alberto Magno Soares—Apolinario Pereira do Nascimento—Joaquim Felix Moreira—Mauricio Pereira Lima—João Evangelista—Manoel Francisco Martins—Candido José Alves de Araujo—Domingos da Ressurreição Villela—José da Silva Santos—Manoel Rabello Ferreira—Manoel Eleuterio Alves de Araujo—José dos Santos Lôbo—José Pinto Ribeiro—José Pereira de Castro—Antonio Martins Curvello—Manoel Joaquim de Magalhães—Francisco Martins Coelho—José Ricardo—Manoel José de Araujo—João Vicente Ferreira—Antonio

Ferraz da Motta—José Nunes de Sampaio—Virissimo José de Oliveira—Antonio Pereira do Lago—José Alvares dos Santos Sousa—Francisco Alcares de Andrade—Herculano José de Araujo Silva—Manoel Claudiano—Thomé de Cerqueira—Manoel Victorio—Francisco Manoel Ernesto Pereira—Pedro José de Almeida—Antonio Joaquim—Joaquim Dias Guimarães—José Coimbra de Andrade—Felix Theophilo de Alcantara—José Dias da Costa—Francisco Peixoto de Miranda e Veras—José Raymundo de Figueiredo—Caetano Gonçalves de Oliveira—José Luiz de Azevedo—Francisco Rodrigues Pinheiro—Manoel de Jesus—João Francisco Regis—Francisco de Passos da Solidade—Francisco Gomes—João Alves da Cunha—Manoel Gonçalves Pereira—José Xavier de Figueiredo—Manoel Xavier da Costa—Antonio José Guedes—Custodio José da Costa Guimarães—José Antonio de Carvalho—Manoel José da Conceição—João Pinto de Menezes—O tenente-secretario Roberto Barbosa Saldanha—Belchior José Joaquim Ignacio da Silva—Clemente José Teixeira—Joaquim José da Costa—Joaquim José Ribeiro Guimarães—Manoel Joaquim de Sant'Anna—Manoel Martins de Andrade—Francisco Ludgero Tavares da Gama—Custodio Martins Rodrigues.

—Em 1869, falleceu no seu engenho de fabricar assucar, situado na freguezia do Iguape, termo e comarca desta cidade, o tenente-coronel Francisco Gomes Moncorvo, cidadão prestimoso, e muito commendavel por seus actos de beneficencia e cordura.

—Em 1870, a commissão dos festejos patrioticos do *25 de Junho*, dirigida pelo Dr. Aristides Augusto Milton, Manuel Baptista Leone e Ricardo José Ramos resolveu—para maior esplendor da grande commemoração—libertar algumas crianças do sexo feminino, pois ainda existia a escravidão no Brazil.

A respeitabillissima Sra. D. Maria Josepha Dias de Affonseca offereceu tambem tres dos seus captivos para figurarem na solemnidade, passando-lhes as cartas de alforria.

A commissão dos festejos, por meio de subscrição popular, conseguiu redimir varios outros innocentes, que eram victimas da maldicta instituição social.

E no *Te-Deum* que, segundo o costume, se cantou na egreja Matriz, foram entregues os titulos de liberdade assim adquiridos, em homenagem ao dia das glorias cachoeiranas.

Com o fim de auxiliar idéa tão alevantada e patriótica, o Dr. José Leoncio de Medeiros, que era a esse tempo estudante da Faculdade de Medicina da Bahia, viera com uma escolhida porção de collegas seus dar, no theatro desta cidade, um espectáculo, levando á scena o *Demonio Familiar*, do operoso José de Alencar.

O beneficio effectuou-se em a noute de 19, com uma concurrencia extraordinaria de espectadores, e no meio de um enthusiasmo verdadeiramente febril.

Afóra aquella peça, foi tambem representada uma excellente scena comica; feitas varias sortes de prestidigitação; e magistralmente executado um *duo* por piano e flauta.

Os artistas D. Filomena Wandek e seu marido tomaram parte no espectáculo, trabalhando com bastante correcção.

Muitas e primorosas poesias foram recitadas, durante o espectáculo, por diversos membros da futura e distincta legião de mancebos. E não houve quem lhes regateasse ovações e applausos.

Tiveram brilhante recepção estudantes e artistas, e quando partiram daqui foi no meio das maiores demonstrações de reconhecimento e saudade.

Infelizmente, ao chegarem elles á capital, foi assaltado por uma febre de máu character o 1.º annista Arthur Jansen de Mello Rocha, que tinha sido um dos mais influentes da generosa caravana.

E dias depois, coitado! era cadaver....

Nascera no Maranhão.

Relembrando aqui seu nome, rendo o tributo que

á sua memoria deve esta cidade, pelo serviço que elle prestou-lhe tão gentil e desinteressadamente.

—Em 1891, o cidadão Antonio Carlos da Trindade Mello iniciou, com alguns amigos, a subscrição para fundar o asylo *Filhas de Anna*, que mezes depois estava inaugurado nesta cidade, e tem prestado serviços preciosos ás meninas desamparadas.

26 de Junho

—Em 1673, o Governo por uma portaria mandou dar 80 réis por dia aos *príncipes* do reino das Pedras, pobres africanos que tinham vindo *limpos* do Rio de Janeiro, e precisavam ter com que... *comprar os melões*.

A gente, meio-selvagem, que então povoava esta cidade, simples aldeia a esse tempo, foi tomada de pasmo, sabendo da existencia de altezas a quatro vintens...

Chamavam-se D. Simão, e D. Lourenço, ambos da Silva, os dous pretinhos, «que da selva tinham sahido em hora fatidica.»

—Em 1822, os patriotas cachoeiranos, com o fim de darem proveitoso ensinamento á guarnição da barca portugueza, que continuava a insultar os brios do nosso povo, mandaram buscar aos engenhos de assucar uns vaivens que brócaram, montando-os ao depois nuns reparos improvisados, para servirem de peças.

Nesse affanoso trabalho, salientou-se muito o cidadão Luiz Osana Madeira.

Collocados os dietos vaivens, tanto aqui como em S. Felix, conseguiu-se com elles dar tiros contra o navio, causando-lhe assim bem sérias avarias.

Durante o dia, não cessou o fogo da barca para terra; secundado aliás por certa fuzilaria de que se encarregara a gente, acastellada nas casas dos portuguezes Antonio Pinto de Lemos Bastos e Manuel Machado Nunes.

Em vista d'estes notaveis successos, a «*Junta conciliatoria e de defeza*,» instalada nesta cidade, então

villa, dirigiu-se ao Governo provisório da capital da Bahia, queixando-se do procedimento do commandante da canhoneira, que tinha metralhado o povo, como já ficou dicto.

E acrescentou—que tão estranho procedimento inspirara a organização da *Junta* para «guiar, defender e terminar os males, que o mesmo povo estava soffrendo.»

A *Junta*, creada nesse mesmo dia, ficou assim composta. Cap. Antonio Teixeira de Freitas Barbosa, depois barão de Itaparica, presidente, Antonio Pereira Rebouças, secretario, cap. José Paes Cardoso da Silva, professor Manuel José de Freitas, e Cap. Antonio José Alves Bastos, vogaes.

A respectiva eleição teve logar em casa do padre Navarro, no largo do Hospital, hoje praça da Regeneração; e a *Junta* passou a funcionar no edificio do mesmo hospital de S. João de Deus, hoje Sancta Casa de Misericórdia.

De sua parte, o juiz de fóra Dr. Antonio de Cerqueira Lima remetteu cópia da acta da aclamação do principe Regente ao referido Governo provisório; e, simultaneamente, declarou-lhe—«que era perigoso o estado da villa, pelo que solicitava promptas providencias a fim de evitar-se a guerra civil.»

—Em 1887, falleceu o Dr. Reinaldo Martins Ramos com 29 annos de idade apenas.

Occupava o cargo de juiz de orphãos desta cidade, onde nascera.

27 de Junho

—Em 1749, a Relação ecclesiastica proferiu sentença, favoravel á irmandade de Nossa Senhora do Amparo, em uma antiga pendencia, que esta trazia com a devoção de Sancto Antonio, ambas desta cidade, sobre precedencia de logar nas procissões a que comparecessem.

Questão semelhante á do *hyssope*, ella teve a força de apaixonar os animos por muito tempo...

—Em 1822, proseguiu mais alentada ainda, a luta

que desde o dia 25 se travara entre o povo e a guarnição da barca luzitana.

—Em 1873, falleceu na cidade da Bahia, para onde se tinha ultimamente mudado, o capitão Julio Emilio Pereira Guimarães, que fôra aqui proprietario.

28 de Junho

—Em 1822, já por tarde, o commandante da barca portugueza, que desde o dia 25, fazia fogo contra o povo cachoeirano, ameaçou—por meio de um officio insolente, endereçado ás autoridades locais,—arrazar a villa, si esta por acaso não se lhe submettesse logo.

E, antes de receber a merecida resposta, redobrou suas hostilidades, atirando até sobre as canoas que, cheias de passageiros, navegavam pelo rio Paraguassú.

Muito de industria, os adversarios da causa brasileira tinham feito correr insistentemente o boato de que estava a chegar outra canhoneira para auxiliar a primeira, ao mesmo tempo que esta se movia para tomar posição, onde ficasse fôra do alcance da fuzilaria, bloqueando portanto o porto.

Importa não esquecer—que um troço da maruja portugueza havia descido á terra, em a noute do dia 25 e apagara ás luminarias postas á casa em que o Dr. juiz de fôra morava.

Entrementes, a *Junta Conciliatoria*, presidida pelo capitão Freitas Barbosa, não tendo conseguido que o commandante da canhoneira, a quem respondera moderada, si bem que dignamente, desistisse do seu proposito, proclamou ao povo, e assentou preparar cuidadosamente a resistencia.

Com tamanha felicidade o fez, que, tendo começado um vigoroso fogo de fuzilaria ás 8 1/2 horas da noute, antes das 12 a canhoneira se havia rendido, com 26 pessoas da guarnição feridas, inclusive o proprio commandante, tendo ficado mortas 12 praças: outras fugiram a nado.

A rendição realizou-se, depois de ter feito o navio calar sua artilheria, que começara com frequencia, mas a pouco e pouco se foi tornando mais espaçada, e terminou por emmudecer de todo, quando içou elle uma bandeira branca.

A barca, tendo soffrido dous tiros ao lume da agua, não poudo continuar o combate. Antes, algumas balas tinham já crivado o costado do navio, e cortado a cordagem de suas velas.

Então, nossos valentes conterraneos, tomando canoas, abordaram a barca e passaram a prender o commandante e a tripolação della.

Ainda encontraram duas peças carregadas.

Presas as 27 pessoas que achavam-se a bordo, foram todas enviadas, dentro de poucos dias, para a cadeia de Inhambupe por uma escolta de que foi commandante o sargento Manuel Lino Pereira.

Nessa campanha, que terminou por tão notavel triumpho para os cachoeiranos, distinguiram-se por actos de patriotismo e valor, além dos cidadãos que já tenho mencionado, mais estes:

O capitão-mór Joaquim Ignacio de Siqueira Bulcão, João Pereira Gallo, João Pedreira do Couto Ferraz, José Antonio da Silva Castro, Domingos Cravador, Joaquim Antonio Moutinho, Ignacio Joaquim Ferreira Lisboa, Virissimo Macario, Cassiano Macario, Roberto Barbosa Saldanha, José Joaquim Souza Leite, o padre Villaboim, capitão de cavallaria Antonio de Castro Lima, Ignacio Joaquim Pitombo, Cap. José Gomes Moncorvo, Manoel Ferraz da Motta Pedreira, Dr. João Martiniano Barata, tenente Francisco Gomes Moncorvo, tenente João Borges Ferraz, Pedro Jacome, os irmãos Lesbios do Funil, José Pinto da Silva, José Venancio Tupinambá, os irmãos Rocha Galvão (Lourenço, Manuel e José), Cardoso de Magalhães, Manuel Mauricio Rebouças, Victor José Topazio, padre José Marcellino de Carvalho, José Marcelino dos Santos, major José Antonio da Silva Castro, Miguel Barbosa Cabral, alf. José Garcia Calvacanti, sem falar em muitos outros, que seria longo ennumerar.

Dentre as diversas providencias, que foram toma-

das para repellir o inimigo, assignalarei como mais importantes as que menciono abaixo:

O estabelecimento de um telegrapho entre esta cidade, então villa, e a barra do Paraguassú por meio de signaes, incumbindo-se do respectivo serviço ao capitão José Felix da Silva.

A criação de uma *posta* para uso dos dous pontos indicados, tendo sido nomeado inspector della o capitão Manuel Pereira de Macedo.

A organização de duas companhias de voluntarios a que denominaram de *Marte* e de *Bellona*. —

A esse tempo, existiam no rio Paraguassú duas fortalezas, que podiam cruzar seus fogos; uma na ponta da Saubara, e outra na ponta da Barra, afóra a celebre fortaleza do Paraguassú, construida pelos hollandezes.

Das peças tomadas ao vaso portuguez, umas foram remetidas, debaixo do commando de Victor Topazio, para o engenho de Tóróró, aonde hoje existe a fabrica de tecidos denominada *S. Carlos*, afim de fortificar-o; as melhores tiveram destino para a referida fortaleza do Paraguassú de que era então commandante o 2.º tenente A. G. da Rocha de Queiroz Marinho Jaboticaba, e as outras foram aproveitadas, algumas nas obras de defeza do nosso porto e o resto na villa de S. Francisco, afim de proteger-lhe o porto.

A *Junta* não se esqueceu de providenciar sobre o fornecimento das tropas, e para acautelal-o convenientemente fez sahir o capitão-commissario Francisco Manuel de Castro.

Entretanto, quando correu a noticia da tomada da barra, espontanea illuminação surgiu promptamente em todos os edificios publicos e na maior parte das casas particulares. A's 11 horas da noute, a villa inteira apresentava um aspecto brilhante e jubiloso.

No mesmo dia, a *Junta provisoria do governo da Bahia*, composta dos cidadãos Francisco Vicente Vianna, Francisco Carneiro de Campos, Manoel Ignacio da Cunha Menezes, José Cardoso Pereira de Mello e Antonio da Silva Telles, dirigiu-se ao general

Madeira, communicando-lhe a acclamação do príncipe regente e a instalação da *Junta de Defeza*, que aqui tinham tido logar, mas protestando não reconhecer-a e não prestar-se, portanto, a entreter correspondencia com ella, cujos actos considerava tão precipitados quanto illegaes, incompativeis além de tudo com a obediencia immediata, em que achava-se a provincia para com as côrtes d'El-rei.

Os coroneis José Garcia Pacheco de Moura Pimentel e Rodrigo Antonio Falcão Brandão fizeram ao mesmo governo communicação, egual á que a *Junta Provisoria* havia dirigido.

—Em 1852, pelas 10 horas da manhan, deu-se a explosão de um barril de polvora, na venda de molhados, pertencente a Hdefonso Mendes Franco, estabelecido á rua de Baixo (hoje *13 de Maio*), desta cidade.

No trecho da rua, comprehendido entre as da Ponte-nova e do Alambique, tres sobradós e tres casas terreas foram destruidos completamente pelo fogo, que só a muito custo poudeser extincto.

O facto emocionou profundamente a população da cidade, mas... ainda hoje se vende polvora em todo canto, com uma indifferença que pasma...

—Em 1898, falleceu na Conceição da Feira, do municipio e comarca desta cidade, o respectivo vigario Manoel Felix Teixeira, com a idade de 55 annos.

Era natural da Feira de Sant'Anna, e tinha já parochiado a freguezia de Monte Santo.

29 de Junho

—Em 1751, o Capitão João Rodrigues Adorno fez doação das terras, em que aqui foi levantado o hospicio dos carmelistas calçados, no flanco do monte conhecido por *Mangabeira*.

Decorridos alguns annos, o hospicio foi demolido, e, um pouco abaixo do sitio em que existira, edificaram o convento actual, pertencente á mesma Ordem, e que data do meiado do seculo XVII.

O bello frontespicio, que a respectiva egreja ostenta, foi concluido em 1773, quando tambem se lhe fez o côro, onde collocaram magnifico *orgão*.

A capella do Sacramento, que o vasto, embora arruinado, templo possui, deve-se ao zelo religioso do coronel Lourenço Corrêa Lisboa, que nella está sepultado.

— Em 1822, as villas de Maragogipe, S. Francisco, Inhambupe e Santo Amaro, seguindo o patriotico exemplo dado pela Cachoeira, tambem proclamaram D. Pedro como principe regente do Brazil.

— No ultimo anno citado, dissolvida a *Junta de defesa*, em virtude de deliberação assentada entre os membros que a compunham, continuaram estes a constituir a *Commissão*, encarregada de administrar a *Caixa militar*, cujo fim era fornecer os meios necessarios ao proseguimento da guerra contra o general Madeira.

A mudança de nome, assim effectuada, teve como causa a reclamação feita por uma deputação enviada pelas villas de S. Francisco e Sancto Amaro, composta do Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida (depois marquez de Abrantes, e senador do imperio), do tenente-coronel Felisberto Gomes Caldeira, e do major Antonio Maria da Silva Torres.

Dos membros da *Junta de defesa* apenas o Capitão José Paes Cardoso não passou a fazer parte da *Commissão de administração da caixa militar*, mas assumiu logo o commando das *ordenanças*, no impedimento do respectivo capitão-mór.

A *Commissão* tratou, sem demora, de officiar para as outras villas da provincia, concitando-as a que seguissem-lhe o patriotico exemplo. E destaeou, ao mesmo tempo, uma força commandada pelo coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão para proteger a povoação de Cabrito; assim como um troço de batalhão ás ordens do Cap. José Antonio da Silva Castro afim de proteger os habitantes de Nazareth, que não podiam—muito embora os seus entranhados desejos—pronunciar-se pela acclamação do principe regente.

A *Commissão da caixa militar* ordenou tambem —que algumas companhias do batalhão *Cachoeirense* marchassem daqui para defender a cidade da Bahia, e que outras acudissem ás povoações do Funil, e da Barra do Paraguassu.

Chegando, comtudo, a Funil, o Cap. Antonio de Souza Lima se passou com a força ás suas ordens para Itaparica, pois era ahí que o inimigo se apresentava mais temeroso.

—Em 1823, o Conselho interino do governo da Bahia mandou prender, e conservar no convento de S. Francisco do Paraguassu, que fica em territorio d'este municipio e comarca, fr. Thomaz de Aquino Lascasas, professor de grammatica e lingua latina, que aqui chegára da capital emigrado.

A respectiva portaria não declina o motivo da prisão.

—Em 1892, falleceu—com idade de 100 annos, a preta Thomazia Joaquina de Alfonso, nascida e residente nesta cidade.

—Em 1895, á noute, se recebeu aqui a noticia de haver fallecido o marechal Floriano Peixoto, vice-presidente da Republica.

O lugubre acontecimento occorrera, no mesmo dia, na estação da *Dicisa*, do Estado do Rio de Janeiro; mas o cadaver foi transportado para a capital federal, onde—a custa da nação—se fizeram pomposos funeraes.

O marechal Floriano suffocara a revolta de 6 de Setembro, promovida por parte da armada nacional; e desta sua attitude correctá lhe resultou grande popularidade.

30 de Junho

—Em 1822, a *Commissão da Caixa militar*, creada nesta cidade, então villa, fez partir o advogado Manuel Maria Rebouças para Maragogipe e outros pontos da provincia com officios, communicando a aclamação do principe regente.

—No mesmo anno, o general portuguez Madeira de

Mello, se dirigindo por officio á *Junta provisoria do governo da Bahia*, que estava já funcionando na capital, prometteu recorrer á força e a todos os meios energicos para abafar a *revolução da Cachoeira*, cujo exemplo aliás ia sendo imitado por outras villas da provincia.

—Em 1842, foi traiçoeiramente assassinado com oito puchaladas o cidadão Manuel Felix, conhecido por *Bamburral*. O facto se deu ás 11 horas da noite, quando a victima sahia da casa do Dr. Emilio Tavares de Oliveira, onde estivera a palestrar; e causou vivissima impressão, á vista das circumstanças especiaes de que se rodeou.

Foi attribuido o crime á pessoa de posição social, e, para explicar-lhe a causa, toda a gente recordava o *cherchez la femme*, do celebre policiador francez...

Cachoeira, 1899.

(*Continúa*)

A. MILTON.



Município dos Poções (1)

(COMARCA DA CONQUISTA)

LIMITES—Limita-se este município ao S. com o município da Victoria, da fazenda Taquaral, rumo direito a Lagoa da Serra,—d'ahi estrada direita á casa e morada de José Pereira do Rosario (fazenda Lagedo), d'esta tambem estrada direita á fazenda e morada de Joaquim José de Almeida, sita á margem do Riachão do Gado Bravo; e d'ahi atravessa o Riachão rumo direito ás Araras, fazenda de Manuel Alves Portugal, margem do rio Gavião. A. O. com o do Brejo Grande, pelo rio Gavião abaixo (ultimo ponto ao S.) até a sua barra no Rio de Contas e por este abaixo. A' N. O. com o de Maracás pelo mesmo rio.

A' N. E. com o de Areia pelo mesmo rio até confinar com o município da Barra do Rio de Contas, a L. observando-se os limites deste município até se encontrar com o ponto de partida na Serra do Taquaral. Tacs são os seus limites discriminados pela camara municipal da Victoria em sessão de 14 de Novembro de 1840. (2)

1) A descripção do município é trabalho do fallecido Dr. Tranquilino Torres, e publicado no *Diario da Bahia* de 27 de Julho de 1888.

2) Estes limites acham-se em parte alterados hoje pela Lei n. 180 de 1.º Julho de 1897 que creou o município de Jequié, separado do de Maracás.

ASPECTO GERAL—Este município é geralmente montanhoso dos lados de O. e E., sendo coberto por esse lado por immensa floresta, continuação da do município da Victoria, a que pertenceu e que se estende até os municípios vizinhos d'Arcia e Amargosa, ao N. d'este município.

Seu terreno no centro é onduloso, havendo ao S. muitas planicies, erradamente tambem conhecidas por *veredas* e onde se desenvolve com abundancia a criação cavallar e vaccum.

A' O. nota-se terrenos de catingas, pequenos bosques de terras fracas, porém as mais preferidas pela população para a plantação de legumes e cereaes, e pela facilidade que ha nas derrubadas dos bosques, e pequeno trabalho no plantio. Ahi se cria com grande vantagem a raça cavallar, bovina, caprina e suina.

SERRAS E MORROS—As serras que formão a parte montanhosa do município, suppõe-se, como affirmamos descrevendo o município vizinho da Victoria, ser uma ramificação geral da cordilheira da provincia, cadeia central ou serra do Espinhaço, e que atravessa o município de S. para L. com a denominação de Serra do Grongogi que separa as vertentes ou bacias do mesmo nome, e as do rio Cachoeira que vão ter ao oceano Atlantico.

MORROS—O mais importante de todos é o morro da «Mattinha», que dista uma legua do logar—Cachoeira, e de altura culminante; e o morro «Agudo», ao S. S. O. do município, o qual se forma em grande planicie com uns 30 metros de altura pouco mais ou menos, havendo perfeito antagonismo entre o nome que se lhe dá e a sua conformação, pois representa a copa de um chapéo arredondada; não deixa elle de attrahir a attenção dos viajantes que admirão aquella elevação original

n'uma planície sem nenhuma ramificação montanhosa.

Rios—O municipio é banhado por grande numero de rios, alguns já descriptos no municipio da Victoria, como seião o Grongogi e Gavião.

—O rio de Contas, de todos o mais caudaloso, que nasce na Serra da Tromba, uma legua distante da villa do Bom Jesus do Rio de Contas, corre para o Oriente e S. E., separando os termos do Brejo Grande do do Rio de Contas, atravessa o municipio servindo-lhe de limite ao N. entre este mesmo municipio e o de Maracás, na distancia de perto de 30 leguas, e desembocca no Atlantico, passando pela Villa da Barra do Rio de Contas. Recebe como tributarios o rio Ourives, que por sua vez tem por tributarios o rio do Brejo Grande e o Tamandúa; o Sincora, que recebe diversos riachos permanentes, como são o do Barbado, o do Ribeirão, do Bom Jardim e Carahybas; o rio Jacaré, todos no municipio do Brejo-Grande. N'este municipio recebe o Grongogi, cuja descripção já demos no municipio da Victoria, tendo apenas a accrescentar que elle recebe por sua vez o rio Formiga, o rio da Uruba, e o rio do Macario.

O rio dos «Poções», que nasce no Morro Preto, tendo suas cabeceiras em matta virgem, cinco leguas distante da villa dos Poções, atravessa-a e faz barra no rio da Cachoeirinha, distante uma legua da villa; seu curso é pequeno, de pouca profundidade e agua pesada.

O rio «Cachoeirinha» nasce no rio das Mulheres, tres leguas distante da villa, desagua no rio de Contas, abaixo do Jequié; mais caudaloso que o dos Poções, corre para o N., tendo uma extensão de mais de 20 leguas.

O rio da «Uruba» ou «Morrinhos», que nasce 6 leguas distante da villa, na Serra Geral do S.,

e que tem o mesmo nome, uma legua acima do riacho de Santa Apollonia, passa uma legua distante da villa: recebe como tributarios o rio das «Mulheres», o Tarugo, o riacho de Santa Apollonia, o Torés, e desagua com o nome de rio dos «Morrinhos» no rio Grongogi, tendo de extensão mais de 30 leguas d'agua permanente. Elle toma differentes nomes conforme os logares por onde vai passando.

O rio das «Mulheres» (assim chamado porque quando o sargento môr tomou a bandeira e foi conquistar indios, as mulheres seguiram aos maridos até aquelle lugar e em prantos fizeram as suas despedidas) nasce no morro das Pedrinhas ao nascente, 3 leguas distante da villa e lança-se no rio da Uruba no lugar chamado Fragata, ou Torés, tendo pouco mais de duas leguas de extensão.

O rio «Santa Apollonia» nasce ao poente e depois de um pequeno curso lança-se no «Uruba ou Morrinhos» no mesmo ponto em que faz junção com o das «Mulheres», recebendo antes o riacho de Torés.

O rio «Tarugo», que nasce na Serra da Sapucaia com o nome de Tarugo, passa tres leguas distante da villa, toma mais adiante o riacho dos Bois e desembocca no dos Morrinhos, com a extensão de seis leguas no lugar chamado Tarugo. Chamão-n'o tambem rio dos Bois.

O ribeirão do Macario, que nasce no lugar «Macario», n'um brejo permanente, em terrenos de Manuel Francisco Ferreira Pedra: desagua no Grongogi, acima da Barra da Uruba, com cinco leguas de extensão.

O rio Grande nasce em uma lagoa proxima ao morro do Vigario Barral (antiga residencia de um sacerdote d'esse nome), volteia-o em mais de legua e desembocca no rio Grongogi.

O rio «Pau Brazil», que nasce nas mattas da

Bocca do Matto ao N. do municipio, segue e atravessa-o sempre na direcção do norte, passa pelo logar Pau-Brazil que lhe dá o nome, e faz barra no rio de Contas no logar Peabanha, 3 leguas abaixo do Jequié.

E', depois do Grongogi, o maior e mais caudaloso.

O rio *Formiga*, nasce 4 leguas distante dos Poções, nas mattas que ficão a L., atravessa o municipio na mesma direcção, e desembocca no rio Grongogi.

Além d'estes rios que são os principaes, ha diversos riachos que tomão grande força e correnteza nos tempos chuvosos, mas que seccão no verão, causando não pequeno damno ás populações ribeirinhas que têm necessidade de fazer cacimbas, e grandes tanques para reservatorio das aguas pluviaes.

LAGOAS—Ha um grande numero de pequenas lagoas, que só têm força d'agua por occasião das chuvas, e que contêm agoa apenas para os primeiros tempos da sécca; e servem para abastecer as criações n'essa estação. Nada de preciso podemos assegurar a respeito de verdadeiras preciosidades, que podem fornecer muitos elementos para estudos antropologicos, porque além do pessoal habilitado para taes investigações, falta-nos o tempo para estudos d'essa natureza, incompativeis com o nosso cargo.

SALUBRIDADE—O municipio é muito salubre, principalmente nos terrenos de catingas, havendo, porém, nos terrenos das mattas e nas margens dos rios após o inverno, febres de mão caracter attribuidas ás exhalações mephiticas que surgem após as innundações dos rios.

O clima é temperado: a população gosa em geral

boa saúde e tem boa constituição, e dedica-se á lavoura e a criação.

MINERAES—Ha no municipio grande numero de mineraes: os mais geralmente usuaes são a pedra de construcção, o barro de olaria, a tabatinga, o salitre, o ferro. Consta que existem minas de diamantes as quaes não estão exploradas.

Existem, porém, minas de ouro no riacho de Salgado, de agua salobra, distante uma e meia legua da Villa dos Poções; e na Serra do Timorante ao Oriente, 10 leguas distante da villa, com boa jazida d'esse metal, tendo já sido explorada com proveito pelo capitão-mór João Gonçalves da Costa e seus filhos.

«Sabe-se tambem, diz Accioly em suas Memorias historicas, pag. 160, n. 5, desde 1808 que é summamente aurifera a serra da Arubã (aliás Uruba) districto da Conquista no sertão da Resaca (hoje termo de Condeuba), conhecimento esse devido ao respectivo capitão-mór João Gonçalves da Costa, quando n'aquelle anno percorria tal continente, commandando uma bandeira contra os indios selvagens que haviam hostilizado algumas fazendas, ignorando-se todavia o motivo por que deixou de progredir em outras indagações locaes, como lhe fôra ordenado em Av. de 2 de Outubro do mesmo anno, expedido ao governador d'esta provincia pelo ministro d'Estado, o conde, depois marquez d'Aguiar, a quem o capitão-mór havia remettido uma amostra do ouro de sua descoberta, que se verificou no Rio de Janeiro ser de qualidade superior.»

MADEIRAS, AVES, ANIMAES e FRUCTAS SILVESTRES—Nada podemos acrescentar ao que descrevemos no municipio annexo, da Victoria, por ser o prolongamento da mesma flora, e dos mesmos terrenos,

e que terá inteira applicação a este municipio o que já dissemos d'aquelle outro.

HISTORIA—A villa dos Poções foi primitivamente povoação, creada por Thimotheo Gonçalves da Costa, com seus filhos Bernardo e Roberto Gonçalves da Costa, depois da conquista dos indios pelo capitão-mór João Gonçalves da Costa e seus filhos. Já se viu na descripção da historia da Victoria a cujo territorio pertenceu este municipio, a attitude energica e patriótica que assumiram João Gonçalves e seus filhos nos principios d'este seculo na conquista dos indios: n'este empenho separarão-se, fixando residencia o capitão João Dias de Miranda na Manga, 5 leguas distante da villa dos Poções; ao N. da mesma Antonio Dias fixou residencia na Uruba, meia legua distante da Manga e quatro e meia da villa; e o sargento-mór Raymundo, nos Morrinhos, antiga tribu dos Mongoyós, havendo-se casado com uma filha de Thimoteo Gonçalves da Costa.

Após demorado pleito juridico que teve de sustentar Bernardo Gonçalves da Costa com os fidalgos de Portugal, sobre as terras havidas por compra ao capitão Bento Garcia Leal, doou aquelle Thimoteo meia legua de terreno em quadro por escriptura passada pelo padre Vicente d'Araujo Franco, sendo testemunha José Joaquim Fragata em 3 de Agosto de 1830, ao Divino Espirito Santo dos Poções para n'ella se edificar a casa de oração com essa invocação.

A capella iniciada por José Joaquim dos Santos, genro do sargento-mór Raymundo, foi edificada pelo capitão-mór João Dias de Miranda em 1842 e a terminou seu sobrinho o capitão Antonio Coelho Sampaio.

Pela lei n. 1848 de 16 de Setembro de 1878 foi erecta em freguezia, sendo seus limites os dos dis-

trictos de paz dos Poções e Areião, e foi elevada á cathegoria de villa, e como tal separada do municipio da Victoria, pela Resolução n. 1.986 de 26 de Julho de 1879, mas só installada a 25 de Abril de 1883.

Foi elevada a termo, pertencendo á comarca da Victoria, hoje Conquista, e installado o fóro a 14 de Julho de 1883.

TOPOGRAPHIA: Esta villa está situada ás margens do rio dos Poções que a atravessa; suas ruas são em geral estreitas, e as casas mal alinhadas; tem uma praça bastante comprida, quasi quadrada, onde está sita a egreja matriz.

A' excepção de algumas casas, ultimamente construidas, suas propriedades são terras e de má edificação.

Seus principaes edificios são a egreja matriz que é pequena, verdadeira capella, e que não comporta a grande população que a frequenta, e o cemiterio que é grande e foi edificado á expensas da população em 1872.

Ainda não tem casas da camara e cadeia, pois, servem-se ainda de edificios particulares.

Tem, porém, uma pequena ponte de madeira ligeiramente construida que communica os dous bairros da villa.

POPULAÇÃO: Sua população é calculada em 18 mil almas; fez antigamente, pelo recenseamento de 1872, parte da parochia da Victoria, cujo computo foi de 18,836: este numero, porém, esteve sempre muito longe da verdade pela falta de criterio, e real indiferença nos dados officiaes então collidos.

AGRICULTURA E LAVOURA: Consistem na cultura do café, canna de assucar, mandioca, tabaco, algodão, milho, arroz, feijão, havendo tambem o cultivo de algumas especies de fructas.

As principaes criações são de gado cavallar, muar e vaccum, em que consiste o primeiro ramo de exportação, além da criação do gado cabrum, lanígero e suíno para o consumo do municipio.

Ha diversas fazendas que se occupam exclusivamente desta industria.

A pequena criação limita-se a aves domésticas.

Quanto á pesca, ainda está em embryão esta industria: rigorosamente fallando, ella mal dá para o consumo diario.

Entre seus habitantes, sobresahiu-se na piscicultura o Sr. José Pereira do Rosario em sua fazenda Lagêdo, limites d'este termo com o da Victoria.

INDUSTRIA FABRIL: A industria fabril consiste em assucar, aguardente, fumo, farinha de mandioca e milho, obras de olaria, como sejam louças de barro, telhas, tijollos; fabrico da rapadura, e tecido de algodão em seu estado rudimentar.

COMMERCI0: A exportação se limita ao café, assucar, aguardente já extrahida da canna, já da jaboticaba que se presta maravilhosamente para o vinho, (d'ella e do maracujá se extrahe tambem bom vinagre), fumo, farinha de mandioca, feijão, arroz, milho, queijos e requeijões, gado vaccum, cavallar, muar e toucinho.

Ella, porém, limita-se aos municipios visinhos da Victoria, Areia, Amargosa e Maracás, sendo em grande escala o café, o fumo, e animaes; o transporte se faz em costas de animaes.

POVOADOS E SUAS ORIGENS: O municipio contém varios arraiaes, ou povoados.

O arraial do Arcião, sito ao Occidente do municipio, na margem direita do Rio de Contas, antigo povoado e que hoje rivalisa-se com a villa dos Poções, séde e cabeça do termo, é ponto de pas-

sagem de tropas e viajantes que procurão a capital, ou alto sertão e Estado de Minas; nelle passa a estrada real deste Estado para o de Minas. Dista 16 leguas da villa dos Poções, e é um importante centro de commercio.

Bocca do Matto (*)—Este povoado fica 5 leguas distante da villa dos Poções, ao norte do municipio: foi em suas immedições que o coronel João Gonçalves da Costa encontrou a André da Rocha, antigo escrivão do Rio de Contas, que abandonou o cargo por haver incendiado o cartorio, achando-se então processado: vivia alli este escrivão acoitado, longe da justiça e da sociedade em estado de completa selvageria.

Arraial do Porto-Alegre—a O. N. O. do municipio, sito na margem direita do mesmo rio de Contas, lugar novo por onde passa a estrada que vai ter ao alto sertão, pela Passagem de Sant'Anna e Arcião, e que atravessando o rio, segue para o termo de Maracás e cidade da Cachoeira. O principal ponto da população é na margem esquerda do mesmo rio.

Passagem de Sant'Anna,—lugar tambem novo, sito à margem direita do mesmo rio de Contas, na mesma estrada geral que vai ter ao centro do Estado; é um lugar que promette, si para alli convergirem as vistas do governo. Serve o rio de limite ao municipio com o do Brejo-Grande; fica a oeste do municipio.

Arraial do Gavião—sito na barra do rio Gavião com o rio de Contas.

E' ainda estrada geral que communica a capital com o centro; é populoso e lugar destinado a ser entreposto de commercio por ser limitado com os municipios do Brejo-Grande e Bom Jesus dos Mei-

(*)—Actualmente Arraial da Boa Nova.

ras; está distante da villa dos Poções 22 leguas aproximadamente.

Morrinhos e Benguela—antigos aldeamentos de indios Mongoyós, hoje povoações, insignificantes e em completo abandono.

Além d'estes, ha outros pequenos arraiaes que se vão formando, e que constituirão para o futuro, com a immigração e colonisação nacional ou estrangeira, centros importantes de commercio e industria.

INSTRUCCÃO.—Ha na séde do municipio duas escholas, uma para o sexo masculino e outra para o sexo feminino, uma outra na povoação do Areião, e uma eschola mixta no arraial da Boa Nova.

E' lamentavel que n'uma população de 18 mil almas, só hajam 3 ou 4 escholas, cujo maximo de frequencia mal vai a 20 alumnos.

E' verdade que existem pequenas aulas nas *fazendas* a esforços de seus proprietarios; mas quão longe vai a verdadeira instrucção dos pequenos rudimentos que n'essas escholas recebem seus filhos, limitando-se apenas a subscrever o seu nome para firmar lettras commerciaes ou votar nos collegios eleitoraes!

DIVISÃO ECCLESIASTICA

Pertence este municipio á diocese da Bahia: só possui uma parochia, a do Divino Espirito Santo dos Poções, creada pela lei n. 1848 de 16 de Setembro de 1878. Tem a egreja matriz construida em terreno proprio, doado pelo capitão Bernardo Gonçalves da Costa, com os seguintes limites:—pelo N. com as terras de Maria Florinda; pelo S. com Francisco Vieira de Carvalho; pelo P. com Joaquim José Sampaio e pelo Nasc. no rio dos Poções, tendo de extensão um quarto de legua quadrada. Estas terras, segundo a lei n. 601 de 18 de Setembro de

1850 e decreto de n. 1318 de 30 de Junho de 1854, forão registradas a 22 de Junho de 1858 a fl. 51 do L. 2.º do tabelião da Victoria.

Tem ainda as terras em commum na fazenda do Gentio e que limitão-se pelo N. com Rodrigo Meira Sertão, pelo P. com José Pereira do Rosario, pelo S. com a fazenda Bom Jesus, pelo Nasc. com Manuel Gonçalves da Costa, e cuja fazenda tem 5 leguas de extensão e forão registradas a fl. 48 do 2º livro.

Além da igreja-matriz ha diversas capellas importantes, taes como:—a do *Arceião*, dedicada a N. S. do Livramento; foi edificada pelo capitão Lourenço José de Lima, Joaquim Miguel de Souza Guimarães e alferes Manuel Alves Pereira Junior, com seus genros e filhos. Teve começo em 1875, si bem que desde 1867 se houvessem lançado os alicerces, que mais tarde forão destruidos e novamente reconstruidos. As terras forão doadas a 3 de Agosto de 1865 pelo capitão Lourenço, tendo-as havido por compra a Francisco dos Santos Pereira com o fim de se erigir a capella. Tem um bom cemiterio. Um projecto da assemblea provincial d'este anno, 1888, a eleva a freguezia. Seus limites estão traçados na escriptura passada pelo escrivão de paz Joaquim Ferreira Sapucaya.

A capella da *Volta*, dedicada a N. S. da Purificação e edificada pelo capitão Rodrigo Meira Sertão, como consta das verbas do seu testamento nos cartorios da Victoria, em terrenos doados pelo mesmo e reconstruida por seu sobrinho Martiniano de Souza Meira. Tem um bom cemiterio.

A capella de *Monte Alegre*, distante da villa dos Poções 12 leguas para o P., dedicada a S. Antonio; edificada pelo portuguez Francisco de Sousa Bittencourt, em terrenos por elle doados, estando hoje em abandono.

A capella da *Bocca do Matto*, dedicada a N.

S. da Boa Nova, edificada pelo capitão Antonio Coelho Sampaio em 1848, em terrenos proprios por elle doados. Tem um bom cemiterio.

A capella, sita nas *Salinas dos Caetanos*, dedicada a S. Antonio, edificada a esforços do tenente Antonio Joaquim da Silva em 1883 em terras por elle compradas, e doadas para esse fim; tem meia legua em quadro.

A capella *da Boa Viagem dos Gomes*, dedicada a S. José, edificada por Francisco Gomes Ribeiro e sua sogra, em terras por elle tambem doadas.

A dos *Marrinhos*, dedicada a S. Antonio, e edificada em 1883 pelo professor Antonio Silverio de Araujo Lima, com auxilio da população em terrenos em commum, pertencentes a diversos condominios.

Além d'estas, existem outras capellas, menores, conhecidas por Lapinhas.

DIVISÃO POLICIAL: O municipio tem uma delegacia com duas subdelegacias, a da villa e a do districto do Areião, creada pela Resol. n. 731 de 18 de Maio de 1859. Ha diversos quarteirões, porém, a insufficiencia dessa divisão, bem como a dos districtos de paz, que são os mesmos correspondentes ás subdelegacias, bem longe estão de fornecer á justiça, á policia, á administração e á estatistica, os serviços, esclarecimentos e dados indispensaveis á boa marcha dos publicos negocios.

RENDAS. A renda da collectoria estadual em 1897 foi de 5:860\$000. O ultimo orçamento municipal calcula a receita em 13:227\$000, e a despesa em igual quantia. (*)

CURIOSIDADES: Não sabemos si existem curiosidades dignas de ser escriptas, pelo muito que ha no municipio por se explorar; já o dissemos, faltão-nos

(*) Nota da *Relação*.

pessoal habilitado e o precioso tempo para esses estudos.

ESTRADAS: Muito tem ainda que fazer o novo município dos Poções para se rivalisar com os seus vizinhos no attinente à estradas. São muito atrazadas as vias de communicação, o que muito difficulta a exportação de seus productos, e a importação dos que se utiliza a população, uma das razões por que se vendem esses objectos por alto preço.

A principal é a do *Descadeirado*, immensa ladeira na comarca de Areia, que affronta os animaes, desanca não poucos, o que dá nome à estrada pelo terror que sempre incute aos viajantes. Já a descrevemos, tratando do município da Victoria: passa ella pela comarca de Areia; foi continuada por este termo pelo capitão Justino Ferreira Campos, desde a Cachoeirinha de Manuel Roque, 11 leguas distante da villa dos Poções, até o Periperi Grande, 6 leguas além da mesma villa pelo lado de L. do município da Victoria.

A estrada dos Poções, da qual tambem já fallamos, é que apenas chegou ao logar *Sentido*, equidistante 6 leguas das villas dos Poções e Victoria, bem como as que se communicão com os povoados do Gavião, Areião, Porto-Alegre e outras pequenas de fazenda à fazenda precisão ser abertas, (porque nunca o forão, senão por animaes em busca d'agua, fazendo mil voltas e rodeios), necessitando de fiscalisação severa, afim de se conservarem limpas, para que possa o município gosar das suas riquezas naturaes e productivas e se engrandecer, chamando para seus territorios a população ociosa e dispersa.

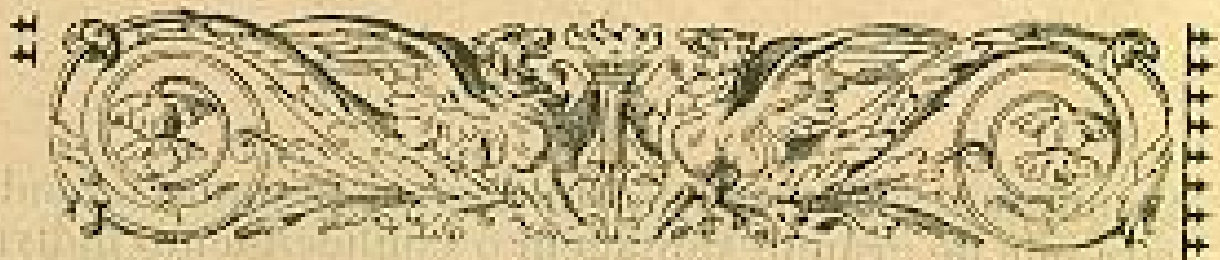
Muito incremento tomaria este município si a estrada de ferro de Nazareth tomasse em seu curso uma directriz que cortasse as mattas d'esta abundante e feracissima região.

Pela lei provincial n. 2,430 de 11 de Agosto de 1883, ficou o governo da provincia autorisado a dispender a quantia de 5:000\$000 para a abertura de uma nova estrada real que, partindo da fazenda Santa Cruz, termo do Bom Jesus dos Meiras, vá à barra do rio Gavião, deste ao Areião, Riachão do Peixe e Porto-Alegre, e dahi até Maracás com 30 palmos de largura. Esta estrada, que innumerous beneficios prestaria ao O. do municipio não só, mas até ás comarcas do Brejo Grande, Condeúba e ao Estado de Minas, não foi ainda iniciada

DISTANCIAS—Este municipio dista da capital do Estado 74 leguas, ficando distante da estação do Tambury da Braziliann Imperial Bahia Central Railway, a mais proxima viação ferrea do termo, umas 30 leguas aproximadamente ou 120 kilometros.

As distancias ás villas e cidades dos municipios confinantes são:

A' cidade da Conquista ao S., 12 leguas ou 41 kilometros; à villa do Brejo-Grande a S. O., 25 leguas mais ou menos; à villa de Maracás a O. N. O. do municipio 40 leguas; a N. E. a villa de Areia com 60 leguas mais ou menos.



CENTENARIO DO BRAZIL

O Primitivo e o actual Porto Seguro (*)

Ainda vivia o visconde de Porto-Seguro, quando, na sessão deste Instituto de 23 de Novembro de 1877, iniciei a leitura de uma memoria, na qual procurava refutar as erroneas apreciações daquelle historiador, sobre uma questão de maximo interesse relativamente á historia do nosso paiz.

Referia-me então a um officio que da Bahia, em data de 25 de Setembro daquelle anno, dirigira elle ao ministerio do Imperio, officio que foi publicado no *Diario Official* de 10 de Outubro seguinte, e em outros jornaes desta côrte.

Dizia o visconde que, no intuito de consultar os archivos de Porto-Seguro e Ilhéos, emprehendera e realisára uma viagem áquellas villas.

Não obstante, porém, as investigações a que procedera, nas poucas horas em que se demorou em cada uma dellas, nenhum documento encontrára digno de ser recolhido ao archivo publico do Imperio.

Apezar de sua mallograda tentativa, ainda assim se consolara com a lembrança de que os fructos recolhidos nesta viagem seriam da maior importancia para a historia patria, sendo tres as vantagens que neste sentido apontava: a primeira, o ser de não pouca monta o desenganó de que nesses archivos nenhuns documentos mais existem, cuja falta de

(*) Memoria lida no Instituto Historico e Geographico Brasileiro em 26 de Novembro de, 1880 pelo socio marechal Beaurepaire Rohan.

exame pudesse deixar escrupulos; a segunda, ter sido para elle de grande vantagem o conhecimento individual que fizera destas localidades, nucleos de duas de nossas capitancias primitivas, as quaes melhor poderia descrever para o futuro; a terceira, finalmente, ter tido occasião de resolver, por uma vez, todas as duvidas a respeito de ter tido logar no actual Porto-Seguro e não na bahia de Santa-Cruz, *como acreditara, e fizera acreditar Ayres do Casal*, o primeiro desembarque de Pedro Alvares Cabral, e de ter sido dita no mesmo *recife ilhado*, que fórma o dito porto, e não na Corôa-Vermelha, mais ao norte, a primeira missa nesta terra de Santa-Cruz; ponto este a respeito do qual se propunha a apresentar as *provas de todo convincentes* em uma dissertação, que do seu posto na Europa pensava enviar, com a possível brevidade, ao Instituto Historico.

Nada tenho que vér com as duas primeiras vantagens da sua viagem. Quanto, porém, á terceira, não a posso deixar passar sem um protesto, tanto mais que o illustre historiador, antes do seu lamentavel fallecimento, pôde enviar ao Instituto Historico a promettida dissertação, a qual se acha inserta á pagina 5 da 2ª parte do tomo XL da nossa *Revista Trimensal*.

Não foi Ayres do Casal quem acreditou e fez acreditar que o Porto-Seguro de Cabral é aquella bahia a que hoje chamam os incolas *Enseada da Corôa-Vermelha*, e á qual o autor da *Chorographia Brasilica*, em veneração certamente á memoria do descobridor, impuzera, de seu moto proprio, o nome que tambem adoptou M. Mouchez, nos seus trabalhos relativos á costa do Brazil, embora seja elle inteiramente desconhecido na propria localidade.

Antes de Ayres do Casal, o haviam dito Pero de Magalhães Gandavo, em 1576 (*Historia da Provincia de Santa Cruz*); Gabriel Soares de Souza, em 1587 (*Roteiro do Brasil*); e, finalmente, além talvez de outros de que não tenho noticia, Manuel Pimentel, em 1762 (*Arte de navegar e roteiro de viagens*).

Attendamos para a opinião de cada um d'estes escriptores.

Gandavo—«A quinta capitania, a que chamam Porto Seguro, conquistou Pero de Campos Tourinho. Tem duas povoações que estão distantes da dos Ilhéos trinta leguas em altura de 16 1/2, entre as quaes se mette um rio que faz um arrecife na bocca como enseada onde os navios entram. A principal povoação (o autor se refere a Porto Seguro) está situada em dous lugares; convém a saber, parte d'ella em um teso soberbo que fica sobre o rôlo do mar da banca do Norte, e parte em um varzea que fica pegada com o rio.

«A outra povoação, a que chamam Santo Amaro, está a uma legua d'este rio para o Sul. Duas leguas d'este mesmo arrecife para o Norte (attenda-se bem) está outro que é o porto onde entrou a frota, quando esta provincia se descobriu. E porque *então lhe foi posto este nome de Porto Seguro*, como atraz deixo declarado, ficou d'ahi a capitania com o mesmo nome; e por isso se diz Porto Seguro.»

Gabriel Soares—«N'este porto de Santa Cruz esteve Pedro Alvares Cabral, quando ia para a India, e descobriu esta terra, e aqui tomou posse d'ella, onde esteve a villa de Santa Cruz, a qual terra estava povoada então de Tupiniquins, que senhoreavam esta costa do rio Camamú até o de Cricaré, de cuja vida e feitos dizemos ao diante.

Esta villa de Santa Cruz se despovoou d'onde esteve, e a passaram para junto do rio Sernambityba, pela terra ser mais sadia e accommodada para os moradores viverem.»

Manuel Pimentel, na descripção que faz da costa, tambem menciona o porto de Santa Cruz, *onde ancoraram as primeiras naus que descobriram o Brasil*.

Nunca houve quem puzesse em duvida a asserção dos escriptores que acabo de mencionar.

E' ainda essa a tradição constante n'aquella parte do nosso littoral, como tive occasião de o verificar pessoalmente, quando na minha juventude visitei aquella região. A carta de Pero Vaz de Caminha,

posteriormente encontrada no archivo da Torre do Tombo, vem ainda mais reforçal-a, e por ella se guiou Ayres do Casal, acerca do assumpto.

O autor da *Chorographia Brasilica* a vulgarizou, inserindo-a na sua obra, e d'ella nos deu ultimamente uma copia mais exacta o visconde de Porto Seguro.

Além das autoridades que tenho citado, para provar que a enseada da Corôa-Vermelha, ou bahia Cabralia, é aquella a que Pedro Alvares Cabral deu o nome de Porto Seguro, ainda me resta mencionar um escriptor que, em relação ao objecto, devemos considerar acima de toda a suspeita.

Seu opusculo tem por titulo: *O descobrimento do Brasil, chronica do fim do XV seculo, segunda edição, revista, correcta e accrescentada pelo autor*. Rio de Janeiro, 1840.

N'este escripto toma o autor por base a carta de Pero Vaz de Caminha, e adopta integralmente o seu roteiro, não só quanto ás circumstancias da navegação, como quanto á descripção da «famosa enseada, que, com tanta justiça, diz elle, houve lembrança de ser denominada Cabralia»; o que prova que elle estava bem convencido de ser esse o porto em que surgia a armada portugueza; que n'elle se effectuou a primeira missa, e houve logar o auto de posse, como o declara no correr do seu opusculo. Para tirar qualquer duvida a tal respeito apresentarei o seguinte extracto do seu capitulo final:—«E o Brasil se descobriu. Onde são, porém, os padrões de tão glorioso e transcendente acontecimento, que influíu na sorte de tantos homens? A bahia Cabralia vai para quatro seculos que espera por este nome, e com mais razão espera um monumento que a ennobreça, e a terra circumvisinha altamente o reclama.

«O ilhéu ainda não teve a fortuna de servir de base a uma torre luminosa, que emquanto utilise aos navegantes, qual outro pharol de Alexandria, accuse ao viajante, em testemunho de gratidão, que ali foi plantada a primeira arvore do Christianismo, e se celebrou primeiro a religião de nossos pais.

«Poís já que faltam monumentos phisicos, procuremos nós ajudados pelos Souzas, Vasconcellos, e com o auxilio dos modernos, apregoar estes e outros factos do territorio em que os destinos da Providencia nos reservaram o berço.»

Mas quem é o autor dos trechos que acabo de citar?

Quem é o escriptor que no arrebatamento do seu patriotismo toma tanto a peito os interesses da bahia Cabralia, como aquella em que a esquadra descobridora encontrou esse porto seguro em que se abrigou?

Esse autor, esse escriptor é Francisco Antonio Varnhagem, visconde de Porto Seguro.

D'onde procede, porém, tamanha divergencia de opinião entre o seu escripto de 1840 e o de 1877?

Deveremos consideral-o, por ventura como o resultado de uma imaginação enferma?

Não ha quem mais sentisse do que eu a morte do visconde de Porto Seguro, e a ninguem cedo o meu quinhão de reconhecimento pelos serviços por elle prestados ás letras patrias, exhumando dos archivos e dando publicidade a documentos de incontestavel merecimento.

E tanto assim é que, logo que soube do seu fallecimento, resolvi-me a não mais refutar suas idéas, porque me doia n'alma a lembrança de entrar em luta com um homem que já não se achava em estado de se explicar, de justificar a sua opinião, de se defender peito a peito com seu adversario.

Todavia, acima d'estas considerações estão os interesses da nossa historia; e eu me consideraria seu cúmplice no erro, si, por mera condescendencia aos meus escrúpulos, deixasse passar sem protesto as assereções que admittidas sem o menor reparo, teriam em resultado a mais completa perturbação em todas as noções que temos relativamente a um facto que tem em seu abono as tradições de perto de quatro seculos e o testemunho sincero de nossos chronistas, sem exceptuar o do proprio historiador que é objecto da minha critica.

N'esse empenho de querer a todo transe que o actual Porto-Seguro em que ancorára Cabral, empenho que o interessa a ponto de se pôr em contra-dicção comsigo mesmo, é facil vêr que o visconde de Porto Seguro era impellido por um pensamento occulto, por uma causa estranha que influa na sua mente.

Digamol-o com franqueza: o titulo de visconde de Porto Seguro o havia deslumbrado.

Desde logo, com o fim bem patente de perpetuar na sua descendencia a memoria de tão assignalada distincção, acrescentou ao seu nome de familia o de «Porto Seguro», pelo qual são hoje conhecidos seus filhos. Longe de o censurar por este facto, antes o applaudo como uma prova do apreço que lhe mereceu um titulo que era justa recompensa de grandes serviços prestados ao paiz, já como litterato, já como diplomata.

Parece, porém, que o affligia intimamente a idéa de que o seu viscondado não fosse o genuino Porto Seguro de Cabral. Em verdade todos os testemunhos historicos, e á testa delles a carta de Pero Vaz de Caminha, provam que a armada de Cabral ancorára naquella parte da Bahia de Santa Cruz, a que hoje chamam enseada da Coróa-Vermelha.

Foi perto de quarenta annos depois, que Pero de Campos Tourinho, vindo tomar posse da sua capitania, estabeleceu-se em uma collina que demora á margem esquerda do rio Buranhem, a duas leguas ao sul do porto em que ancorára a armada de Cabral, e ahi fundou a villa de Porto Seguro, nome da terra que lhe havia sido doada por dom João III.

Si a tal respeito pudesse pairar a menor duvida no animo do visconde de Porto Seguro, cumpria-lhe proceder com toda seriedade ao exame da questão.

Dispondo de um navio a vapor que o governo puzera á sua disposição, nada lhe teria sido mais facil do que dirigir-se do Buranhem á bahia de Santa Cruz, para poder fazer um estudo comparativo das duas localidades.

Si assim houvesse procedido, teria tido occasião

de reconhecer, desde logo, que cabe perfeitamente a uma bahia, e não a um rio a pintura que nos faz Vaz de Caminha do porto em que surgiu a armada de Cabral com sua entrada larga e alta de 6 a 7 braças e ancoragem de 5 a 6 braças.

Teria verificado a existencia d'esse ilhéu «que na bahia está», onde foi celebrada a primeira missa, e no qual pretendia Francisco Adolpho de Varnhagem que se erigisse um monumento commemorativo d'esse grande acontecimento. Teria visto o pequeno rio que alli se despeja, e á pouca distancia do qual «a dois tiros de bôsta» foi plantada a Cruz com as armas e divisa d'el-rei.

E si tivesse então posto em parallelo á descripção pittoresca a hydrophica de Caminha com a de M. Mouchez, teria feito plena justiça á lealdade d'aquelle estimavel escriptor, quando afirmava a seu soberano que, «a ancoragem dentro é tão grande, tão formosa e tão segura que podem jazer dentro n'ella mais de 100 navios e náus»; e, certamente, Caminha não teria dito outro tanto do mesquinho ancoradouro do Buranhem, ainda quando as circumstancias hydrographicas d'este rio fossem taes que tivessem offerecido um abrigo á armada.

Pois bem; o que elle não fez, porque lhe era ocioso proceder a estudos, quando seu plano estava prévia e definitivamente traçado, fal-o-ei eu agora, em desempenho da tarefa a que me dediquei.

Attendamos para o que nos diz Mouchez ácerca da bahia de Santa-Cruz.

«Cette baie qui a sept miles de longueur sur deux ou trois de largeur, est protégée par une ligne de récifs parallèle á la plage, qui en fait, après Camamú, la meilleure rade de la côte entre Bahia et Rio. Elle est si peu fréquentée, qu'on peut dire qu'elle est restée jusqu'a ce jour á-peu-prés inconnue, même á la marine brésilienne; et aucune instruction n'en fait mention, si ce n'est pour dire, d'après Roussin, que la petite rivière qui y débouche est complètement obstruée par les récifs nord de Porto-Seguro.

Cependant «la grande étendue et la sûreté de cette

rade», seffisamment abritée par ces récifs contre les mauvais temps qui n'ont jamais que peu de force et de durée dans ces parages, la commodité de sa petite rivière (rio Sernambityba ou de Santa Cruz) où peuvent entrer sans aucune difficulté des navires de 3m. a 3m., 50 de tirant d'eau, semblaient la destiner à un avenir plus prospère sur une côte dénuée de tout autre abri.

«Elle jouit, du reste, d'une certaine célébrité historique, comme ayant été le point où débarqua, le 24 de Avril 1500, Pedro Alvares Cabral, qui, deux jours avant, venait de découvrir le Brésil, en arrivant en vue du mont Pascal et de la côte du rio do Frade.

Ce navigateur signalait déjà la sûreté de cette rade par cette exclamation:

«Somos (sic) em Porto Seguro», d'où vient le nom donné à cette côte.

«Il est vrai qu'une localité voisine dans le sud a plus tard usurpé ce nom»; mais le mouillage de Porto Seguro étant complètement ouvert du S. à l'E., il est d'autant moins probable que ce soit là le point qui Cabral ait ainsi désigné, qu'après la tempête qu'il venait d'éprouver, et qui ne pouvait être que de la partie sud, il aurait fort mal mouillé à Porto-Seguro, tandis qu'il était parfaitement abrité dans la baie de Cabral.»

Passando a tratar dos recifes exteriores, diz M. Mouchez: «Il existe cinq récifs différents, situés entre les deux points extrêmes de cette baie e un peu en dehors de la ligne qui les joint. Ils laissent entre eux cinq passes, dont quatre sont assez profondes pour donner accès à des navires de toute dimension.

La cinquième, celle du N., près de la pointe San-Antonio, n'est praticable que pour les caboteurs qui filent le long de la côte en dedans des récifs Araripe, dont nous avons parlé plus haut.»

A maior das entradas que menciona M. Mouchez, comprehendida entre as Alagadas e o baixio da Corôa Vermelha, tem de largura 2 1/3 milhas.

Entre este baixio e o Recife da Corôa-Vermelha existe a entrada meridional.

Foi, sem a menor duvida, por ella que entrou na bahia a armada de Cabral, e bem que menos larga que a outra cabia-lhe ainda assim a denominação de *entrada larga* que lhe dá Caminha, por ter mais de um kilometro de largura. O Recife da Corôa-Vermelha forma a extremidade meridional da bahia; e ao sul d'elle, mui perto de terra, demôra um ilhéu de arcia vermelha, sempre descoberto.

O mencionado Recife, na direcção de N. N. E., fórma com a costa da bahia que se dirige ao N. O. um pequeno porto perfeitamente abrigado dos ventos do sul, e onde ha 6 a 7 metros de fundo.

«C'est dans cette anse, succrescenta M. Mouchez, que dût mouiller Cabral, et c'est sur ce petit ilot de sable de la Corôa-Vermelha qu'il débarqua la première fois pour faire dire une messe d'action de grâces en présence d'une grande quantité d'indigènes accourus sur la côte voisine pour assister à cet spectacle.»

Nem tanto seria preciso para pôr em evidencia o erro que commetteu o visconde, contestando á bahia de Santa Cruz a honra de ter sido aquella a que Cabral impuzera o nome de Porto Seguro.

Entretanto, apezar de tudo, e ainda que não seja senão como simples motivo de curiosidade, passemos agora para o Buranhem, e vejamos o que a respeito deste rio nos diz M. Mouchez: «Rio Buranhem anciennement nommé *Rio Cachoeira*, á cause de ses nombreuses cataractes, tire son nouveau nom d'un arbe très commun sur ses rives. Il coule de la chaîne des Aymorês et n'est navigable qu'à quelques lieues de son embouchure. Quand il arrive á la côte, il trouve, comme le rio Santa Cruz, tout le rivage devant la vallée barré par une chaîne de rochers qui dévie son cours et l'oblige á remonter au nord, comme le fairait une digue ou un quasi.

Il débouche á l'E. E. S. E. de la Matriz, par un canal de 200 mètres de largeur et de 4 m. 30 á 4 m. 50 de profondeur á mer haute; á une mille, au dessus,

devant la ville, on trouve encore à mer haute 3 m, 50 à 4 mètres d'eau; à mer basse il ne reste à l'embouchure que 1 m. 70 à 1 m. 80.

Les plus grands navires de cabotage peuvent donc entrer dans cette rivière pour s'y mettre à l'abri.

Tal é o Buranhem, qual o descreve o sabio hydrographo, e qual o teria descripto Caminha, si d'elle houvesse tido conhecimento; rio tão estreito que o atravessavam a nado os cavallos dos viajantes, como o posso attestar por observação propria.

E' esse o rio ao qual, no conceito do visconde, deu Caminha, o nome de *Bahia*, com entrada larga, e alta de 6 a 7 braças, e capacidade necessaria para conter duzentos navios e náus; entretanto que nelle podem apenas se abrigar navios de cabotagem — sumacas e patachos.

Como poderiam ter surgido em similhante ancoradouro as náus da expedição? O visconde procurou sanar esta difficuldade com argumentos sem a menor consistencia. Ouçamol-o:

«Quanto ao fundo em que dentro ancoraram, diz elle, o não passar hoje de Porto Seguro de tres a quatro metros, não será argumento em contra, para os que saibam que com as roças, todos os nossos portos, começando pelo de S. Vicente e Pernambuco, estão hoje consideravelmente mais areados que antes.» A isto responderei que já no tempo de Gabriel Soares, ha cousa de trezentos annos, os navios que entravam livremente no Buranhem eram de 60 tonéis; e este autor declara que os navios maiores limitavam-se a receber mais carga, e iam acabar de carregar em Santa Cruz.

Já se vê que o defeito vem de longe, e não é possível admittir que entre o tempo da descoberta e aquelle em que escrevia Gabriel Soares, se tivessem deteriorado a foz e o ancoradouro do Buranhem a ponto de difficultar e impedir a entrada de navios de maior tonelagem.

Em falta de um ilhéu que representasse no Buranhem o da Corôa-Vermelha, recorre o visconde ao

recife que se acha á entrada da barra d'aquelle rio e lhe dá o nome hybrido de *recife ilhéu*.

Ora, um recife é cousa muito differente de um ilhéu. Recife, como bem o define o *Diccionario Maritimo Brasileiro*, é uma «cadeia de rochedos á flor d'agua, onde quebra o mar.»

Tratando d'aquelle accidente hydrographico ao qual hoje chamamos Coróa-Vermelha, diz Vaz de Caminha:

«N'este ilhéu, onde fomos ouvir missa e pregação, espraia muito a agua e descobre *muita areia e muito cascalho*.» E mais adiante:

«Foram alguns, em nós alli estando, buscar marisco e não o acharam; e acharam alguns camarões grossos e curtos entre os quaes vinha um muito grande camarão e muito grosso, que em nenhum tempo o vi tamanho; tambem acharam cascas de brigões (bribigões) e ameijoas, mas não toparam com nenhuma peça inteira.»

Na menção que faz dos materiaes de que se compunha o ilhéu, o minucioso escriptor falla da areia, do cascalho, das cascas de duas especies de molluscos, e nenhuma palavra nos diz a respeito de rochedos, que são a essencia dos recifes! E foi, como nos quiz fazer acreditar o visconde de Porto-Seguro, por cima d'esses rochedos, que constituem aquillo a que elle chamou *recife-ilhéu*, que se pôde armar o esparravel á sombra do qual foi celebrada a missa de que nos dá noticia Caminha!

Tão seguro de suas convicções se considera o visconde, que afinal exclama com ufania:

«Não ha mais logar para hesitações. Esse grande porto (!) muito bom e muito seguro, em que énteraram, e a que Caminha denomina tambem «bahia», é o chamado ainda hoje Porto-Seguro (!).

Basta. Seria innutil continuar na analyse d'essa famosa dissertação, que offereceu ao Instituto Historico o visconde de Porto-Seguro.

Felizmente annexou elle ao seu trabalho a carta de Pedro Vaz de Caminha, pondo em seguimento ao erro o mais poderoso correctivo que se poderia

desejar. Leiam todos o precioso documento, tão digno da nossa admiração pela escrupulosa minuciosidade com que seu illustre autor narrou os factos de que foi testemunha, e encontrarão nelle a mais completa refutação dos argumentos produzidos pelo visconde de Porto-Seguro, em sustentação de sua these.

Aqui terminaria, si não me parecesse idonea a oportunidade para rectificar alguns erros commettidos por diversos autores que têm escripto sobre a descoberta do Brazil.

E' o que passô a fazer.

«Primeira rectificação.— Sobre a data da descoberta do Brazil. João de Barros na sua 1.^a «Decada» e outros autores depois d'elle, pretendem que esse acontecimento tivera logar a 24 de Abril de 1500. Guiaram-se evidentemente pelo roteiro do piloto anonymo que faz parte da collecção de Ramusio. (Delle navigazioni e viaggi).

Alli se acha, com effeito, assignalada aquella data. Vaz Caminha nos diz, porém, na sua memoravel carta que houveram vista de terra na quarta-feira 22, de Abril. O roteiro do piloto dá a essa mesma quarta-feira a data de 24 de Abril.

Basta um ligeiro exame para reconhecer que ha erro do citado roteiro, devido certamente a defeito do copista, do traductor ou do impressor. Em tudo o mais ha perfeita concordancia entre as datas de Caminha e do piloto, desde a sahida do Tejo até que de Porto-Seguro seguiram para a India.

«Segunda rectificação.— Sobre o ponto da costa em que ancorou a armada, no dia 23 de Abril.» Caminha nos diz simplesmente que a ancoragem teve logar a meia legua de terra, em fundo de 9 braças, e «em direito á boca de um rio».

Que rio será esse? Ayres do Casal pretende, não sei com que fundamento, que se trata do rio do Frade. Não posso acceitar similhanta opinião, por diversos motivos:

1.^o porque, segundo Caminha, no dia seguinte, 24 de Abril, pelas 8 horas, pouco mais ou menos, da manhã, levantou ancoras a armada, seguiu para o

norte, e sendo pela costa obra de 10 leguas, chegaram, pouco antes do pôr do sol, á entrada da bahia, na qual já se tinham abrigado os navios pequenos. Ora, do rio Frade á enseada da Corôa-Vermelha ha apenas a distancia de 20 milhas, isto é, 5 leguas de 15 ao gráo, que era a legua usual n'aquelle tempo, e portanto, metade da distancia mencionada por Caminha; e para vencel-a, não era preciso um lapso de tempo tão consideravel como o que gastaram nessa singradura, tanto mais que reinava o S. E., e lhes era portanto favoravel o vento;

2.º porque, referindo-se a esse rio, o piloto anonymo o qualifica de rio pequeno («fiume piccolo»), qualificação que se pode applicar a um riacho, mas não ao rio do Frade, o qual si tem em verdade uma barra má, é, todavia, bastante largo e navegavel no seu interior, como o sei por experiencia propria, e o confirma M. Mouchez;

3.º porque todas as barreiras da parte da costa comprehendida entre o rio do Frade e a enseada da Corôa-Vermelha, são de côr vermelha.

Ao sul do rio do Frade, as primeiras barreiras brancas que se encontram são as de Juassema, ás quaes se seguem as barreiras vermelhas de Juriquara e mais ao sul as brancas do Cahy. Ora, Caminha, na descripção que faz da costa, diz o seguinte: «traz ao longo do mar, em algumas partes, grandes barreiras dellas vermelhas e dellas brancas.» Está claro que elle não teria feito menção de observações, se limitado ás que ficam ao norte do rio do Frade. Foi, portanto, muito ao sul deste rio que teve logar a ancoragem do dia 23.

4.º porque o monte Paschoal, visto do N. N. e de L., como o observou M. Mouchez, se apresenta como um unico massiço isolado, e só visto do S. E. se reconhece que é acompanhado de outros montes menos elevados. Si Caminha o tivesse visto do parallelo do rio do Frade que lhe fica ao N. E., ou tambem do Corumbá a lêste não teria visto a respeito delle «um monte muí alto e redondo e de outras serras mais baixas ao sul delle.»

Para fazer esta descripção do monte Paschoal cumpria tel-o observado do S. E., isto é, de um ponto muito ao sul do rio do Frade. Parece-me provavel que o Cahy é aquelle rio de que falla Caminha, tanto mais que dista 40 milhas da enseada da Coróa-Vermelha, e, portanto, 10 leguas de 15 ao gráo, e lhe cabe bem o qualificativo de «fiume piccolo» que lhe dá o piloto anonymo.

E si não é o Cahy o rio a que se refere o citado piloto, não sei que outro possa ser; mas em todo o caso nunca poderemos, pelas razões allegadas, tomar como tal o rio do Frade.

«Terceira rectificação.—Sobre a singradura do dia 24 de Abril». A este respeito nos diz Caminha:

«Fômos de longo, e mandou o capitão aos navios pequenos que fossem mais chegados á terra, e que se achassem pouso seguro «para as náos», amainassem; e sendo nós pela costa obra de 10 leguas donde nos levantamos, acharam os ditos navios pequenos um recife com um porto dentro muito bem e muito seguro, com uma «mui larga entrada», e metteram-se dentro e amainaram, e as náos arribaram sobre elle, e um pouco antes do sol posto amainaram obra de uma legua do recife e ancoraram-se em 11 braças.

«E sendo Affonso Lopes, nosso piloto, em um d'aquelles navios pequenos, por mandado do capitão, ser homem vivo e dextro para isso, metteu-se logo no esquife a sondar o porto dentro, e tomou em uma almadia dois daquelles homens de terra, etc.»

Está claro que esse porto, de que falla Caminha, é aquelle em que já estavam ancorados os navios pequenos a espera das náos, as quaes effectuaram, com effeito, a sua entrada no dia seguinte.

E senão, vejamos ainda o que em continuação do seu roteiro, refere Caminha:

«Sabbado pela manhã, mandou o capitão fazer véla, e fomos «demandar a entrada», a qual era mui larga e alta de 6 a 7 braças.» E' evidente que a singradura daquelle dia foi directa.

Nem Caminha, nem o piloto anonymo alludem a

qualquer porto intermediario em que tivesse entrado parte da armada.

Assim o entendeu Ayres do Casal, e nem ha outro modo de o entender. Entretanto, M. Mouchez, tratando deste assumpto, paraphrasêa do seguinte modo a narraçào de Caminha: «Après avoir parcouru une dizaine de lieues, les caravelles rencontrent une *embouchure* de rivière formée par un récif, en dedans duquel ils trouvent un excellent petit port parfaitement abrité, elles y entrent. Mais les grands navires sont obligés de rester mouillés en dehors, á 1 lieue ou large, par 11 brasses de fond.

Des relations pacifiques s'établissent immédiatement avec les indigènes qui sont la tribu des Tupiniquins.

Mais Cabral trouvant sans doute ce mouillage trop peu abrité, bien qu'il ait donné au port le nom de *Porto-Seguro*, appareille de nouveau.

Le lendemain, 25, il va mouiller dans l'excellent rade, qui a conservé depuis le nom de *Bahia Cabralia*.

E' da maior inexactidão tudo isso que diz M. Mouchez; e não ha uma só palavra na carta de Caminha, nem tão pouco no roteiro do piloto anonymo, que autorize nem sequer a suspeita de que antes da chegada á bahia de Santa Cruz tivessem os navios pequenos entrado em outro qualquer porto, e muito menos no rio Buranhem, ao qual certamente allude M. Mouchez.

Os navios pequenos tinham ordem de procurar um *pouso seguro para as náus*, e ainda quando, seduzidos pelo aspecto da costa, tivessem tentado entrar nesse rio, desde que, reconhecido pela sondagem que elle não dava entrada ás náus, era do seu dever regressar sem perda de tempo, do contrario expunham-se a um naufragio sem possibilidade de salvação.

E, demais, havia uma razão poderosissima para que os navios pequenos não navegassem em direcção ao valle do Buranhem. Ao norte da barra desse rio ha, como bem o sabe M. Mouchez, uma serie de re-

cifes, que se estendem a tres milhas para o mar; teria sido mais que imprudencia, teria sido uma verdadeira necessidade da parte dos capitães e pilotos, em meio de um temporal de S. E., irem-se collocar a barlavento desses rochedos.

Assim, pois, desde que os navios pequenos que iam na vanguarda, sentiram, pelo embate do mar, a presença daquelles recifes, outra cousa não tinham a fazer senão afastarem-se deiles e continuarem a sua navegação para o norte, como com effeito o fizeram, até chegarem á altura dessa bahia a que deram o nome de Porto Seguro.

O visconde de Porto-Seguro tirou todo o proveito possível do erro em que cahiu M. Mouchez, e affirma que entraram no Buranhem, não só os navios pequenos, como tambem as proprias náus.

Já demonstrei a impossibilidade de semelhante facto. Segundo M. Mouchez, deu Cabral a dois ancoradouros differentes o nome de Porto-Seguro sendo o primeiro o de Buranhem, e o segundo o da enseada da Corôa-Vermelha; e quanto a este attribue aquelle navegante esta phrase incorrecta: «*Somos em Porto Seguro*»; e, finalmente, diz ainda que a enseada da Corôa-Vermelha conserva, desde então, o nome de *Bahia Cabralia*, o que é inexacto, porque, como já o disse, foi Ayres do Cazal quem lhe deu essa denominação, a qual é portanto de data mui recente, e tanto assim que ainda não se tornou vulgar.

Por sua parte, o visconde de Porto-Seguro designa tres ancoragens diversas para a armada descobridora: a primeira, como já o fiz ver, é a enseada da Corôa-Vermelha ou *Bahia Cabralia*, que fórma a parte mais meridional da bahia de Santa-Cruz, e nisso está de accordo com a descripção de Caminha; a segunda, como se vê de uma nota á pag. 72 da 2.^a edição da sua *Historia Geral do Brazil*, foi esse porto entre a Ponta-Gorda e a foz do Buranhem, abrigado da banda do mar, por varias restingas, na mais secca das quaes se teria effectuado o acto da posse.

Cumpre advertir que entre a bahia Cabralia e o Buranhem não ha nem porto, nem restinga de qua-

lidade alguma, e são portanto inteiramente arbitrarios os accidentes por elle apontados. A terceira ancoragem, completamente impossivel, foi a do rio Baranhem. Parece incrível que em face de um documento tão authenticico, como o é a carta de Pedro Vaz de Caminha, ainda se commettam erros desta laia. Entretanto, devo dizel-o, M. Mouchez é por este lado mi desculpavel.

Aquelle documento, com a sua phraseologia antiga e ainda mais com a sua orthographia sedicã, toma-se um tanto abstrusa para as pessoas não versadas na lingua portugueza; e foi por isso que M. Mouchez nem sempre o entendeu. Seria para desejar que o sabio hydrographo fizesse desapparecer estes senões em alguma nova edição de sua admiravel obra *Les côtes du Brésil*.

«Quarta rectificação — *Sobre o motivo que determinou a descoberta casual do Brazil*».

Attribuem esse acontecimento a diversas causas:

1º, instrucções secretas de D. Manoel, em virtude das quaes devia Cabral, no seu trajecto para India, explorar os mares occidentaes em procura de terras desconhecidas; 2º, a necessidade que sentia Cabral de evitar as calmarias da costa de Guiné; 3º, correntes maritimas e erros de navegação. Seja como fór, o que é hoje bem sabido é que não foi a isso obrigado por um temporal. Nem Caminha, nem o piloto anonymo fallam de semelhante phenomeno. Desde a partida do Tejo, até o dia 23 de Abril de 1500, em que ancoraram na costa da terra de Santa-Cruz, teve a armada uma viagem serena. Na noite desse dia declarou-se um temporal do S. E., que obrigou a armada a procurar um abrigo ao norte. Esse temporal occasionou a descoberta de Porto-Seguro (enseada da Corôa-Vermelha), mas não a do Brazil, que já tinha sido descoberto a 22 daquelle mez. A asserção em contrario da parte de alguns historiadores é o resultado de uma sensível confusão.

«Quinta e ultima rectificação. Sobre o logar em que Cabral mandou plantar a Cruz.» — O Visconde de Porto-Seguro nos diz, tanto na primeira como na segunda

edição da sua «Historia Geral do Brazil», que foi em um morro visinho que se levantou a Cruz com a divisa do venturoso rei D. Manuel. M. Mouchez, por seu turno, affirma que a Cruz foi plantada no lugar o mais elevado da costa, onde está hoje a egreja de Santa Cruz. Tudo isso é inexactissimo.

Sabemos por Caminha que a Cruz se ergueu na praia, ao sul e á pequena distancia (a dois tiros de béstia) do pequeno rio que alli desembocca. O piloto anonymo assim se exprime a respeito deste estabelecimento: «il capitano andó in terra e mandó a fare una croçe molto grande de legno e la mandó e piantare nella spiaghia.» Estão, portanto, no mais perfeito accordo as duas testemunhas do facto. Ora, do ponto em que ancorára Cabral ao morro onde se acha a egreja matriz da Villa de Santa-Cruz, ha uma distancia de tres milhas, e si M. Mouchez tivesse entendido a carta de Caminha, teria reconhecido que os portuguezes não fizeram tão longa romaria para effectuar o acto de posse, assignalado pela Cruz, com as armas e divisa do rei de Portugal. Na sua *Dissertação* nos diz agora o visconde, em re'actação da sua primeira opinião: Quanto ao local, em que no dia 1º de Maio e com assistencia já dos indigenas, se disse a segunda missa, junto á Cruz de madeira inaugurada «com as armas e divisa de S. A., que lhe primeiro pegaram», contentemo-nos agora com a certeza de que não foi (como até agora nos havia feito crer *certa tradição*) o alto desse morro, onde depois Pero do Campo fundou a primeira villa, e onde ainda hoje está a matriz e a casa da camara da actual villa, mas sim pelo rio acima «contra o sul» na distancia do rio, obra de dois tiros de béstia.»

Ao criterio dos moradores da ribeira ou bairro inferior da villa de Porto-Seguro, deixamos a tarefa de dissertar acerca de qual haverá sido ao justo essa paragem, tendo presentes as palavras do mencionado Pero Vaz de Caminha, cuja carta escripta ao rei, *deste Porto-Seguro*, constitue por si só neste ponto, como em tudo o mais, a chronica mais minuciosa e authentica que possuimos deste descobrimento, ao passo

que é ao mesmo tempo, o documento mais venerando da história patria.» Faço o mesmo conceito do merito de Caminha; e emquanto existir esse documento precioso será debalde qualquer tentativa que se puzer em jogo para estropiar a historia do descobrimento da nossa querida patria.

CONCLUSÃO

Não só pelo lado historico, como tambem considerada em suas relações economicas, é digna de estudos sérios a antiga capitania de Porto-Seguro. Nada, porém, temos feito neste sentido. Si possuímos uma carta hydrographica daquella parte da nossa costa, devemol-a ás explorações de um sabio francez, M. Mouchez; mas seu inestimavel trabalho ainda deixa muito a desejar, em tudo aquillo que interessa á topographia do littoral, tanto mais que as denominações locaes estão em geral completamente estropiadas, o que augmenta as difficuldades de quem procura estudar aquella região.

Entretanto, é ella dotada de uma esplendida bahia, além de outros ancoradouros que servem á navegação e ao commercio. Seus mares são piscosos, e como taes aproveitados pelos incolas, os quaes fazem, com effeito, da pesca uma das suas principaes industrias; são ferteis suas mattas de madeiras de construcção; salubre o seu clima.

Si fossem geralmente reconhecidos esses recursos naturaes, de ha muito teriam elles attrahido a attenção do governo em prol da colonisação. Infelizmente tem sido a indifferença a partilha daquelle paiz que, o primeiro na America, saudou o estandarte da nação portugueza, e foi a origem do imperio brasileiro.

Tive, ha alguns annos, a idéa de visitar, mais uma vez, aquellas paragens, com o fim de proceder a alguns estudos que tivessem por objecto rectificar a carta de sua costa, determinar a altitude e a posição do monte Paschoal, assignalar o logar em que foi plantada a Cruz, como padrão glorioso da memoravel

descoberta; e, finalmente, indicar as localidades que, por sua situação e recursos, melhor se prestassem a um plano de colonisação.

Era mais um serviço feito á *Carta Archivo* de que estou encarregado.

Fui applaudido por todos aquelles a quem communiquei o meu pensamento, e reconheci com satisfação que não me faltariam collegas dedicados á realisação d'elle; e bem que não seria grande a despezza para pôr em effeito semelhante commettimento, nem assim deixou elle de ser um mero desejo, como outros tantos que me preoccupam, quando se trata de ser util ao nosso paiz.

O Sr. Comm. Oliveira Catramby, em sua conferencia feita na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, na sessão de 1 de Agosto de 1895, deu a *ultima de mão* sobre o assumpto, confirmando os argumentos do general Rohan, de modo a inutilisar completamente a «Memorias» do Visconde de Porto Seguro.

Em relação ao ponto em que Cabral desembarcou, si no *lagamar* de Porto-Seguro, ou na enseada de Santa Cruz, diz o illustrado Sr. Catramby: (*)

«Saber o lugar verdadeiro da chegada de Cabral ao Brazil é um assumpto que, quem conhecer navegação e consultar os trabalhos do nosso littoral como os mais exactos até hoje conhecidos do almirante francez Mouchez, e comparar estes trabalhos com a Carta que Pero Vaz Caminha escreveu ao Rei de Portugal da «Ilha de Vera Cruz» em 1.^o de Maio de 1500, encontrará a verdade do ponto em que Cabral denominou *Porto-Seguro* ou *Porto do bom abrigo*; hoje Porto de Santa Cruz em que o grande geographo francez apresenta em seus trabalhos o ancoradouro exterior, a grande enseada, denomi-

(*) Rev. da Sociedade de Geog. do Rio de Janeiro, vol. XI, 1895.

nando-a de—Bahia Cabralia da entrada do rio para o Sul, e para o Norte— de Bahia de Santa Cruz.

A carta de Caminha não falla em latitudes nem em longitudes do lugar, e quando as tivesse ellas seriam inuteis á vista das observações daquelle tempo.

A derrota de Cabral não existe, e o terremoto de Lisboa em 1755 foi a causa do desaparecimento de tão precioso documento: a verdade é si nada mais existisse do que a Carta de Caminha escripta de Santa Cruz, ella só nos levaria com toda exactidão ao ponto desejado.

E para que fique resolvido de uma vez o verdadeiro ponto em que Cabral desembarcou em terras do Brazil, em que alguns escriptores tanto divergem, pelo motivo da não existencia da derrota do mesmo Cabral, desaparecida dos Archivos em 1755 no reinado de D. João I motivado pelo grande terremoto dessa época, tenho presente um documento de 1709, quarenta e seis annos antes dessa grande catastrophe, em que prova o seu autor ser o Porto de Santa Cruz o primeiro desembarque de Cabral, e não o Porto Seguro, como alguns affirmam.

A autoridade deste livro é a maior de todas as excepções, por ser escripto pelo Cosmographo Mór do Reino e Senhorios de Portugal, Manuel Pimentel.

Esta autoridade, como Cosmographo Mór do Reino, tinha á sua disposição os documentos necessarios e pelos quaes publicou o grande livro a «Arte de Navegar», livro de grande formato e escripto com exactidão como o affirmam as licenças nelle escriptas, não só do Santo Officio, como do Rei.

Diz o livro a paginas 302:

«Derrota para Porto Seguro.

Indo de Setembro até Março para Porto Seguro em tempo, que reinam os Nordeste, ireis buscar terra por 15 grãos e meio até dois terços.

Nestas paragens, que é entre os Ilhéos e Porto-Seguro, está um rio, que chamam *Rio Grande*, o qual tem tres barras capazes para *sumacas*, e delle começam os baixos de Santo Antonio, muitos dos quaes são sobreagudos.

Ireis correndo estes baixos pela banda do mar ao sul; e como fordes no cabo dos recifes, que são sete, e se podem contar, se faz uma aberta, por onde se entra para o Porto de Santa Cruz, onde ancorarão as primeiras náos, que descobrirão o Brazil.

Entra-se a Oeste com a sonda na mão por 10 braças; e indo tanto avante, que vos fiquem os recifes ao mar, ficareis em rio morto em um reconcavo grande, que tem pela banda do sul uma ponta de arêa, fazendo um formoso porto com 9 e 10 braças de fundo.»

Eis aqui a descripção perfeita, igual em tudo com os trabalhos hydrographicos ultimamente feitos pelo almirante Mouchez no nosso littoral, com excepção das sondas, em que a quasi quatro seculos deverão ter diminuido».

Continuando com a descripção da derrota diz:

«Tres legoas deste porto ao sul fica a barra de Porto-Seguro, onde hoje está a povoação.

Para entrar neste porto, ireis correndo os baixos pela banda do mar ao sul; e como estiverdes no fim delles, estareis Léste Oeste com a villa, indo-vos chegando a terra com resguardo, e surgireis de 12 até 8 braças.

Adverti, que tanto a vante como o Rio Grande, em que acima se falla, está uma baixa, pelo que, quem fór a Porto-Seguro para os Ilhéos, vá affastando de terra 4 a 5 legoas.»

Na mesma Arte de navegar ensina que nos mezes de Setembro até Março deve-se demandar a costa por 15 grãos e meio e tres quartos, porém nos mezes de Março e Setembro, demandar-se-á por 17 grãos não passando por maior altura por motivo dos baixos dos abrolhos, a ver sempre o Monte denominado Paschoal, sendo esta a monção de Cabral em que o acaso o levou a avistar a terra, o mesmo Monte Paschoal, por serem as brisas dos quadrantes do Sul como justamente aconteceu com a navegação que este fizera para ancorar no porto de Santa Cruz, tendo navegado para o Norte, logo que deu com o baixo de Itacolomy o que não o faria si o vento fosse do Nordeste.

Pimentel, como Cosmographo Mór do Reino, escreveu este livro, que foi apresentado á commissão de Santo Officio em 1709, isto é, quarenta e seis annos antes do terremoto de Lisboa, deveria por necessario consultar a derrota de Cabral nessa época existente para escrever um livro de Navegação, e a derrota de Porto Seguro.

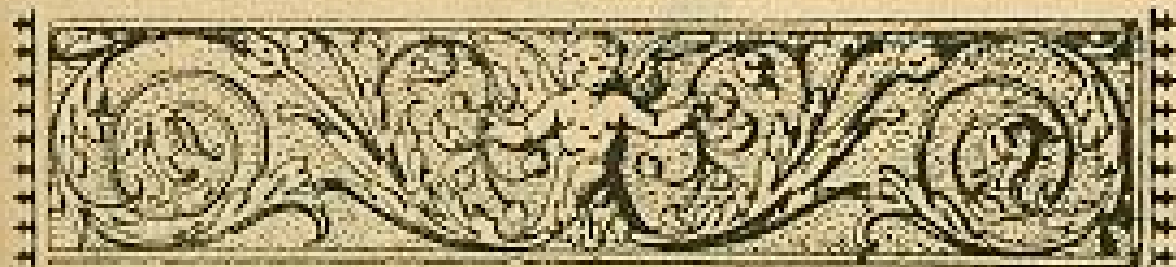
Eis aqui o documento tambem importantissimo, de um dos mais distinctos geographos o almirante Mouchez, que tanto trabalhou para nos dar os melhores trabalhos do nosso littoral em uma grande collecção de mappas, e como este documento tem toda a analogia com a descripção da carta de Caminha.

Diz Mouchez em seu livro sobre a costa do Brazil a paginas 88 e 89 o seguinte:

«A Bahia de Santa Cruz, que tem 7 milhas de comprimento por 2 a 3 de largura, é protegida por uma linha de recifes paralelos á costa que faz depois de Camamú o melhor porto da costa entre a Bahia e Rio de Janeiro, é tão pouco frequentada que pode-se dizer que é até hoje muito pouco conhecida, mesmo da marinha brazileira e nem uma instrucção delle faz menção, talvez porque, segundo Roussin, o riacho que ahí desembocca está completamente obstruido pelos recifes do norte de Porto-Seguro.

Entretanto a grande extensão e segurança deste porto, sufficientemente abrigado por estes recifes contra o mau tempo que não é muito forte e duravel nessas paragens, a commodidade de seu ancoradouro aonde podem entrar navios de tres, a tres e cincoen a, metros de calado, parece destinado a um futuro mais prospero, sobre uma costa desprovida de qualquer outro abrigo.»

Eis, Senhores, o Porto a que Cabral chamou *Porto de bom abrigo* ou *Seguro para ancorar a sua frota* e que o actual Porto-Seguro não apresenta condição alguma pela qual se possa suppôr, que foi este em que ancorara Cabral, muito principalmente a descripção que delle faz Caminha, confrontada com a carta do almirante francez Mouchez.



Actas das Sessões e Offertas

64.ª SESSÃO, EM 16 DE ABRIL DE 1899

Presidencia do Excm. Sr. Cons. Dr. Salvador Pires

Aos 16 dias do mez de Abril de 1899, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios Cons. Drs. Salvador Pires, presidente, e João Nepomuceno Torres, 1.º secretario, Dr. Satyro Dias e Cons. Dr. Pedro Mariani, vice-presidentes, Dr. Braz do Amaral, orador, Dez. Thomaz Montenegro, Drs. Silva Lima, Alfredo Cabussú e Innocencio Góes, Conego Manfredo de Lima, Capitão Ferreira Braga, thesoureiro, Henrique Pragner, Comm. Salvador Pires, professor Austrieliano Coelho, Horacio Urpia, Nicolau Tolentino, Eduardo Carigé, Alfredo Soledade e Isaias Santos, 2.º secretario, foi aberta a sessão, sendo lida e approvada sem debate a acta da sessão anterior.

O expediente constou do seguinte:

Officios: Do presidente e secretario da Associação Commercial enviando a relação da Directoria eleita e empossada a 16 de Janeiro do corrente anno; do secretario do interior do Estado do Amazonas enviando um exemplar do relatorio da Secretaria e repartições annexas, apresentado ao Governador em Janeiro do corrente anno; do Director da Bibliotheca

do Estado do Pará enviando o seu relatório; do Director da repartição de estatística e do archivo do Estado de S. Paulo enviando um exemplar do relatório correspondente ao anno de 1897, contendo dados sobre as condições demographicas, economicas, intellectuaes e moraes da população paulista no referido anno; e do 1.º secretario da Sociedade Nacional de Agricultura communicando que, logo que seja decidida em ultima instancia a acção judicial que a Sociedade Nacional de Agricultura move ao Sr. Ennes de Souza, que continúa a reter bens a ella pertencentes, remetterá os numeros pedidos, de 1 a 6, d'*A Lavoura*, os quaes estão retidos indevidamente na Casa da Moeda.

Cartas: Do Dr. Bibliothecario da Faculdade de Direito do Recife pedindo o n. 10 da *Revista* que falta á collecção; do Director do Museu de La Plata accusando o recebimento do n. 18 da *Revista*; do cidadão José Ribeiro do Amaral enviando 2 exemplares de cada uma de suas obras «*O Estado do Maranhão em 1896 e Apontamentos para a historia da Lalaia da na provincia do Maranhão*», as quaes foram enviadas á commissão respectiva para dar parecer; do socio Dr. Miguel de Teive e Argollo, director da Estrada de Ferro do S. Francisco, offerecendo um mappa da antiga parochia de Alagoinhas e adjacentes, encontrado no archivo da mesma freguezia e que, segundo consta, fôra organizado pelo seu primeiro vigario, padre Pontes, o qual escreveu um livro com a chronica semanal da localidade, livro que se deve encontrar hoje, segundo informações obtidas, em mãos de quem estiver o archivo do cônego Antonio Martins da Silva Telles, ha pouco tempo fallecido; e do socio capitão Cezar de Cerqueira, residente na Feira de Sant'Anna, enviando para o Instituto um pilão de pedra de 0,.^m65 de altura e 1,.^m27 de circumferencia, acompanhando-o uma descripção sob o titulo—«Grande Artefacto Lithico», que deixa de ser lida, porque, como observou o Sr. Cons. 1.º Secretario, já se acha impressa na *Revista* a distribuir-se.

Em seguida, foi lido o parecer da commissão de

admissão de socios, e sendo submettido á votação por escripto secreto foram acceitos e proclamados como socios correspondentes e honorario os seguintes cidadãos: Socio honorario o Cons. Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, residente em Lisboa; socios correspondentes os Drs. Antonio de Paula Freitas, do Rio de Janeiro, João Pereira Monteiro, de S. Paulo, Pedro Leite Chermont, de Belém (Pará), Dr. Joaquim Aureliano Sepulveda, residente em Sabará, Minas-Geraes, e o cidadão Alfredo F. Rodrigues, do Estado do Rio-Grande do Sul.

O Dr. Silva Lima, presidente da commissão do centenario do Brazil, com a palavra, diz que, em satisfação ao programma do Instituto, a Commissão já havia escripto para Lisboa sobre a edição especial autographica e typographica da carta de Pedro Vaz de Caminha e que espera trazer ao Instituto uma solução favoravel; que em relação á cruz de pedra, havia se entendido com o nosso consocio Dr. Argolo, director-da Estrada de Ferro de S. Francisco, para mandar preparal-a, e que para organização da Polyanthêa e da Memoria Historica sobre o povo indigena da Bahia, havia a Commissão convidado os consocios Dr. Innocencio Munoz e professor Borges dos Reis.

O Instituto deliberou approvar as medidas já tomadas pela Commissão, resolvendo autorisal-a a agir, livremente e com poderes plenos, sobre o assumpto, de modo que possa entender-se directamente com o Governo do Estado sobre o n. 8 do programma, no que respeita ao reconhecimento local e descriptivo dos pontos do littoral, relacionados com o descobrimento do Brazil.

Pelo Sr. Cons. Dr. Presidente foi dito que a Mesa havia deliberado não solemnisar este anno o anniversario do Instituto, como de costume, por se achar o predio, onde o mesmo vae funcionar, em obras dispendiosas e ter sido iniciado o trabalho de catalogação dos livros, resolvendo que nesse dia fosse celebrada uma sessão ordinaria.

O Instituto approvou essas deliberações.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, e de tudo, para constar, eu, 2º Secretario, lavrei a presente acta e assigno.—Isaias de Carvalho Santos.

Approvada em sessão de 3 de Maio de 1899.—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.*—*João Nepomuceno Torres.*—*Isaias de Carvalho Santos.*

OFFERTAS

Mez de Abril

—Pelo Sr. *José da Nova Monteiro*: Uma collecção encadernada da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, de 1839 a 1872 (35 vols.);—De Martens, collecção de *Tratados*, 12 vols., *Historia Geral da Diplomacia Franceza*, 7 vols.; *Tratados de Paz y Commercio* por Alejandro del Cantillo, Madrid, 1843, 1 vol.; *O Valle do Amazonas* por Tavares Bastos; *Historia do Progresso do Direito das Gentes na Europa e na America* por H. Wheaton, 1846, 2 vols.; *Droit des Gents* por Martens, 1831, 2 vols.; Meisel, *Curso de estylo diplomatico*, 1823, 2 vols.; *Memoria offerecida ao congresso de Venezuela*, 1860, sobre o tratado de limites e navegação fluvial entre o Brazil e a Venezuela, 1 vol.; *Direito das Gentes Moderno da Europa* por Kluber, 1 vol. 1831; *Exploração official desde o norte da America do Sul até o Rio de Janeiro de 1855 a 1859* por Michelena y Rójas, 1 vol. (1867); *Recopilação das leis dos Reinos das Indias*, mandadas imprimir por D. Carlos II, Madrid, 1841, 1 vol.; 3 grossos vols., contendo artigos da imprensa do Rio da Prata sobre a Guerra do Paraguay, de 1865 a 1868.

—Miscelanea, contendo uma *Memoria sobre as Questões de limites entre o Imperio do Brazil e a Republica de Nova Granada* pelo Cons. Duarte da Ponte Ribeiro, 1870; a *Collecção diplomatica dos tratados celebrados pelo Perú com as nações estrangeiras desde a sua independencia até 1858*; Expo-

sição sobre as questões pendentes entre o Perú e o Equador, Lima, 1869.

—Miscelanea, contendo a Collecção dos tratados celebrados pela Republica da Bolivia com os Estados estrangeiros por José Gutierrez, Santiago, 1869.

—Miscelanea, contendo os Relatorios dos Secretarios do Interior e Justiça de Venezuela, em 1844, da Faz. em 1857, das Relações exteriores em 1857; Const. Política de Nova Granada e Leis de 1858, e o Tratado de Paz entre o Governo Provisorio da Confederação Argentina e o Governo de Buenos-Ayres em 1853.

—Miscelanea, contendo os opusculos:

Ephemerides sangrentas da dictadura de Juan Manuel Rosas; Documentos relativos á declaração de guerra do Governo Argentino ao do Paraguay; Tentativas para a pacificação da Republica Oriental do Uruguay por A. Lamas, 1865; Alliança do Brazil e das Republicas do Prata contra o Governo do Paraguay por J. Long, Paris, 1866; Memorias secretas da Princeza do Brazil D. Carlota Joaquina escriptas por seu secretario D. José Presas, Montevidéo, 1858; As Provincias ante a Córte por Marcellino Ugarte, Buenos-Ayres, 1866.

—Miscelanea, contendo um opusculo sobre o Guano por F. R., Paris, 1860; Relatorio do Governo do Perú sobre uma expedição ao interior da Republica, Lima, 1868; Regulamento do serviço consular do Perú, 1864; O magnetismo terrestre no Perú, por Soldan, 1869.

—Miscelanea, contendo: Exposição relativa ao canal interoceanico de Panamá ao congresso dos Estados Unidos da Columbia em 1869; Revoluções de Roma, (Memorias do celebre diplomata D. José Nicoláo de Azara), Madrid, 1847; O bombardeamento de Valparaizo e Combate de Callao—documentos officiaes, Paris, 1866; As Antilhas Espanholas ante as nações civilisadas, Caracas, 1869.

—Miscelanea, contendo a Missão especial do Cons. J. A. Saraiva ao Rio da Prata em 1864; Correspondencia trocada entre o governo imperial e o da Republica Argentina relativa aos tratados cele-

brados entre o Brazil e o Paraguay, Rio, 1872; Um caminho de ferro através dos Andes, Paris, 1874; Questão sobre Asylo apresentada ao Congresso do Perú, 1867; Questão de limites entre o Chile e a Republica Argentina, Valparaizo, 1874; Limites da Bolivia e Chile.

—Miscelanea, contendo a correspondencia diplomatica relativa a varias reclamações apresentadas ao Congresso do Perú em 1870; Sobre assumptos com a Bolivia em 1870; Expedição ao interior do Perú pelo engenheiro Juan Nystrom em 1868; Questões Politicas que ha tido a Republica Boliviana (1826 a 1868) por J. Gutierrez, Santiago, 1869.

—Miscelanea, contendo a Questão de Limites entre a Bolivia e o Brazil por José Gutierrez em 1868; Tratado de amizade, limites, navegação e extradicação entre o Brazil e a Bolivia em 1867; Questão de limites entre o Chile e a Bolivia por Amunategui, 1863; Refutação ao opusculo—Questão de limites entre o Equador e o Perú por Modesto Basadré, Lima, 1860; Colombia, Brazil e Perú, Questão de Limites, por Pedro Moncayo, Valparaizo, 1862.

—Miscelanea, contendo varios opusculos contra a Companhia de Consignação do Guano na Inglaterra pela Commissão dos delegados fiscaes do Perú, 1872, e sobre o contracto com a casa Dreyfus & C. em 1869.

—Miscelanea, contendo «Navegação do Amazonas», resposta á Memoria de Maury por M. De Angelis, Caracas, 1857; Collecção de Documentos relativos á navegação fluvial do Rio da Prata, Amazonas e seus confluentes por um sul-americano; e de varios Documentos extrahidos do ministerio das relações exteriores do Brazil com o fim de definir a sua politica para com os Estados visinhos e amigos,—Caracas, 1857.

—Miscelanea, contendo—«Navegação do Uruguay» por Pereira Pinto, Rio, 1863; O Paraguay por Charles Quentin, Paris, 1865; Carta de Watson Webb, ministro plenipotenciario dos E. U. sobre o Brazil, dirigida a Bramley-Moore, em 1863; Mensagem do Governo de Buenos-Ayres ao Congresso em 1844;

Documentos históricos sobre a conspiração de Quinteros (Uruguay) em 1858.

—Miscelanea, contendo as Memorias de Don Felix de Azara sobre a historia do Paraguay e do Rio da Prata, Madrid, 1847; La Crisis de 1865, ou os effeitos da Guerra dos Alliados, Paris, 1866; Papeis do Tirano del Paraguay tomados pelos alliados em 27 de Dezembro de 1868, Buenos-Ayres, 1869; Estudo sobre a idéa de uma liga americana por J. A.—Lima, 1864; Questões do Rio da Prata, pelo Dr. José Avelino do Amaral, Rio, 1869; As 4 derradeiras noites dos Inconfidentes de Minas (1792) por A. de Pascual, Rio, 1868.

—Miscelanea, contendo—Um Juizo sobre o acontecimento que teve lugar em Caracas em 24 de Janeiro de 1848; Un Recuerdo de Colombia, Caracas, 1856; Interesses, Perigos e Garantias dos Estados do Pacifico nas regiões orientaes da America do Sul, Paris, 1866; Resposta ás cartas do Dr. Alberdi sobre os interesses argentinos na guerra do Paraguay, Buenos-Ayres, 1865; Documentos relativos á declaração da guerra, Buenos-Ayres, 1864; Navegação dos rios affluentes do Prata—Buenos-Ayres, 1857; Relações entre a Hespanha e os Estados do Rio da Prata, Madrid, 1861, por D. Jacintho Albistur; A Política brazileira no Rio da Prata ante as calumnias do Partido Blanco, Buenos-Ayres, 1864.

—Miscelanea, contendo «Perú y Equador», questão internacional, Lima, 1861; Terrenos Baldios do Equador, 1858; Discursos do Barão de Cotegipe, Tratados de Assumpção, Rio, 1873; Um Episodio da Revolução de 1854 no Perú, Lima, 1855; Correspondencia trocada entre o Governo imperial e o da Republica Argentina relativa aos tratados com o Paraguay, Rio, 1872.

—Miscelanea, contendo a «Historia do Direito Romano de Giraud», em castelhano pelo Dr. F. Jimenez, Valencia, 1854; Refutação ao Relatorio da Commissão do Senado de Nova Granada sobre o tratado de amizade e limites da Republica com o imperio do Brazil; Questão promovida pelos agentes

consulares da França e da Inglaterra em Nova Granada (1858).

—Miscelanea, contendo—«O Chile em 1858» por André Cochut; Discurso pronunciado em La Paz no dia 2 de Dezembro de 1867 pelo padre Dr. Escobari em acção de graças pelo natalicio de D. Pedro II; A Guerra do Prata em 1865 (Londres, 1865); A esquadra e a opposição parlamentar por Affonso Celso, Rio, 1868; Relatorios da repartição de estrangeiros do Brazil em 1836 e 1845; Relatorio sobre os actos da commissão mixta para conhecer e decidir das reclamações norte-americanas contra a Venezuela, 1868.

—Miscelanea, contendo—«Tableau General de la Province de Saint-Paul» par Auguste de Saint-Hilaire, Paris, 1851; Vespuce et son premier voyage par F. A. de Varnhagen, Paris, 1858; Relatorio ao Congresso de 1858 da Venezuela sobre o estado das relações exteriores, emigração e instrucção publica; Tratado de paz, amizade e limites entre a Republica Mexicana e os Estados Unidos, 1848; Exame de alguns pontos da Historia Geographica do Brazil por Varnhagen, Paris, 1858; Discursos do Cons. Cruz Jobim em 1848 na Camara dos Deputados do Brazil.

—Miscelanea, contendo «Questão de limites entre a Republica Argentina e o Governo do Chile» por Manoel Ricardo Trelles, Buenos-Ayres, 1865; Proclamações de Simão Bolivar, libertador da Colombia, New-York, 1853; As Relações dos Governos Inglez e Brasileiro, Londres, 1865; Corographia do Chile para uso dos emigrantes dos Estados-Unidos e da Europa por Daniel Hunter, New-York, 1866, com um mappa; Relatorios das relações exteriores do Brazil em 1841, 1843 e 1845; Resenha dos principaes portos de commercio da costa da Republica Dominicana por F. A. R., Santo Domingo, 1853.

—Pelo Director da Secretaria dos negocios do interior do Estado do Amazonas; Relatorio apresentado ao Governador do Estado do Amazonas pelo Secretario dos negocios interiores, em 1898.

—Pela redacção do *Diario da Bahia*; Indicador Geral da Viação do Brazil, por J. Cateysson; O

Echo da liberdade, por Salles Souza. Saudação a Ruy Barbosa em sua visita ás officinas do *Diario da Bahia*, pela redacção e corpo typographico da mesma folha.

—Pelo cidadão *João Ribeiro do Amaral*: Apon-
tamentos para a historia da revolução da Balaiada,
na provincia do Maranhão, parte 1ª 1837 a 1839; O
Estado do Maranhão em 1896, pelo offerante.

—Pelo socio *Nicolau T. Carneiro da Cunha*:
Quatro cedulas paraguayas de 3 pesos, e um tinteiro
de metal que pertenceu ao General Rasquin, na
Campanha do Paraguay.

—Pelo cidadão *Goetz de Carvalho*: Monographias
Patrias e Cabral perante a historia, pelo offerante.

—Pela *Secretaria do Interior*: Um Mappa da di-
visão judiciaria do Estado da Bahia, 1899.

—Pela *Directoria Geral de Estatística*: O Rœcen-
seamento do Estado de Alagoas em 31 de Outubro
de 1896.

—Pelo socio *Cons. Guimarães Cerne*: 30 vols. de
sua obra—*Ordenações em vigor*, e uma moeda de
cobre, portugueza, cunhada em 1731.

—Pelas *respectivas redacções*: Revista Portugueza
Colonial e Maritima, n. 18, 3º vol.; Bulletin de la
Société de Géographie Commerciale de Bordeaux,
ns. 6, 7 e 8; Boletín de la Sociedad Geográfica de
Madrid, n. 17, 1899; Revista Maritima Brasileira,
n. 9, 1899; Bulletin de la Société de Géographie
Commerciale du Havre, 4º trim. de 1898; La Cultura
Geográfica (Firenze, Italia) n. 5; Revista do Museu
Paulista, vol. 3, 1898; Bulletin of the American Geo-
graphical Society, n. 1 vol. 31; The National Geo-
graphic Magazine, ns. 3 e 4, vol. 10; Revista dos Tri-
bunaes (Bahia) n. 4, vol. 14; Boletino de la Sociedad
Geográfica de Madrid, ns. 10, 11 y 12, Tomo XL;
Comptes Rendus de Seances, n. 2, Fevereiro, 1899.

65ª SESSÃO EM 3 DE MAIO DE 1899

SESSÃO ORDINÁRIA EM COMEMORAÇÃO DO 5º ANIVERSÁRIO DA
 INSTALAÇÃO DO INSTITUTO

Presidencia do Exm. Sr. Cons. Salvador Pires

Aos 3 dias do mez de Maio de 1899, á 1 hora da tarde, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, presentes os socios: Cons. Drs. Salvador Pires, Luiz Vianna, João Torres, Filinto Bastos, Eduardo da Silva e Bráulio Xavier, Drs. Satyro Dias, Braz do Amaral, Abílio de Carvalho, Faria Rocha, Octacílio Santos, Mello Mattos, Innocencio Góes, João Cerqueira, Fernando Koch, Alfredo de Andrade, Alfredo Cabussú, Octaviano Barretto, Arlindo Fragoso, Julio da Gama, Reis Magalhães, Silva Lima e Julio Barbuda, Conegos Ludgero Pacheco e Manfredo de Lima, Padre Luiz da França, Professores Torquato Bahia, Elias Nazareth, Borges dos Reis e Austricliano Coelho, Comendador Joaquim Manuel de Sant'Anna, Major Sabino Pedreira, Capitão Ferreira Braga, Eduardo Carigé, João Freire, Barbosa Coelho, Octaviano Solidade, Eloy Guimarães, Henrique Prager, Castro Menezes, Pharmaceutico Alvaro da Motta e Silva, Isaias Santos, e grande numero de visitantes, cujos nomes constam do livro de presença, entre os quaes o distincto litterato Henrique de Coelho Netto, foi pelo Sr. Cons. Presidente declarado estar aberta a sessão, sendo convidado o Exm. Sr. Cons. Luiz Vianna, Governador do Estado, a tomar assento á meza.

Foi lida e approvada, sem debate, a acta da sessão anterior.

O Sr. Cons. 1º Secretario declarou que o expediente constava de duas propostas, a saber: uma, assignada pela commissão especial do Centenario, propondo para socio correspondente o distincto litterato brasileiro, Henrique de Coelho Netto, residente na Capital Federal, e a outra, assignada por numero

legal de socios, indicando para socio effectivo o Dr. Julio Afranio Peixoto, as quaes foram com urgencia remettidas á commissão respectiva.

Em seguida o Sr. Cons. Presidente expoz os motivos por que havia convocado a sessão, sessão ordinaria, sem a commemoração festiva do costume, referindo-se ao que se passou na ultima sessão, em que ficou deliberado não fazer-se festa por causa das grandes despezas que o Instituto está fazendo com as obras de adaptação do predio que adquiriu; e passando a apresentar ao Instituto o distincto litterato, Sr. Henrique de Coelho Netto, fez a este as mais justas e honrosas referencias, congratulando-se com o mesmo Instituto pela visita que lhe fazia esse illustre homem de lettras, cujo elogio certamente seria feito pelo orador official.

Dada a palayra ao Dr. Braz do Amaral, orador do Instituto, fez este, novamente, a apresentação do Sr. Coelho Netto, a quem a commissão incumbida das festas do centenario da descoberta do Brazil havia proposto para socio correspondente, como uma homenagem ao seu merecimento; referiu-se aos trabalhos dessa commissão para a commemoração daquelle grandioso acontecimento, salientando o auxilio que tem ella encontrado por parte do Governo do Estado, nomeadamente com a designação do cidadão Major Salvador Pires de Carvalho e Aragão e do consocio Alfredo Soledade para, no Suldo Estado, fazerem os estudos necessarios á resposta de quesitos apresentados; e leu parte de importante memoria historica sobre o Castello da Torre de Garcia d'Avila, na Comarca da Matta de S. João, neste Estado, que foi ouvida com geral satisfação.

Sendo lidos os pareceres da Commissão de admissão de socios sobre as propostas, pouco antes apresentadas, foram approvados, por escrutinio secreto, os cidadãos propostos, sendo então proclamados, pelo Sr. Cons. Presidente, como socio correspondente o Sr. Henrique de Coelho Netto e como socio effectivo o Dr. Julio Afranio Peixoto.

Pedindo a palayra o Sr. Coelho Netto, agradeceu

a sua acceitação para socio do Instituto, e, alongando-se em considerações, manifestou sua gratidão á Bahia pelo modo cavalheiresco porque o recebeu, e, particularmente, referiu-se ao papel importantissimo que ao Instituto cabe representar em todos os departamentos de sua actividade; sendo, ao terminar, muito felicitado.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão ás 2 1/2 horas da tarde, e de tudo, para constar, eu, 2º Secretario, lavrei a presente acta e assigno.—
Isaias de Carvalho Santos.

Approvada em sessão de 14 de Maio de 1899.—
Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.—João Nepomuceno Torres.—Isaias de Carvalho Santos.

66ª SESSÃO, EM 14 DE MAIO DE 1899

Presidencia do Sr. Cons. Salvador Pires

Aos 14 dias do mez de Maio de 1899, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios Cons. Drs. Salvador Pires, João Torres e Filinto Bastos, Drs. Innocencio Góes, Alfredo Cabussú e Julio da Calasans, Capitão Ferreira Braga, Coronel Barbosa Coelho, Commendadores Salvador Pires e Joaquim Manoel de Sant'Anna, Horacio Urpia, Eduardo Carigé, Henrique Prager, Eloy Guimarães, Nicolau Tolentino e Isaias Santos, foi aberta a sessão, sendo lida e approvada sem discussão a acta da sessão anterior.

O expediente constou da seguinte communicação feita pelo Sr. Cons. Dr. João Torres, 1º Secretario, relativa a diversas offeras feitas ao Instituto, a saber:

Pelo mesmo conselheiro, 1º Secretario: Um mappa dos Estados Unidos do Brazil, desenhado e gravado sob a direcção do Barão do Rio Branco; pelo socio Eduardo Carigé, e organisadas por elle,—Coordenadas Geographicas da costa do Estado da Bahia, pelo

meridiano do Rio de Janeiro; pelo Dr. Vieira Lima, «Atalás de Chateaubriand com os desenhos de Gustavo Doré, traducção de Guimarães Braga; pelo socio professor Borges dos Reis, o Almanek do Estado da Bahia para 1899, organizado pelo mesmo; pelo socio Major Sabino Pedreira, uma moeda de prata de 1696, portugueza, de 320 rs.; pelo socio Dr. Isaias Santos duas moedas da Republica do Uruguay uma de bronze e outra de prata; e pelo cidadão coronel Raymundo Magalhães dois tembetás encontrados no municipio dos Poções e uma amostra de pedras de ferro das serras do municipio.

O Sr. Cons. Presidente declarou o motivo da sessão, que fôra convocada na fôrma dos Estatutos, para a eleição da meza administrativa e das commissões para o exercicio de 1899 a 1900; mas, por não haver numero legal de socios presentes, convocava nova reunião para o proximo domingo, devendo ser feitos os convites pela imprensa.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão ás 2 horas da tarde, e de tudo, para constar, eu, Isaias de Carvalho Santos, 2.^o Secretario, lavrei a presente acta que vae devidamente assignada.

Approvada em sessão de 21 de Maio de 1899.—
Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.—João Nepomuceno Torres.—Isaias de Carvalho Santos.

67.^a SESSÃO, EM 21 DE MAIO DE 1899

Presidencia do Exm. Sr. Cons. Salvador Pires

Aos 21 dias do mez de Maio de 1899, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, a 1 hora da tarde, presentes os socios: Cons. Drs. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, João Nepomuceno Torres, Pedro Mariani e Filinto Bastos, Drs. Deocleciano Ramos, Bonifacio Faria Rocha, José Octacilio dos Santos e e José Julio de Calasans, Conego Manfredo Alves de

Lima, Pharmaceutico Luiz Filgueiras, Coronel Ernesto Barbosa Coelho, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, Eloy Guimarães, Commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Henrique Prager, Major Sabino Pedreira do Couto Ferraz, abriu-se a sessão, sendo approvada sem discussão acta da sessão anterior.

Não houve expediente.

O Sr. Cons. Presidente deu noticia do fallecimento do socio fundador Cons. Dr. João Baptista Guimarães Cerne, no dia 7 do corrente mez, e, depois de fazer as mais justas referencias aos serviços por elle prestados ás letras patrias, propoz que se inserisse na acta um voto de pezar por tão infausto acontecimento, o que foi unanimemente approvado.

Em seguida o Sr. Cons. Dr. Filinto Bastos, pedindo a palavra, leu a communicacão feita por Ernesto de Sá Bittencourt Camara Junior a mandado de seu pae, coronel Ernesto de Sá Bittencourt Camara, residente na cidade de Camamu, deste Estado, offerecendo ao Instituto um camafeu de louça brasileira feito pelo bacharel José de Sá Bittencourt Accioly, alguns annos antes de 1773, representando o retrato de D. Maria I de Portugal; lendo tambem apontamentos biographicos, referentes ao mesmo bacharel Accioly.

Em seguida, pelo Sr. Cons. Presidente, foi dito que, na fórma dos Estatutos, ia-se proceder a eleição da meza e das commissões, e, começando a votação, depois de concluida a chamada, verificou-se haver sido recebidas 16 cédulas para cada votação, e, sendo apuradas, deram o seguinte resultado:

Para Presidente: Cons. Salvador Pires, 15 votos; Dr. Satyro Dias, 1.

Para 1º Vice-Presidente: Dr. Satyro de Oliveira Dias, 15 votos; Cons. Pedro Mariani, 1.

Para 2º Vice Presidente: Cons. Pedro Mariani 14 votos; Conselheiro Filinto Bastos, 2.

Para 1º Secretario: Cons. João Nepomuceno Torres, 15 votos; Francisco Calmon, 1.

Para 2º Secretario: Dr. Isaias de Carvalho Santos, 15 votos; Cons. Filinto Bastos, 1.

Para Supplentes de secretario: Dr. Atilio de Magalhães Carvalho e Major Aloysio de Carvalho, 16 votos a cada um delles.

Para Thesoureiro: Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, 15 votos; Eloy Guimarães, 1.

Para Orador: Dr. Braz Hermenegildo do Amaral, 15, votos; Dr. Octaviano Muniz Barretto, 1.

Para Substituto do orador: Cons. Dr. Filinto Justiniano Ferreira Bastos, 13 votos; Conego Manofredo Alves de Lima, 3.

Commissões:

Admissão de socios: Dr. Alfredo Cezar Cabussú, Dr. Atilio de Magalhães Carvalho e Professor Austriano Francisco Coelho, 14 votos cada um, havendo 2 cedulas em branco.

Fundos e Orçamento: Horacio Urpia, 14 votos; Commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e Eloy de Oliveira Guimarães, 13 votos cada um, e duas cedulas em branco.

Redacção da Revista: Dr. Reis Magalhães e Dr. Innocencio Munoz de Araujo Góes, 14 votos cada um; Cons. Dr. João Nepomuceno Torres, 13; Cons. Dr. Filinto Bastos, 1 e duas cedulas em branco.

Manuscriptos e Documentos: Dr. Antonio Calmon du Pin e Almeida, 14 votos; Cons. Filinto Justiniano Ferreira Bastos e Conego Manofredo Alves de Lima, 13 cada um; Dr. Deocleciano Ramos, Padre Luiz da França dos Santos, 1 cada um e duas cedulas em branco.

Geographia, Historia e Ethnographia: Cons. Dr. Pedro Mariani, 14 votos; Dr. Francisco Marques de Góes Calmon, 13; Pharmaceutico Luiz Filgueiras, 12; Henrique Prager, 1 e Conego Ludgero dos Humildes Pacheco 1, havendo duas cedulas em branco.

Estatistica e Demographia: Engenheiro Affonso Glycerio da Cunha Maciel e Pharmaceutico Adolpho Diniz Gonçalves, 14 votos cada um; Dr. José Alvaro Cova, 13; Dr. Deocleciano Ramos 1 e duas cedulas em branco.

Topographia e Archeologia: Dr. Julio da Gama, Professor Torquato Bahia e Henrique Praguier, 14 votos cada um, havendo duas cédulas em branco.

Philatelia, Numismatica e Ceramica: Professor Elias de Figueiredo Nazareth e Dr. Manoel Bonifacio da Costa, 14 votos cada um; Dr. Bonifacio de Aragão Faria Rocha, 13 e duas cédulas em branco.

Mappas, Retratos e Cartas Geographicas: Professor Antonio Alexandre Borges dos Reis e Alfredo Octaviano Soledade, 14 votos cada um; Conego Ludgero dos Humildes Pacheco, 13; Dr. José Julio de Calasans, 1 e duas cédulas em branco.

Biographias: Dr. Joaquim dos Reis Magalhães, Dr. Manoel Joaquim de Souza Britto e Dr. Guilherme Pereira Rebello, 14 votos cada um.

Findo o processo eleitoral, foram proclamados pelo Sr. Cons. Presidente como eleitos os socios e os mais votados, e empossados os membros da mesa, que se achavam presentes.

Pelo socio Dr. Isaias Santos foram offerecidos em nome do Engenheiro Genesio Sampaio Neves diversos *specimens* do reino mineral para serem distribuidos pelas secções respectivas e entre elles um machado de ferro pertencente a indigenas do Piauhy, bem como um *specimen* de pedra hume em bruto, extrahido de uma jazida, tudo do lugar denominado St. João do Piauhy, no Estado do Piauhy.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão ás 2 1/2 horas da tarde; e de tudo, para constar, eu, Isaias de Carvalho Santos, 2º Secretario, lavrei a presente acta e assigno.—Isaias de Carvalho Santos.

Approvada em sessão de 25 de Junho de 1899.—

Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.—João Nepomuceno Torres.—Isaias de Carvalho Santos.

OFFERTAS

Mez de Maio

—Pelo socio Dr. *Guilherme Studart*: Revista Hydrotherapica do systema Kneipp, 3º anno, n. 2, 1899; Adolpho Caminha e a sua obra litteraria (discursão pronunciado na sessão commemorativa do «Centro litterario» em 8 de Fevereiro de 1897); Lei organica do Centro Cearense; Quadro synoptico dos Nomes Indo-Brazileiros, sua reivindicacão e pórorócas, pelo Conego Raymundo Ulysses de Pennafort; Boleim Trimestral do Centro Cearense, ns: 1, 2 e 3 de Maio de 1898 a Janeiro de 1899.

—Pela *Secretaria do Interior, Justiça e Instrucção Publica*: Relatorio do Director da Secretaria do Interior, Justiça e Instrucção Publica apresentado ao Dr. Satyro de Oliveira Dias.

—Pelo Dr. *Alfredo Barros*: Obras completas do Marquez de Santa Cruz, Arcebispo da Bahia, D. Romualdo Antonio de Seixas, dadas á estampa pelo Padre Romualdo Maria de S. Barroso, 1 vol.

—Pelo socio *Eduardo Carigé*: Coordenadas geographicas da costa do Estado da Bahia pelo meridiano do Rio de Janeiro, e pelo mesmo organisadas.

—Pelo socio Cons. *João Torres*: Um mappa dos Estados Unidos do Brazil, desenhado e gravado sob a direcção do Barão do Rio Branco.

—Pelo Dr. *Vieira Lima*: «Atalá» do Visconde de Chateaubriand com os desenhos de Gustavo Doré, traducção de Guilherme Braga; Pernambuco ao Marquez de Pombal, em commemoração do 1º centenario do grande estadista, numero unico, pela commissão executiva do Gabinete Portuguez de Leitura.

—Pelo socio Professor *Borges dos Reis*: O Almanak do Estado da Bahia para 1899, 2º anno, pelo mesmo organizado.

—Pelo socio Major *Sabino Pedreira*: Uma moeda de prata de 1696, de 320 rs., portugueza.

—Pelo socio Dr. *Isaias Santos*: Duas moedas, sendo

uma de prata de dez cent. da Republica do Uruguay.

—Pelo cidadão Coronel *Raymundo de Magalhães*: 2 tembetás encontrados no municipio dos Poções e uma amostra de ferro das serras do mesmo municipio.

—Pelo Sr. *José Luiz da Fonseca Magalhães*: Doutrina do Real, por Prospero Pichard; Resumo da Historia da Pedagogia, por Cirne Junior; O Centenario do Infante D. Henrique; Considerações sobre o Presente e o Futuro de Portugal, por Nogueira Soares; Juristas Philosophos, Criminologia e Epochas e individualidades, por Clovis Bevilaqua; Origens Poeticas do Christianismo e Antologia Portugueza, por Theophilo Braga; Contos tradicionaes do povo portuguez, por Theophilo Braga; Os naufragos das ilhas Auckland, por F. E. Raynal; Guarda Nacional, por Josino do Nascimento; Historia Antiga, por João Ribeiro; O Vandalismo no Rio Grande do Sul, por Euclides Moura; A Obra Prima da Irmandade da Misericordia do Porto, por Cherubino Lagóa; A Synagoga no Porto por Cherubino Lagóa; Cousas do Mar.

CONS. GUIMARÃES CERNE

Consignando nas paginas da *Revista* os traços biographicos do illustrado magistrado e consocio Cons. João Baptista Guimarães Cerne, presta o «Instituto» merecida homenagem á sua memoria.

Espirito jovial e de grande erudição, distinguu-se sempre pela probidade e rectidão de character no exercicio das altas funcções que conquistára por merecimento proprio, e pelo seu animo activo contra toda sorte de oppressões.

Poeta de merecimento notavel, era no tráto íntimo lhano e affavel, grangeando a estima de seus collegas e amigos, principalmente quando apreciava com ditos chistosos os homens e as coisas do seu tempo: era igualmente um parente distincto e um pae de familia exemplar.

D'A *Vida Valenciana* extractamos as notas biographicas do illustre conterraneo, quando registrou o seu passamento.

Filho legitimo do coronel José de Oliveira Guimarães e de D. Leopoldina Rosa de Pinho Guimarães, já fallecidos, nasceu o Cons. João Baptista Guimarães na cidade de Valença, deste Estado, a 24 de Junho de 1846.

Falleceu na cidade da Bahia a 7 de Maio do corrente anno de 1899, com 53 annos incompletos.

Em Fevereiro de 1858 entrou para o Gymnasio Bahiano sob a direcção do Dr. Abilio Cezar Borges, onde fez o curso de preparatorios, dando sempre as mais brilhantes provas do seu talento.

Seu pae destinou-o á carreira ecclesiastica, cursando no seminario de Santa Thereza, a qual aban-

donou logo por falta de vocação, seguindo em 1864 para o Recife, em cuja academia de Direito formou-se em 1870.

Na jornada academica, foi um dos academicos mais populares e estimados, sendo as suas produções poeticas publicadas em livro—*Pavos e Tracos*—, muito apreciadas pelo humorismo que as distinguia, e que mereceram de Tobias Barretto honrosos elogios.

Depois de formado, abriu banca de advogado em Valença, e dedicando-se á magistratura exerceu os cargos de promotor nas comarcas de Ilhéos e Taperoá, e juiz municipal e de orphãos nos termos de Valença e Porto-Seguro.

Foi juiz de direito nas comarcas de Botucatu, S. Paulo, em 1880, que se achava conflagrada, Porto-Calvo, em Alagoas, do Rio Pardo, em Minas, Camamu e Matta de S. João, na Bahia.

Na orgnisação da magistratura estadual em virtude da Lei n. 15 de 1892, foi aproveitado para juiz do Tribunal de 1ª instancia, que mais tarde foi extinto, passando os juizes a exercer funcções de juiz de direito em varas privativas.

Depois de brilhantes provas em dous concursos, foi nomeado conselheiro do Tribunal de Appellação e Revista em 1897, publicando por essa occasião sob o titulo—*Ordenações em vigor*—paciente e volumosa compillação das Leis Philippinas.

Nesse cargo, foi forçado a aposentar-se um anno depois, por estar physicamente inhabilitado para o serviço publico, a que cousagrou mais de 25 annos.

No regimen monarchico, filiado sempre ao partido liberal, exerceu mais as funcções de chefe de secção da Secretaria do Governo da Bahia, por instancias do presidente Cruz Machado, secretario do governo do Paraná e chefe de policia de Sergipe.

Como litterato, fazia parte de associações scientificas e litterarias, e collaborou em varios jornaes publicando versos humoristicos de bastante merecimento, dos quaes se destacam «*Os Puffs de um Sertanejo*» sobre a interminavel estrada de ferro do Joazeiro.

donou logo por falta de vocação, seguindo em 1864 para o Recife, em cuja academia de Direito formou-se em 1870.

Na jornada academica, foi um dos academicos mais populares e estimados, sendo as suas produções poeticas publicadas em livro—*Favose Travos*—, muito apreciadas pelo humorismo que as distinguia, e que mereceram de Tobias Barretto honrosos elogios.

Depois de formado, abriu banca de advogado em Valença, e dedicando-se á magistratura exerceu os cargos de promotor nas comarcas de Ilhéos e Taperoá, e juiz municipal e de orphãos nos termos de Valença e Porto-Seguro.

Foi juiz de direito nas comarcas de Botucatu, S. Paulo, em 1880, que se achava conflagrada, Porto-Calvo, em Alagoas, do Rio Pardo, em Minas, Camamu e Matta de S. João, na Bahia.

Na orgnisação da magistratura estadual em virtude da Lei n. 15 de 1892, foi aproveitado para juiz do Tribunal de 1ª instancia, que mais tarde foi extinto, passando os juizes a exercer funcções de juiz de direito em varas privativas.

Depois de brilhantes provas em dous concursos, foi nomeado conselheiro do Tribunal de Appellação e Revista em 1897, publicando por essa occasião sob o titulo—*Ordenações em vigor*—paciente e volumosa compillação das Leis Philippinas.

Nesse cargo, foi forçado a aposentar-se um anno depois, por estar physicamente inhabilitado para o serviço publico, a que cousagrou mais de 25 annos.

No regimen monarchico, filiado sempre ao partido liberal, exerceu mais as funcções de chefe de secção da Secretaria do Governo da Bahia, por instancias do presidente Cruz Machado, secretario do governo do Paraná e chefe de policia de Sergipe.

Como litterato, fazia parte de associações scientificas e litterarias, e collaborou em varios jornaes publicando versos humoristicos de bastante merecimento, dos quaes se destacam «*Os Puffs de um Sertanejo sobre a interminavel estrada de ferro do Joazeiro*».

Deixou ineditos, um trabalho que destinava ás escolas primarias—farta collecção de enigmas—adaptados á intelligencia infantil, escriptos em espi-rituosos versos, e um dictionario de rimas nacionaes, infelizente incompleto.

Foi casado em primeiras nupcias com a Exma. Sra. D. Maria Augusta Gomes da Silva, filha do Dr. José Gomes da Silva, de Nazareth, e poetisa distincta.

Deste consorcio, que teve logar em Fevereiro de 1872, não deixou filhos.

Em segundas nupcias, a 6 de Agosto de 1881, desposou D. Marcolina Cardoso, distincta alumna-mestra diplomada pela Escola Normal, e professora publica da cadeira da Barra, nesta capital, da qual se havia demittido por esse motivo.

E' filha do fallecido desembargador Sebastião Cardoso, uma das glorias da magistratura brasileira.

Deixa desse consorcio seis filhos menores, um dos quaes cursa com distincção o Gymnasio da Bahia.

E' mais uma perda que o «Instituto» lamenta, associando-se á sua Exma. familia, e aos nossos distinctos consocios seus dignos irmãos e cunhados.

NOTICIARIO

Predio do Instituto. Isenção de decimas

*A commissão de Justiça tomando em consideração a petição da direcção do *Instituto Historico e Geographico da Bahia*:

Considerando ser de inteira justiça o que a mesma direcção pede, principalmente quando todas as associações têm obtido deste Conselho favores identicos, é de parecer que, attendendo á utilidade dos serviços reaes prestados ás lettras patrias, seja adoptado o seguinte projecto de lei:

O Conselho Municipal da capital da Bahia decreta:

Art. 1.º Fica isento do pagamento de decima urbana o predio n. 13, sito á Praça 15 de Novembro, pertencente ao *Instituto Historico e Geographico da Bahia*.

Art. 2.º A presente isenção vigorará desde o 2.º semestre do corrente anno.

Art. 3.º Revogam-se as disposições em contrario. Bahia e sala das Commissões, 20 de Dezembro de 1898.—*Manuel Querino*.—Dr. *Glycerio Velloso*.—

LEI N. 355

O Conselho Municipal da capital da Bahia decreta:

Art. 1.º Fica isento do pagamento da decima urbana o predio n. 13, sito á Praça 15 de Novembro, pertencente ao *Instituto Geographico e Historico da Bahia*.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

Paço do Conselho Municipal da capital da Bahia, 22 de Maio de 1899.—(Assignado) Dr. *Manuel de Assis Souza*, vice-presidente.—*Sergio Severiano da Cunha*, 1º secretario.—*Manuel Raymundo Querino*, 2º secretario.

Publique-se e cumpra.

Gabinete da Intendencia Municipal da capital da Bahia, 30 de Maio de 1899.—(Assignado) Dr. *Antonio Victorio de Araujo Falcão*.

Centenario do Brazil

Ao eminente bahiano Dr. Ruy Barbosa, dirigiu a commissão do «Instituto Historico», incumbida dos festejos de commemoração do descobrimento do Brazil, a seguinte carta:

«Bahia, 12 de Maio de 1899.—Exm. Sr. Cons. Ruy Barbosa.—A commissão executiva nomeada pelo *Instituto Geographico e Historico da Bahia* para dar cumprimento ao programma da commemoração do 4º centenario do descobrimento do Brazil, tem a honra de saudar a V. Ex. e pede desculpa de interromper por momentos a attenção que V. Ex. presta aos altos interesses da nossa patria commum.

Estando incluída nesse programma uma edição especial illustrada da carta de PEDRO VAZ CAMINHA AO REI D. MANUEL, por ser um documento primordial da historia do Brazil, a commissão resolveu edital-a em Lisboa, onde se conserva o original, reproduzindo-a em *fac simile*, e em seguida em orthographia moderna; mas, para realçar o valor deste preciosissimo documento, ella julgou indispensavel ornal-o com um prefacio traçado por penna amestrada e de reconhecida proeminencia entre as dos nossos mais celebrados escriptores contemporaneos.

E' este valiosissimo subsidio que a commissão vem solicitar do patriotismo de V. Ex. e de seu amor á terra que se desvanecce de lhe ter sido berço, na esperanza de que, dignando-se acceitar este pedido,

concorra para abrilhantar a festa bahiana, commemorativa do primeiro contacto da civilisação européa com a barbaria dos povos que occupavam o Brazil pre-historico.

Tendo de attender ao prazo de três mezes, ou até o fim de Agosto, no maximo, fixado pelos editores de Lisboa, para a remessa de autographos, photographias e informações e ao numero limitado de paginas que comporta a edição contractada, a commissão vê-se na contingencia de ajuntar ao seu pedido estas restricções de tempo e de espaço, que lhe foram impostas, e que, sendo benevolamente acceitas, importarão um segundo favor, que duplicará para com V. Ex. a divida do seu reconhecimento.

(Assignados) *Dr. José Francisco da Silva Lima. — Satyro Dias. — Pedro Mariani Junior. — Horacio Urpia. — Conego Mansfredo Alves de Lima. — Aloysio de Carvalho. — Dr. A. A. de Andrade. — Antonio A. Borges dos Reis. — Dr. Braz do Amaral.*

A commissão de nove membros, eleita pelo *Instituto* para promover os meios de commemorar o 4.º centenario da descoberta do Brazil, de accordo com um dos numeros do programma assentado, solicitou do Sr. Dr. Governador do Estado, a nomeação de pessoas habilitadas para fazerem uma descripção exacta, o que até hoje não existe, de Vera Cruz, onde aportaram as naves que nos trouxeram a civilisação européa.

Sua Ex. accedendo a este tão justo pedido, escolheu o Sr. Major Salvador Pires e Aragão e o Sr. Alfredo Soledade photographo, que farão um estudo minucioso, photographando pontos que isso mereçam.

SECRETARIA DO INTERIOR, JUSTIÇA E INSTRUÇÃO PUBLICA

De ordem do Exm. Sr. Cons. Governador do Estado, nomeio uma commissão composta do engenheiro major Salvador Pires de Carvalho e Aragão e Alfredo Octaviano Soledade, para proceder sobre

o littoral deste Estado, onde ancorou a esquadra de Cabral, aos estudos e as averiguações necessárias para a elucidação das questões que se referem ao descobrimento do Brazil, de accordo com as indicações offerecidas pelo «Instituto Historico e Geographico da Bahia».

Secretaria do Interior, Justiça e Instrução Publica do Estado da Bahia, 28 de Abril de 1899.—
Dr. Satyro de Oliveira Dias.

A commissão formulou os seguintes pontos para serem estudados pela commissão nomeada pelo governo.

Como se vê da relação abaixo publicada, os interessantes trabalhos confiados ao Sr. major Salvador são inteiramente novos, não tendo encontrado a commissão documento algum a respeito, que lhe pudesse servir de subsidio á execução da parte do programma que se refere á memoria commemorativa do descobrimento.

1.—Desenho de toda a costa de Santa Cruz, para o norte principalmente.

2.—Sendo possível, deve ser sondada a bahia para dentro do Recife, de Porto-Seguro, para o norte até a Corôa-Vermelha, em diversos pontos, assim como o braço de mar ou canal que fica entre a Corôa-Vermelha e a terra firme.

Como este trabalho é quasi irrealisavel agora, bastará nas proximidades de Santa Cruz para o norte.

3.—Aquarella de toda a zona que nos interessa, de modo a obter a tonalidade em côr dos verdes e das areias, etc., o que é necessario para que o trabalho que se vai fazer na Europa não represente uma costa de Portugal sem *nuances* que não sejam nacionaes.

4.—Um mappa comprehendendo toda a bahia Cabralia.

5.—Tirar photographias (si fôr possível do mar)

ou em falta, de alguns pontos que se prestem, de modo a termos reprodução, em maré cheia e vazia, da Corôa-Vermelha e da costa, o que nos dará também o relevo da terra, e idéa da altura da serra que se levanta a pouca distancia do mar, etc.

6.—Explorar a terra firme, procurando verificar si existe algum marco ou pedra deixada allí antigamente, assim como qualquer inscripção que por ventura exista em alguma pedra, etc.

7.—Verificar qual o ponto (fonte ou riacho) em que ha agua, e que foi, portanto, onde se abasteceu a esquadra de Cabral, e que é de presumir não tivesse ancorado longe desse ponto.

8.—Procurar verificar qual o ponto da costa que melhor se pode prestar para a celebração da missa, e especialmente para a collocação do padrão ou grande cruz de madeira, que allí deixaram os portuguezes, pois é de presumir que tivessem escolhido algum promontorio ou ponto mais elevado e descoberto para ser bem visto, especialmente do mar.

9.—Descrever, o mais minuciosamente que fôr possível, toda aquella parte da costa, o seu estado actual, povoamento e, si fôr possível, explorar para o interior, procurar vestigios dos indios que portuguezes allí encontraram.

10.—Indicar precisamente onde deve ser assentada a cruz de pedra, que para lá vamos mandar. Si será melhor collocal-a na Corôa-Vermelha ou na terra firme, ou si será mais conveniente proximo á entrada do porto de Santa Cruz.

Não se deve perder de vista que ella deverá ficar em ponto tal, que permitta vel-a bem do mar.

11.—Procurar na costa interior ou praia da bahia Cabralia, o ponto ou pontos em que podiam ter atracado com facilidade os botes ou lanchas dos navios da esquadra, pois é natural que procurassem angras, calhêtas ou surgidouro, si por ventura toda a praia não é accessivel.

12.—Prestar attenção neste estudo, e informar-se dos pescadores de Santa Cruz, quaes os ventos rei-

nantes nos mezes de Abril e Maio, e quaes os pontos que nesta quadra dão melhor desembarque.

13.—Procurar informações seguras e estudar não só tudo o que possa interessar sobre as correntes oceanicas na costa, especialmente nas proximidades da bahia Cabralia, como saber quaes as variações reinantes em fins de Abril e principios de Maio e quaes os logares ou atracação a embarcações pequenas dentro da Bahia.

14.—Trazer em photographias e aquarellas a idéa mais completa do Monte Paschoal, sendo as chapas tiradas em horas differentes e devendo as aquarellas indicar os diversos aspectos do monte em tempo claro e encoberto, quando elle se descortina todo do mar, ou quando se acha parcialmente envolto em cinzeiro ou nevoas.

PROJECTO DE LEI PARA AS DESPEZAS DO CENTENARIO

Em sessão de 2 de Junho foi apresentado o seguinte projecto na Camara dos Deputados, abrindo o credito para as despezas do Centenario:

Art. 1.º Fica o governo do Estado auctorisado a abrir um credito extraordinario até cem contos de réis para as despezas a fazer com o centenario da descoberta do Brazil.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

Em camara, 2 de Junho de 1899.—*J. Octacilio.*—*Francisco Zulcão.*—*Marciano Sampaio.*—*Sallustiano Vianna.*—*Cerqueira Lima.*—*Fernando Koch.*—*Oliveira Porto.*—*Souza Britto.*

CONCURSOS LITTERARIOS A PREMIO

A commissão executiva da commemoração do 4º centenario do descobrimento do Brazil, na Bahia, pela commissão para esse fim especialmente eleita, declara abertos dois concursos, de accordo com n. 5

do programma approvedo em sessão plena, realisada no edificio da intendencia municipal:

1.—Para um drama de assumpto nacional, o qual será levado á scena num dos theatros desta capital.

2.—Para um poema descriptivo do descobrimento do Brazil ou um esboço historico sobre o mesmo assumpto.

São condições dos concursos as seguintes:

1.—A entrega do original dentro de um prazo, terminando ás 3 horas da tarde de 31 de Dezembro de 1899.

2.—A assignatura dos trabalhos apresentados com um pseudonymo, acompanhando-os carta explicativa, convenientemente lacrada, desvendando o pseudonymo adoptado.

3.—Os dois trabalhos preferidos no julgamento (o drama e o poema) darão direito a cada um dos seus autores a premios de 1:000\$000.

4.—A commissão executiva incumbir-se-á de mandar imprimir á sua custa os dois trabalhos premiados, cabendo aos auctores 100 exemplares da sua producção.

5.—Ficam de todo garantidos aos auctores os direitos de propriedade.

6.—Os trabalhos que não forem premiados, serão restituídos, guardando-se sobre elles completo sigillo si assim fôr necessario.

Bahia, 15 de Junho de 1899.—Dr. *Satyra de Oliveira Dias*.—*J. Octacilio d's Santos*.—*Aloysio de Carvalho*.—Dr. *Braz H. do Amaral*.—*Alfredo A. Andrade*.

Sobre os trabalhos do centenario lê-se ainda no *Diario da Bahia*:

A Commissão do «Instituto» incumbida de levar a effeito a commemoração do centenario reuniu-se em casa do seu digno presidente, o Dr. Silva Lima, para ouvir a leitura do relatorio do Sr. major Sal-

vador Pires de Carvalho e Aragão, de volta do sul do Estado onde foi estudar a Bahia Cabralia.

Ficaram, entretanto, firmadas diversas deliberações, como a adopção dos modelos das medalhas que serão cunhadas por occasião dos festejos, a impressão autographica e em orthographia moderna da Carta de Caminha, em livro luxuoso, ornado de gravuras, dando a idéa do que é actualmente a paragem em que se abrigou Cabral.

O relatório apresentado excedeu a expectativa da commissão, firmando pontos dubios da nossa historia, apontando de modo incontestavel o ribeirão Mutary como o em que se abasteceu a esquadra descobridora, o local da primeira cruz, etc. O estudo da bahia foi muito bem feito, com sondagem de 10 em metros, dimensões de recifes, sua fórma, etc.

O documento, que mereceu elogios, é acompanhado de mappas, aquarellas, muitas e excellentes photographias, amostras de rochas, terrenos, areias e madeiras, e contém 19 capitulos referentes á Bahia Cabralia, além de um sobre Porto-Seguro. Aquelles são: 1.º A Bahia Cabralia; 2.º aspecto geral da costa; 3.º a Corôa-Vermelha; 4.º rios e ribeiros; 5.º Santa Cruz; 6.º o fundo da Bahia; 7.º sondagens; 8.º marcos; 9.º onde se abasteceu de agua a esquadra de Cabral; 10, onde foi collocada a primeira cruz; 11, pontos onde podem atracar embarcações pequenas; 12, vestigios de indios encontrados por Cabral; 13, flora e fauna; 14, onde deve ser levantada a primeira cruz; 15, dimensões da nova Cruz; 16, terrenos e culturas; 17, o monte Paschoal; 18, correntes oceanicas, 19, o que se pode esperar desta zona para o futuro.

CONCURSO PARA O MONUMENTO DE PEDRO ALVARES CABRAL
NA BAHIA

A mesa da commissão do centenario da descoberta do Brazil, na Bahia, resolveu abrir o concurso entre artistas residentes no Brazil e Portugal para a apresentação de projectos do referido monumento, observadas as seguintes determinações:

I.—Os artistas residentes no Brazil e em Portugal que desejarem apresentar-se neste concurso devem remetter á mesa da commissão do centenario, na Bahia, os seus projectos até o dia 30 do mez de Novembro do corrente anno, devendo conter os mesmos projectos, além das indicações technicas indispensaveis para a sua approvação, a descripção dos principaes detalhes artisticos.

II.—Cada projecto deverá ser acompanhado do respectivo orçamento com descriminação de cada uma das partes principaes do monumento.

III.—Em egualdade de circumstancias será preferido o projecto que obedecer ás regras do estylo manuelino, usado em Portugal no tempo da descoberta do Brazil.

IV.—O monumento deverá comportar, no socco, ou onde parecer mais esthetico e conveniente, bustos ou medalhões representando quatro ou mais homens notaveis da Bahia, nos tempos coloniaes e após a independencia.

V.—As dimensões do monumento deverão quanto possivel circumscrever-se ás convenientes para a sua accommodação em uma praça de metros quadrados.

VI.—O auctor da proposta classificada em primeiro lugar pela commissão, ouvida a Escola de Bellas Artes, receberá a quantia de cinco contos (5:000\$000) pelo direito de propriedade do mesmo projecto, que ficará pertencendo ao Estado da Bahia, ficando o mesmo auctor com direito á adjudicação da construcção do monumento, si as condições exigidas para tal fim convierem á commissão.

VII.—O projecto classificado em segundo lugar dará direito a seu auctor, ao premio de quinhentos mil réis (500\$000), ficando ao arbitrio da commissão dar aos desenhos e ornamento deste projecto o destino que entender.

VIII.—Os projectos não classificados serão remettidos aos seus respectivos auctores.

SUMMARIO DO N. 20

	Paginas
A Litteratura Brasileira Colonial, pelo Dr. Antonio da Cunha Barbosa.	161
Ephemerides Cachoeiranas (Mez de Junho) pelo Dr. Aristides Milton.	207
Municipio dos Poções (Comarca da Con- quista) pelo Dr. Tranquilino Torres.	253
Centenario do Brazil. O primitivo e o actual Porto-Seguro	269
Actas das Sessões e Offertas (Abril e Maio)	293
Necrologia:	
—Cons. Guimarães Cerne	3
NOTICIARIO. Deliberações tomadas pela Commissão do Centenario do Brazil na Bahia	215
